



Edição
EDGARD DE CARVALHO
São Paulo
Rua Liberdade, 788





J. DE ALENÇAR, A.

AS MINAS DE PRATA

ROMANCE.

III.

RIO DE JANEIRO.

B. L. GARNIER, EDITOR

69,—RUA DO OUVIDOR,—69

—
'1865.

OBRAS DIVERSAS.

As nodoas de sangue, drama em 3 actos por João d'Aboim, 1 vol. \$640

O recommendado de Lisboa, comedia original em 1 acto, pelo mesmo, 1 vol. \$500

O homem põe e Deus dispõe, comedia original em 2 actos, pelo mesmo, 1 vol. \$500

A sombra do sineiro, drama tragico burlesco em verso, em 3 actos, por Araujo, 1 vol. \$800

Um segredo, por Arnould, traduzido do francez, 1 vol. 2\$000

As ruinas do meu convento, historia contemporanea, ornada de primorosas estampas, 2 volumes in-4. 5\$000

Viagem á roda de Lisboa, por Bordalo, 1 volume in-4. 2\$000

Luiza e Victoria ou o trabalho e a virtude, traducção do francez, 1 vol. in-8.º 1\$600

Uma victima, drama original em 3 actos, por Antonio Mendes Leal, 1 vol. in-8º \$640

A louca de Pelvoux, por Elias Berthet, traduzido do francez, 2 vol. in-4. encad. 4\$000

Hosanna, por Camillo Castello Branco, 1 volume brochado. \$640

AS MINAS DE PRATA

LIVRARIA GARNIER

69 RUA DO OUVIDOR 69

POESIAS de B. J. da Silva Guimarães, 1 vol. in-4º	6\$000
29 OU HONRA E GLORIA , comedia-drama de costumes militantes, em 3 actos e 4 quadros, por José Romano...	1\$000
TIRADENTES OU AMOR E ODIO , drama historico em 3 actos, por José Ricardo Pires de Almeida.....	1\$500
POR CAUSA DE MEIA PATACA , comedia em 1 acto, por José Alarico Ribeiro de Rezende.....	\$500
O PHENOMENO ou O FILHO DO MYSTERIO	\$500
PELAILO ou A VINGANÇA DE UMA AFFRONTA , drama em 4 actos, por A. M. de Souza.....	1\$000
O FECHAMENTO DAS PORTAS , farça dedicada ao caixiro mais patusco do Rio de Janciro.....	\$500
O MARIDO APOQUENTADO , comedia em 1 acto	\$500
OS INGLEZES NO BRASIL . comedia em 2 actos por D. José Lopes de la Vega.....	\$500
O ENGAJAMENTO NA CIDADE DO PORTO , comedia em 1 acto.....	\$500
SIMÃO O LADRÃO , drama em 4 actos.....	1\$000
OS VESTIDOS BRANCOS , drama em 2 actos, ornado de canto, por L. Gozlan.....	1\$000
GASPAR HAUSER , drama em 2 actos por Anicet-Bourgois et d'Emery.....	1\$000
CLARA HARLOWE , drama em 3 actos, entremeiado de canto, por Dumanois, Clairville et Guillard.....	1\$000
OS DOIS SERRALHEIROS , drama em 5 actos, por Felix Piat.....	1\$000
MADemoiselle de Belle-Isle , drama em 5 actos por Alexandre Dumas.....	1\$0.0

J. DE ALENCAR.

AS MINAS DE PRATA

ROMANCE.

III.

RIO DE JANEIRO.

B. L. GARNIER, EDITOR

69,—RUA DO OUVIDOR,—69

—
1865.

TYPOGRAPHIA DE QUIRINO & IRMÃO
rua da Assembléa n. 54

I

Quando as uvas são mais saborosas que os beijos.



Palos é uma pequena cidade da Hespanha, sobre o Atlantico, na embocadura do Tinto.

Si nasceste nas plagas da America, esta *magna parens* dos rios gigantes, das montanhas ciclopicas e das florestas seculares ; si a aurora da vida foi para ti illuminada pelas esplendidas magnificen-

cias do sol tropical ; vem, irmão, ajoelha nesta plaga estrangeira.

Foi aqui o berço primeiro da civilização para a tua patria americana.

Deste pequeno porto, aos 3 de agosto de 1492 se partiu Christovão Colombo, rumo do desconhecido. Levava tres navios apenas ; mas levava-o á elle o seu genio. Errou setenta dias, devassando a immensidade dos mares, lutando contra o poder dos elementos conspirados, e a maldade dos homens descrentes.

Deus o tinha sagrado ao martirio da gloria. Aos 12 de outubro de 1492 dava Colombo um mundo ao mundo.

Mais de tres seculos depois na mesma data 12 de outubro de 1822 devia um heroe, D. Pedro I, dar um imperio á America.

Essas duas datas memoraveis se olhão na historia do novo mundo, como acaso se contemplarião de longe as estatuas colossaes dos dois heroes, erectas sobre gigantesco pedestal, á norte e sul do vasto continente americano.

Ves tu, além, sobre o painel erriçado da pequena cidade, aquellas ruinas monumentaes, que

veste a recente fabrica, qual sudario a cobrir um esqueleto carcomido pelos vermes?

•E' o antigo convento da *Rapita*, aonde retirou Christovão Colombo, miseravel na opulencia do seu genio, rebutalho da incredulidade, tragando escarneo e fel. Ahi amparado pela fortaleza d'alma e a fé robusta na sua idéa, esperava.

Esperava, sim, que houvesse rei de alguma nesga esteril de terra europeia para se dignar de accetar o mundo que elle andava offerecendo em vão!

Oito annos esperou.

Já o tinhão repellido Genova sua patria e Portugal, a moderna Phenicia. Hespanha o acolhera friamente, e mais por espirito de rivalidade. Tarde e só quando viu o leopardo inglez estirar sobre as futuras indias occidentaes, as garras que depois fisgaram as indias orientaes, resolveu ella accetar de má vontade, a mais sumptuosa conquista, que povo algum já realisou.

Depois do convento dilatão-se as veigas e os vales amenos que aformoseam essa parte da Hespanha.

Vamos pelas margens pittorescas do Tinto, que desce dos cimos de *sierra Morena* regando os

frondosos vinhedos. De espaço a espaço entre as cortinas das parreiras assomam os alvos casaes e as grangearias : a vida ali é calma e serena como a correnteza do rio, onde se espelha o céu azul da formosa Andaluzia.

Em um dos casalinhos que bordavam a margem esquerda, vivia em 1595 um pobre vinhateiro. Ramon era descendente de uma familia de escudeiros nobres ; mas preferira a vida independente e tranquilla do campo : tinha pouca familia, mulher e filha, nenhuma ambição. A geira de terra que herdara bastava á modesta subsistencia ; e nos bons annos lá entravão para o modesto mealheiro alguns reaes destinados ao dote de D. Dulce.

Era Dulcita uma formosa menina de quinze annos, pura flôr andalusa : olhos grandes, de avelludado negro, olhos de gazella; o labio vermelho como os bagos doces das romans de Granada ; na tez a rosea pubescencia dos pecegos de Almeria ; o porte de sultana, e a trança opulenta como a crina virgem do corsel arabe.

O relancear de uns lindos olhos que vos raptam os espiritos e os enleiam n'um continuo viver e desviver ; os tentadores *olhos furtados*, como lhes

chamou Camões, feiticeiro requebro que os castelhanos dizem melhor com uma só e breve palavra, *ojeaar*; esse condão, ninguém o teve já-mais, como ella o tinha. Na sua palpebra rosada, como na fimbria do oriente, fazia-se o dia e a noite; havia ali para a alma de quem a adevrava auroras resplandecentes e suaves crepusculos.

Si Djezir o mavioso poeta arabe, a vira sorrir, acreditara que as mais finas perolas de Ophir rolavam entre cascatas de rubins de Golgonda; ou que todas as rosas odoríferas de Gulistan se desfolhavam em cascatas dos labios da houri mais mimosa do própheta.

Como as princezas encantadas das mil e uma noites, Dulcita esperava o seu principio andante. Elle veio a proposito, disfarçado em moço de almoceve. O incognito por certo podera ser mais gentil.

Isso foi por uma bella tarde dos ultimos dias de abril, tepida e perfumada, como são as tardes da primavera sob o céu da Andaluzia, nos valles ensombrados de laranjeiras em flôr. A brisa suspirava á medo, o rio lambia as margens, como lambe o cordeiro os brancos vellos da ovelha adormecida. Um rouxinol preludiava a canção

maviosa no espesso e florido rosal. Longe tinha o som argentino de uma campainha, que tangia o passo tardo das mulas de carga, trilhando caminho da cidade.

Dulcita, retirada á um canto do pomar, á beira do rio, dava os ultimos pontos a uma linda mantilha que destinara á funcção da maia. Enquanto as agulhas ligeiras passavam e repassavam cerrando as estreitas malhas do torçal, estavam já á revoar-lhe no pensamento as dansas, e os alegres folgares, e os lindos descantes da proxima festa. Já se via admirada e perseguida pelos rapazes que disputavam a ventura de bailar com ella a primeira cachuxa. E de nenhum se agradava, sinão que á todos os regeitava.

Nisto apparecia um lindo *majo*, formoso como um anjo e nobre como um infanção, tão bem composto das feições gentis, e tão alindado das luzidas galas, que era um gosto ve-lo. Chegando lhe deitara os olhos, captivos já; e veio para ella, e veio bailando, e atirou-lhe o desafio. Dulcita estremezia e corava, de pejo tambem, porém mais de prazer. O pé mimoso e subtil já lhe titillava no chapim broslado e os dedos insofridos estalavão as castanholas...

Ai dôr !... De tão enlevada que a tinham os ledos pensamentos se esquecera de si, e começou não de pensamento, sinão de verdade, a estalar nos dedos as sonhadas castanholas. Eis que as agulhas resvallando pelo regaço saltaram do terrado e foram cair no rio. Com ellas se afundaram também as ingenuas alegrias de tão meigas scismas.

Dulcita embaçou de afflicção.

Como poria ella agora remate ao seu lindo véo? E sem o seu lindo véo, tão malfadado, como ousaria ella mofina e desconsolada, apparecer na festa entre as outras majas tão aprimoradas do traço?

Vão-se-lhe os olhos magoados pela correnteza das aguas e com elles as lagrimas á desfiar pelas faces como orvalho da noite rorejando as pallidas boninas que o sol desbotou.

Quem vos dera, sonhado mancebo e gentil principe, serdes ali presente para enxugar o dorido pranto e remir com todo o vosso puro sangue castelhano uma só daquellas raras perolas de Ceilão!

Embebida em seus enlevos, á sonhar da festa, não vira Dulcita approximar-se da beira do rio,

por entre o arvoredado basto um rapasito que tocava tres mulas de carga. Havia ahi um bebedouro. Emquanto matavam a sede e resfolgavam os animaes fatigados da caminhada, o moço recoveiro lavara o rosto e as mãos cobertas de pó, e se repousava no tronco derreado de um velho salgueiro. Para amenisar o descanso, sacara do alforge um alfarrabio sovado e roido nas pontas, e proseguiu na leitura já avançada. Era a obra, que assim lhe prendia a attenção um volume truncado dos muitos que deixou Lope da Veiga sob o titulo de *Autos sacramentales*.

Lia o rapazito quando os estalinhos que dava a menina, imaginando repinicar as castanholas, o fizeram erguer olhos para o pomar. Julgou ver ali uma das virgens dos paineis de Navaretto, *el mudo*, o mais gracioso dos pintores daquelle tempo. Esteve contemplando-a até o momento em que as agulhas cahiram.

O recoveiro ergueu-se devagarinho; tinha na phisionomia a astucia do gato.

— O que dera a *nina* a quem lhe achara suas agulhas?

Dulce soltou um pequeno grito de espanto vendo

o rapazito: quiz fugir, mas logo accodiu-lhe uma idéa risonha.

— E' *ustêd* que as tem?

— Não as tenho, não, porem as terei querendo Deus.

— Verdade, verdade? exclamou a menina não se cabendo em si de contente.

— Tão verdade, que as estou vendo daqui. Mire!

De feito o moço da posição em que estava, via brilhar sobre a branca areia no raso d'agua cristalina, illuminada pelas resteas do sol, as duas agulhas de aço; bastou-lhe mergulhar a mão para que as apanhasse. Feito o que, agitou-as no ar, como um troféo.

— Traga! Traga! exclamava a menina desfeita em risos.

— Que me dará a menina?

— Tudo e mais si o tivera eu; *pero* não tenho nada.

— Tem, tem!

A menina ficou suspensa, entre contente e pensosa, com os olhos fitos no rapaz. Só então reparou ella na formosura do alvo semblante, que realçavam as vestes de lâ côr de pinhão. Tinha o

moço o corpo esbelto e em toda pessoa a arrogancia castelhana, que perfumavam ares de muita graça e gentileza.

Dulcita lembrou-se do seu *majo* e sorriu :

— Si você me dá minhas agulhas, para acabar minha mantilha, para compor o meu traje, para me ir á festa da maia, para dansar a cachuxa?... Que lhe darei eu ?

— Sim, que me dará você ?

— Darei... Darei que seja meu cavalleiro !

E dizendo isto sorriu ainda. Ella sabia, a vaidosa, pezar da ingenua innocencia, que essa palavra abria o céu ao feliz mortal que a recebesse. Como não ficou quando viu que o rapazito em vez de cahir de joelhos a seus pés e render-lhe mil vidas, abanava a cabeça com mostra de indifferente.

— Serei seu cavalleiro sim. *Pero* não basta ! disse o moço.

Dulcita inclinou a fronte melancolica, murmurando :

— Que mais posso eu dar ?

— Veja a menina : respondeu o rapazito.

Novo raio de luz, desta vez acceso em rubor, seintillou no rosto da andaluzita :

- Ah! sei já! Darei... Darei...
- O que?
- Darei que me beije a mão.
- Também quero; mas é pouco.
- Deus Santo! Não acaba hoje de querer?
- São duas as agulhas! Serve á chiquita uma só?
- Não! As duas! Quero as duas!
- Então?

Dulcita bateu o pé com impaciencia. Teve im-
pectos de recolher-se. Mas o seu véo por acabar?
E a função da maia tão sonhada?

O sangue hespanhol borbulhou no coração de
quinze annos.

Avançou a cabeça com certa petulancia, pou-
sando a ponta do dedo sobre uma das rosas que
abrirá em cada face. Nos labios, que frisava o des-
peito, espontava um beijo; no olhar havia um
ponto de interrogação vivo e instante.

O *muchaxo* sorriu á graciosa pantomima.

— Sim! respondeu elle.

— Está contente emfim? balbuciou a menina.

— Ainda não.

— Ai! que você é muito máo!

— Eis o pago que me dá por ter achado o
que estava perdido! acodiu o rapaz.

— Diga pois d'uma vez o que quer ?

— Digo mesmo ?

— Diga sem medo !

— Jura a menina que não me recusará ?

Dulce estremeceu, presa de vago terror : estremeceu, como a sensitiva, sem ver do que; mas era andaluza ; poz os olhos no céu e o pensamento em Deus ;

— Juro ! disse a voz breve e decidida.

— Mui bem ! A chiquita terá suas agulhas, si por cima da cachuxa...

— Estou ouvindo !

— E por cima dos quatro...

— Quatro, senhor meu ! Dois, não mais !...

— Um em cada mão, um em cada face...

— Mas não ! Mas não !...

— Bem contados, dois e mais dois fazem quatro !

— Não darei senão um ! Foi o promettido.

— Pois fique-se a menina com elle, e eu me vou com as minhas agulhas.

— Já que você o quer, sejam quatro embora ! E' só isto ?

— Por cima disto ha de dar a menina...

— Que cousa ? diga logo !

— Esse cacho de uvas... que ali está... o maior !

A menina saltou como um passarinho ; n'um fechar d'olhos cortou com a thesouura de costura o cacho de uvas, alegre por se ver quite á tão bom mercado. Pobresinha ! Ainda tremia do susto que passára !

— Aqui o tem !

O rapazito estendeu a mão :

— Mão para lá, mão para cá. Minhas agulhas?...

— Uma só ; a outra quando vier o resto.

— Pois tome-lo já !

Não se fez regar o *muchaxo* ; saltando no pomar, pregou dois beijos em cada mão e tres em cada face da menina. Depois sentado no chão debulhou o cacho de uvas, enquanto Dulcita ainda vermelha como uma cereja recuperava o tempo perdido, trançando as malhas de véo.

De vez em quando a menina se distrahia para olhar o rosto de cherubim do pequeno recoveiro, e nesses momentos suspirava. Quanto ao rapaz erguia tambem os olhos, mas para comparar o cacho de uva que devorava, com os outros que pendião das parreiras.

— Como se chama voce, cavalleiro ? perguntou a menina.

— Vilarzito.

— Tem um nome mui gracioso.

— Si lhe gosta, tome-lo a menina para si.

— Ave Maria ! Para mim ?

— Não faltam nomes. Deus os dá de graça aos pobres como aos ricos.

— Porém... Não vê ? O nome de meu pai-sinho só o posso trocar eu pelo de meu maridito !

— Não seja esta duvida ! Serei eu seu maridito.

— Mil graças, cavalleiro ! Meu marido, quem elle fôr, ha de me suspirar um anno, me querer dois e esperar tres que lhe queira eu ! Serve-lhe isto ?

— Serve mui bem ; pois casar, senhora minha, com perdão de voce, o mais tarde é sempre o melhor ! E antes disso tenho eu muito que fazer por este mundo !

— Pois vá-se por elle fóra, aqui me quedarei eu. Não faltam cavalleiros em Andaluzia !

— E chiquitas formosas !... Em Castilha nascem ellas como flores pelos caminhos.

— Ah ! voce é castelhano ?

— Da velha Castilha. Sou de Burgos, a valente, sim, senhora ! Sou da patria do *Cid-el Campeador*,

« Que cingiu a velha espada,
De Mudarra o castelhano,
E foi-se a vingar a affronta
Do infame conde Loçano ! »

O rapazito se tinha erguido ; cantarolando a antiga trova popular de Castilha, açaava o talhe esbelto e meneava a cabeça com tão nobre galhardia, que a menina poz-se ingenuamente á admirá-lo.

Talvez murmurasse ella em sua alma, como Dona Chimene aquella doce palavra do romance, *mio Cid!*

No emtanto Vilarzito chegára á cerca do pomar e chamava com um signal particular aos recoveiros, as mulas que já se iam affastando á retouçar a verde relva da margem do rio.

— Você é almocreve, D. Vilarzito ? perguntou a menina.

— Sou poeta ambulante, como meu mestre D. Miguel Cervantes de Saavedra ! respondeu o rapaz com certa arrogancia picaresca.

— Pois que você vai á pé tocando suas mullas em vez de cavalga-las, cuidei !...

— Isto é para correr mundo. Fiz-me moço de um arrieiro, um *bribonazo* ; porém não o sirvo

eu, antes me serve elle a mim, pois me paga, mui mal, é verdade. Quanto á ir eu á pé, me agrada mais. D. Ruy de Bivar, meu compatriota, andava com seus pés : todo o bom castelhano deve fazer assim. Isto é que é nobre ! A sella se fez para as mulheres, pois que são fraquinhas.

Houve uma pausa no interessante dialogo : Dulce suspirava trançando as malhas do véo ; Vilarzito olhava a menina á sorelfa, e seus olhos iam della ao parreiral. Por fim o rapazito coçou a cabeça e pareceu reflectir :

— Não esqueça a chiquita que me deve uma cachuxa !

— Tenho palavra, eu, D. Vilarzito, ainda que não devera ter pois já tomou mais que o devido !

— O passado, passado ! Você me deve uma cachuxa, eis o certo.

— Sem duvida, e a pagarei.

— Quando ?

— Porém !... Na festa da maia !

— Está longe ainda.

— Faltam só seis dias.

— Em seis dias fez Deus o mundo.

— Que pretente você com isto ?

— Ninguém sabe o que póde succeder até lá !
O melhor, quer a menina que lh'o diga ?

— Falle, D. Vilarzito.

— Pois que a menina me deve, uma cachuxa,
podemos cambia-la já por mais dois sós...

— Mais dois !... exclamára a menina, com as
faces á arder em rubor.

— Senhora, sim ; não é muito !

— Com os dez que já tomou você fazem uma
duzia ! Para o primeiro dia !...

— Porém não ! Lembre-se a menina que não
me deu mais que um, e não foi o maior !

— Ai ! São cachos de uvas os dois ?

— Então ! Cuidava que eram beijos ! Depois, não
digo que não !

— E por uvas perde você de ser meu cavalleiro !
disse a menina com enfado. Não é galante, D. Vi-
larzito.

— Não ha homem galante em jejum, ainda,
quando elle seja um castelhano. Quizera ver no
meu logar um que tivesse almoçado um padre
nosso, e jantado cruces na boca.

— Como ! Está você ainda em jejum ?

Sem esperar resposta a menina saltou ligeira, como
a gazella das campas nativas e desapareceu entre

as cortinas de parreiras. Voltou logo trazendo sob o avental uma naca de queijo e pão.

— Aqui tem, D. Vilarzito; jante, que me dá nisso prazer.

— Não tenho fome já! respondeu o rapazito com soberba e desdem. Guarde a menina sua esmola para os perros que a pidão.

As lagrimas saltaram dos olhos da menina:

— Não se anoje comigo! E' Deus que nos dá a todos o pão nosso de cada dia! Receba você d'elle, não de mim. Apenas serei eu sua servente!

Assim fallando Dulcita se approximára do moço; tinha ella mil caricias no olhar, e ainda maiores meiguices no gesto: a voz suspirava como um canto de sereia.

— Já não está anojado? Diga que não! Diga-o para socego meu!

— Não o estou, não, pois que a menina não soube o mal que fez!

— Mui bem! Seja galante assim! Agora jante!

— Não o poderei, ainda que queira. As uvas comi-as eu, por que as ganhei com meu trabalho, não as mendiguei!

— E' certo : porém, tão grande foi o serviço, que isto por cima não o paga ainda.

— Para não magoar a menina, guardarei para depois !

— Isso mesmo !

— E agora vou-me que é tarde ?

— Já ? Tão cedo !

— A noite ahí chega; e eu ainda não cheguei á cidade.

— Quando verão agora esses meus olhos a seu senhor ?

— Que lhe dera a menina para ve-lo ?

— Quanto elle quizera !

— Os que faltam para completar a duzia ?

Dulcita fez um leve signal com a cabeça, e cerrou corando as longas palpebras : o rapazito posou não dois, mas uma cascata de beijos em cada face.

— San Thiago de Compostella! exclamou perto uma voz tremula.

Era de uma velha que chegára a tempo de ver o que passava debaixo do parreiral.

— E' sua mãesita ? perguntou Vilarzito á menina em voz baixa.

— E' a servente ! murmurou ella envergonhada.

O rapaz voltou-se com ar imperioso :

— Vem cá, velha, acompanha á casa minha esposa.

— E' possivel ? exclamou a aia.

— Adeos, querida ! Até amanhã.

— E vai-se sem perguntar meu nome ?

— Basta que o saiba o padre na Igreja. Para mim será a doçura de minha alma.

— Sim ; pois me chamo *Dulcita*, quero se-la para quem agora sómente sou.

Vilarzito beijou de novo as faces de sua amante ás barbas mesmo da velha, e calcando o sombrero na cabeça partiu-se, altivo como um rei.



II

Como as azas começam de crescer á mariposa.



Era um gosto ver o menino *âguador* que em 1589 os passeadores de Burgos encontravam todas as tardes deante do Palacio Vellasco: tão gentil se mostrava elle de sua pessoa, e tão prendado de sua graça infantil.

Chamava-se Vilarzito, tinha 12 annos; her-

dára o nome e o officio do pae, que o deixára só no mundo. A mãe, essa nem lográra, misera e mesquinha, beijar o filho que fôra todos os seus extremos. Era mulher de muita religião, e especial devota do grande S. Ignacio de Loyolla. Sempre que ia á Igreja, ficava horas e horas em doce arroubo dos sentidos deante de um grande quadro a oleo, onde tinham representado a imagem em pé do Santo ao vulto natural. Quando Deus lhe destinou marido, ella não cessava de rogar ao céo um favor :

— Meu divino Santo Ignacio, si de todo não vos despresaes desta serva indigna, e que por vossa intercessão Nosso Senhor Jesus Christo me abençoe em o fructo das minhas entranhas, fazei que esse filho seja a copia vossa humilde, assim na compostura das feições, como na vida e obras.

Si exalçára o céo esta prece fervorosa, quem o podia saber ? Em tão verdes annos não era natural que se conjecturasse cousa certa sobre o menino. Intelligencia e ambição foram sim precoces nelle ; tinha a nobreza do parecer ; e estreou na vida como o soldado de Pampelune, pelas armas.

Seu primeiro sonho fôra o heróe popular da

sua patria, o Cid campeador, tão celebrado nas lendas castelhanas : cantando as trovas do romanceiro, o menino sentiu borbulhar o sangue nas veias, e entumecer-lhe o seio de uma nobre emulação. Com os primeiros reaes que apurou, mercando copos de agua nevada, o *aguadorzito* comprou uma espada. Era esta de tamanho desmedido para um homem que fôsse, quanto mais para um menino ; e tão comida já do oxido, que o armeiro a tinha entre os ferros velhos.

— Bem póde ser a espada de Mudarra, a velha espada ferrugenta ! disse o menino comsigo e acariciou os punhos.

Nesse dia a calçada do palacio Vellasco não o viu e as damas de Burgos notaram a falta do esperto e vivo rapasito que as divertia com seus repentinos chistosos, e sabia offerecer um copo de agua nevada com tão fino donaire, para um menino de rua.

Vilarzito tivera mais que fazer. Escondido em um pardieiro, o futuro emulo do Cid esgrimia e ferralhava á valer contra as velhas paredes. O entusiasmo lhe duplicava as forças : a ferrugenta espada carruscava no ar, ferindo fogo no cimento empedernido. Emfim o ardor guerreiro succum-

biu á fadiga ; o rapazito cahiu extenuado sobre a relva e dormiu ao sol, como os cameleões.

Dormindo sonhou torneios e batalhas. Na seguinte manhã tornou á occupação habitual ; mas bem se via pelo nenhum cuidado que dava ao seu mister de aguador, que outro cuidado o tinha. As damas passavam e elle d'antes tão pressuroso em servi-las, quasi nem as olhava agora.

Decorreram dias. Era sobre tarde : Villarzito scismava melancolico na calçada. Achevou-se um homem de guerra, munido de grandes bigodes.

— E' servido você, cavalleiro, de um copo de agua. Mais fresca não a ha em *Serra Nevada* ! gritou o menino, com seu gesto mais amavel, correndo para o soldado.

Este tinha sede e accitou. Os hespanhóes passavam então na Europa por grandes bebedores de agua, pelo que incorreram no desprezo dos allemães.

Villarzito examinava o cavalleiro enquanto elle bebia. Achou-lhe o porto desempenado, o talhe longo ainda que franzino, a barba espessa, e o arrego marcial : porém mais que tudo o impressionara um gilvaz que debruava o rosto

moreno desde o angulo direito da frente até o meio da face esquerda.

— Como se chama você, cavalleiro? perguntou á final o menino.

— Pois não conheces o famoso capitão D. Annibal Achilles de la Fuerte Espada, para as damas o gracioso *Acutilado* e para os homens o terrivel *Acutilador*? .. Sou eu, o proprio que tens a honra de refrescar!... Oh! que é lá isso?... Não tremas, chiquito! E's um pirralho, e mesmo que fôras um homem, tão poucol D. Annibal só acutila os fortes! Aos fracos protege!

Vilarzito não tremia; ficara enlevado:

— Com que é você o grande Acutilador?

— O maior e mais illustre de todas as Hespanhas, o que val dizer do mundo inteiro. Não admira que conheças a minha fama, pois ella enche o universo.

— Já esteve você na guerra, cavalleiro?

— *Caramba!* Si estive eu na guerra?... Porém si nasci nella! Minha mãe me gerou na batalha de S. Quintino entre dois *canhonaços!*

Vilarzito satisfeito com esta resposta, perfillou-se:

— Muito bem, cavalleiro! Você me serve.

— Que vem a dizer isto? Eu te sirvo... Com mil trabucos! Estás varrido, pirralho?

— Escute sempre, homem! Ando eu á procura de um cavalleiro; pois não ha pagem sem seu cavalleiro, e eu me quero pagem. Você é valente: digo-lhe eu que me serve!

D. Annibal soltou uma gargalhada homérica.

— Caramba!... Sempre hei ouvido, que são os pagens os que servem aos amos!

— Alguma vez vai o mundo ás avessas, cavalleiro!

— E' picante o caso! Quanto ganharei eu por ser teu cavalleiro, pois que sou eu quem te servirei.

— Ganhará você a fortuna de me ter por seu pagem, e por cima o gosto de me trazer bem vestido e acontiado!...

— Não queres tambem uma bolsa recheada de duros, bargante?

— Dinheiro!... Não é isso que me come, mas a fama!

O cavalleiro soltou segunda gargalhada:

— Vejam só, uma formiga de catarro!

— Capitão D. Annibal Achilles de La Fuerte Espada!... exclamou o menino com modos de

gente. Mire você... Si me affronta, me dará satisfação e desaggravol...

— Com mil milhões de trabucos ! Eis um picaro que agrada! E's meu pagem. Eu te sirvo...

— Tu me serves, atalhou o menino. Nós nos servimos!

— Tambem sabes as grammaticaes ?

— Quanto basta para escrever ás damas.

— As mil maravilhas !

Uma semana depois Vilarzito, em figura de pagem, se partia de Burgos, cavalgando apoz o capitão D. Annibal um sendeiro chotão, em cujas ancas chocalhava a velha espada ferrugenta.

O primeiro dia de viagem acabou sem novidade ; o segundo foi pelo mesmo theor. O esperto pagem á cata de aventuras entristeceu : ás vezes conversando com os seus alamares (naquelle tempo não se usavam botões) murmurava entre dentes :

— Isto não me quadra.

Veio o terceiro dia : deixaram a pousada ao romper d'alva. Trotando o pagemzito empenava o talhe delgado, e afagava o punho desmedido da catana com a mão pcurruca. Tinha o pescoço tezo, o nariz ao vento : farejava uma aventura.

A' meia legua da pousada cruzaram com os viajantes dois cavalleiros. Saudaram cortezmente ao passar. D. Annibal respondeu á saudação : o pagem ao contrario calcou o sombrero sobre os olhos com um modo soberbo, desdenhoso, olhando de travez.

Ou não viram, ou não deram a isso importancia os dois cavalleiros, e seguiram seu caminho. Vilarzito embaçou com a historia ; mas logo tomou uma resolução.

— Espere você um tantinho, cavalleiro, em quanto eu torno.

— Onde vaes tu, pagem ?

O pagem já não ouvia a pergunta porque dando de redea ao sendeiro e ficando-lhe as esporas, fora-se no encalço dos dois cavalleiros

— Cavalleiros ! Cavalleiros !... Queiram parar.

— Que nos queres tu ?

— Saibam que meu amo, o mui nobre senhor D. Annibal Achilles de la Fuerte Espada, por alcunha o *acutilador*, que ali espera firme como o rochedo, me manda á suas mercês, para dizer-lhes que são uns picaros...

— Caramba ! Engole a palavra, pagem !

— Engulir, eu ! Pois não ! Vou repeti-la tres, cem, mil vezes !

Aqui passando da voz ao grito o menino clamou á pleno pulmão :

— Uns picaros !... Uns grandes picaros !... Uns grandissimos picaros !...

Os cavalleiros não puderam deixar de rir.

— E porque, perguntou um delles, nos maltrata esse cavalleiro, teu amo ?

— 'Porque você não o saudou...

— Não o saudei ! Mal fiz em catar-lhe cortezis, á um villão ruim qual elle é.

— Não o saudou como devia, apeando-se quando passava.

— Sangue de Christo. E' elle o Santissimo Sacramento ? O perro ! Apear-me eu quando elle passava !...

— E' um bravo ! Por isto e pelo mais pede elle desaffronta da injuria que soffreu !

— Desaffronta, quero eu !

— E eu primeiro.

Os dois cavalleiros picaram para D. Annibal, desembainhando as espadas. Vilarzito os seguiu, gritando :

— Ei los cavalleiro. Vamos ensinar-lhes as regras da cortezia.

Os desconhecidos não deram tempo á explicações ; o que primeiro chegou arremetteu contra D. Annibal que mal teve tempo de deffender-se. O segundo fôra mero espectador, si Vilarzito estacando defronte delle com a farrusca em punho o não obrigasse á pôr-se de guarda.

— Quéda-te menino, si não queres que te corte cerce as orelhas !

— Antes que tal gana te venha, te arrancarei os dentes, perrol Deffende-te ! dizia o menino esgrimindo.

O cavalleiro foi obrigado a deffender-se com effeito para não ser ferido ; em dois botes conseguiu desarmar o fedelho, que cahiu ferido no braço. Seu companheiro acabava de estender o bravo *acutilador* que jazia desmaiado, com um segundo gilvaz na face direita.

Os desconhecidos foram seu caminho.

Villarzito desprezando as dores com o estoicismo admiravel das creanças travessas e pertinazes, poz o braço de tipoia ; e assim mesmo. conseguiu pensar as feridas de D. Annibal que voltára de desmaio.

— Vê o que fizeste, diabrete ?...

— Vai tudo ás maravilhas, cavalleiro ; respondeu o menino. Você subiu um ponto na estima das damas ; de acutilado passou a acutiladissimo ! Quanto a mim já tenho nome de guerra, Sou Villarzito, o maneta.

E o pagem mostrou com orgulho o braço na tipoia.

Fôra preciso o talento de Cervantes para contar as aventuras do *pagem andante* e seu cavalleiro. Da amostra e feliz estréa que ahí fica tirem o mais. Basta saber que Vilarzito se acompanhou cerca de tres annos de D. Annibal, fraco espirito que o astucioso menino dirigia a seu bel prazer. Estiveram juntos na batalha de Gromingne em 1596, onde Mauricio de Nassau bateu os hespanhóes. Villarzito fez proezas e concluiu esta celebre jornada salvando o cavalleiro, que por premio de tão assignalado serviço o elevou de pagem á escudeiro.

Assim marchavam as cousas quando acertaram amo e escudeiro de passar por Sevilha. O antigo aguadorzito não tinha visto ainda a maravilha da Andaluzia, com seu alcaçar mouresco, sua magestosa cathedral, e suas *calles* magnificas.

Na tarde em que elles entraram um grande ajuntamento de povo impedia o transito. Pararam elles, como os outros passantes, para ver o que tanto excitava a attenção popular. Era uma *botega* ou officina de pintor: havia sobre o cavalete uma grande tela recentemente acabada: de frente apoiado na penumbra da porta um mancebo, trajando negro, mostrava-se em uma attitude modesta.

Francisco Pacheco, o creador da escola sevillhana, e o predecessor de Vellasques, Murillo e Zurbaran, terminara o seu grande quadro de *S. Miguel*. A multidão admirava com enthusiasmo; os olhares iam da obra ao artista; e as saudações ruidosas que partiam de todos os pontos formavam um só grito:

— Divino!

Vilarzito admirou tambem, não o quadro, mas aquella admiração fervente de que era objecto o pintor. Nesse momento o menino sentiu fervilhar-lhe o sangue, mais ardente ainda do que o sentira outr'ora em Burgos, cantando o romancero do Cid.

— A gloria!... murmurou elle. Em vão a he buscado!... Está aqui!

N'uma circumstancia analoga Raphael Sanzio disse—*Anch'io son pittore!* Era o grito da inspiração, a voz do genio revellando uma vocação. No menino castelhano fallou a vontade sómente: seu grito era o da ambição precoce, intensa no querer, mas vaga ainda no objecto.

— Tambem serei pintor!...

Significava isto: Tambem serei admirado assim, e por conseguinte famoso: tambem verei uma cidade grande, talvez uma nação, o mundo inteiro, agitar-se ao redor de mim, tendo na boca um só nome, o meu.

A custo conseguiu D. Annibal que Vilarzito se apartasse daquella rua, para ir á proxima venda, onde contava pousar. O menino dormiu mal: si dormiu teve sonhos brilhantes. Ao romper d'alva já elle estava de pé á beira do leito do cavalleiro, esperando que abrisse os olhos.

— Cavalleiro, venho apresentar-lhe minhas despedidas.

— Hãn!... Que dizes, tu, escudeiro!... respondeu D. José bocejando ainda.

— Não sou mais escudeiro, pois me parto de você.

— Como ! Queres deixar-me ?

— Já o deixei, cavalleiro !

— Porém... estás sonhando ! Ainda não acordaste bem.

— Acordei hontem, cavalleiro ! E não dormi eu até agora !

Pedidos, promessas e ameaças, foi tudo baldado. Vilarzito partiu-se por uma vez da companhia do cavalleiro : tinha seu plano combinado. Dirigiu-se á officina de Pacheco.

— Deos o salve, mestre !

— E lhe dê sua benção, filho ! respondeu o pintor.

— Não tem você, mestre, necessidade de um aprendiz ?

— Aprendizes não faltam, porém resta saber si são capazes de aprender.

— Sinto eu que sou ! Senti hontem vendo a sua obra, e admirando-a, mestre !

Vilarzito ficou na officina, como aprendiz. Cedo revellou seu talento ; mas era esse unicamente para um genero ainda não cultivado, a caricatura. Incapaz de uma obra séria, o menino estragava qualquer esboço que lhe davam á encher. O mestre arrenegava-se, e o aprendiz

vingava-se caricaturando-o á carvão pelos muros da cidade. O mesmo fazia com todos os que lhe cahiam no desagrado, fossem de qualquer categoria.

Um bello dia, em que elle escapulira da officina em virtude de um forte repellão, desabafava conforme o costume a sua zanga pelas paredes. Nisso parou junto um cavalleiro de 50 annos, na apparencia homem de guerra, e bem maltratado della :

— Que fazes tu ahi, muchacho ?

— Não tem olhos você, cavalleiro, para ver ? Estou pintando : é bem claro !

— Bem vejo que estás borrando essa parede ; porém te pergunto eu que pretendes tu que sejam estas figuras de animaes com rosto de gente ?

O menino encarou com o cavalleiro :

— Este gato é meu mestre, o grande Pacheco, quando lhe chegam a mostarda ao nariz ; crescem-lhe as unhas, e bufa como se ficára espiritado. Este ratinho que zomba do gato e lhe roe os bigodes, aqui o que tem você em pessoa diante de si.

— E's tu, maroto ?

— D. Maroto, senhor cavalleiro, entre gente limpa assim se usa.

O cavalleiro riu de boa vontade. O menino proseguiu, fitando-lhes as feições com um olhar, em que a attenção perspicaz era disfarçada sob uns ares de escarninha malicia.

— Mas ainda falta ao meu quadro para o completar, uma terceira figura, mui interessante. Quer vê-la você?

— Qual ella é?

— Espere um pouquinho.

Em dois traços de carvão o menino desenhou no muro uma figura de jumento com um rosto que bem podia ser o do cavalleiro ali presente:

— Vê. E' um asno com cara de perguntador! disse o menino dando um salto para traz.

Mas o cavalleiro, lesto e agil apezar dos cincoenta, já o tinha filado pela orelha!

— Caramba! Vou te levar a teu mestre, grande picaro, para que elle mire as tuas obras.

— Vejo bem que fiz mal em pinta-lo de asno, pois é um leão! disse o menino forcejando por escapulir.

— Tenho uma só mão, pequeno: mas desta nem o diabo te póde tirar. Socega!

O cavalleiro seguiu com o menino para a officina Bem se conhecia pela expressão de sua phisionomia aberta, que em vez de irrita-lo, a travessura de Vilarzito o divertia.

— Viva, mestre l... disse o cavalleiro entrando. D. Miguel Cervantes de Soavedra, tem a hora de saudar o primeiro pintor de Sevilha, D. Francisco Pacheco.

O mestre inclinou-se :

— A honra é para D. Francisco Pacheco, pois recebe em sua casa o valeroso capitão de Lepante, o mais glorioso poeta e escriptor de todas as Hespanhas.

— Aqui vos trago, mestre, o vosso aprendiz que achei representando-vos em figura de gato e a mim de jumento.

— Não sei já o que faça, D. Miguel Cervantes, á menos de lhe cortar pé e mão, não ha poder com elle.

— Quereis vós um conselho, ainda que não pedido?

— Embora, será melhor agradecido.

— Deixai-o dar pasto ao seu genio. Ha de sahír d'ahi alguma cousa. Vossa arte, mestre,

assim como tem os seus Virgílios e Horácios, por que não terá seus Plautos e Marciaes?... .

O immortal author do D. Quixote, em que já elle trabalhava nessa época, tomou-se de sympathia por Vilarzito. O pequeno caricaturista á carvão tambem de sua parte começou a admirar o grande caricaturista á penna, que ia dar ao mundo a sua satira-epopea. O fel de ironia que vasava desse grande espirito, embebeu-se n'alma infantil e foi a pouco e pouco corroendo as suas doces illusões. O menino descreu das glorias que sonhára ; e acabou por imaginar que não havia maior do que alui-las a todas pelo sarcasmo e escarneo.

Lá n'um certo dia, acordou com esta idéa :

— Vou-me a Salamanca !... Serei poeta satirico !

E de feito partiu-se e foi ter á Salamanca. Courseu as aulas de humanidades, como jogara espada e manejara os pinceis ; com ardor febril, vontade firme, e superior engenho. Fez versos: encheu as paredes de sonetos e glosas escriptas á carvão como as caricaturas de Sevilha. Seria poeta sem duvida, poeta como Lope da Vega, Cervantes, Quevedo, si por infelicidade não so-

breviesse novo accidente para dar outro curso aos impetos dessa impaciente ambição.

Começava de cursar a aula de cosmographia : a descoberta do novo mundo, recente de um seculo apenas, dava aos piovectos thema vasto para as eruditas e compendiosas dissertações. Vilarzito tinha ouvido fallar da America, como terra de ouro, e de Christovão Colombo como um piloto feliz.

Quando sua joven intelligencia, exercitando-se nas controversias de historia e cosmographia começou de entrever a parte que tivera o genio naquella portentosa descoberta ; seu enthusiasmo pelas grandes cousas que o espirito satirico amortecera, mas não extinguiria, accendeu de novo, e talvez mais intenso. Si antes fôra chama fugace, parecia agora ardente labareda de um incendio. Deparou-lhe o destino uma vida de Christovão Colombo, excripta por seu filho Fernando. O moço escholar devorou o livro ; quando o terminou, tinha na cabeça um volcão de idéas ; corriam lavas do cerebro em ebulição ; dos olhos incendidos saltavam chispas de fogo. Esteve assim nessa febre d'alma um dia inteiro : sahio della para exclamar com um tom, de quem era do céo inspirado.

— Porque não descobrirei eu também um mundo? Deve de haver um terceiro, ainda desconhecido, por essa immensidade dos mares!...

E tinha razão. Esse terceiro mundo existia; já elle começára então de surgir do infinito, filho do oceano de quem derivou o nome. Mas a gloria de o descobrir, a providencia não a reservara para o humilde aguador de Burgos, agora estudante em Salamanca. Não obstante, uma semana inteira andou aquelle pensamento a tumultuar-lhe no cerebro. Ao cabo, parece que tomou uma resolução:

— Colombo se partou de Palos. Vou-me eu também a Palos. A'la fortuna!

Vilarzito tinha dois meios de viajar; ou se offercia por pagem á algum cavalleiro, ou tratava com os almocreves para lhes tocar as mulas de carga. Desta vez foi o ultimo expediente o que mais prompto lhe appareceu: de recova em recova, topou a final com uma que fazia o serviço entre Sevilha e Palos. Sua tenção era embarcar ahi como grumete do primeiro navio que o recebesse, e atirar-se á vida do mar. Um dia, não muito longe, havia de subir a sargento-mór e ter ao seu mando uma náó ou mesmo uma

galé. Então se lançaria pela amplidão do oceano, e iria buscar o seu mundo, ainda que o occultasse uma dobra do infinito.

Terminava elle sua viagem, quando a sorte o levou á margem do Tinto, na tarde de 25 de abril de 1595.

Ia descobrir um mundo ; encontrou no caminho uma mulher. Quantas cousas grandes da terra, quantas glorias e commettimentos illustres, não nascem dos orvalhos que esparge um sorriso de amor ? Mas tambem quantas ambições ardentes e nobres estimulos, tem seu cclipse na luz de uns lindos olhos ?



III.

Como o P.^o Cura aprende um caso, que lhe não ensinára seu
leitor de theologia.



E' sol de maio, que lá brilha pelas devezas
floridas do Tinto.

Sob a cupola diaphana de um céu de prima-
véra, tudo é luz, graça e harmonia. Os esplendor-
eres da tarde douram as veigas, e adiamantam

as aguas. Flores, sorrisos do prado, e sorrisos, flores dos labios, desabrocham por toda a parte, e engastam-se onde quer que apparece um rosal perfumado, ou um rosto mimoso. Vão de envolta nas asas da brisa, trinos das aves, rumores do campo, e os ledos descantes de rustico trovador.

Além, á sombra do florido laranjal, folgam os camponezes a festa da maia. As raparigas, conduzidas pelos seus bailarinos, correm á eira preparada para a dança. Ao som do bandolim estalam e crepitam as castanholas; o pé andaluz, que tem do colibri as azas e as subtilezas, voa sobre a relva: a vasquina de seda rodopia na veloz pirueta, como a plumagem iriada da ave graciosa.

Dulce baila com seu querido Vilarzito. A ver o donoso par, os velhos admiram tal graça e formosura; os moços invejam o suave consorcio da belleza e juventude, que o amor celebrava na união dos namorados bailarinos.

Trazia Dulcita, bem onde abria o peito do justilho de velludo preto debruado de ouro, uma rosa do campo, que ali estava como enfiada das que o prazer abria nas faces da donzella; e por

isso se escondia entre os alvos lírios do seio mais mimoso, que amor já palpitou. Girando rapidamente em volta da menina, o gentil muchacho no meio das graciosas floretas, tentava debalde arrebatá-lhe n'um passo gracioso a rosa do seio de Dulce. E como não o conseguisse, ia supplicante ajoelhar aos pés da menina.

Então Dulce olhava-o meiga e compassiva; sorria-lhe depois com certo disfarce, e saltando sobre a pontinha do pé garboso, reclinando e quasi suspensa sobre a cabeça do seu gentil cavalleiro ajoelhado, pairava um instante, como a borboleta sobre as flores. O branco seio arqueando roçava quasi pelos labios do moço a rosa prestes á escapar.

Mas ao menor gesto de Vilarzito, a menina furtava o corpo n'uma rapida pirueta; e lá se ia ella no seu vôo de silphide, entre mil requebros e negaças, trançar novas e mais graciosas figuras; até que Vilarzito vinha outra vez ajoelhar á seus pés: e a pantomima recommençava.

Uma vez, acaso ou proposito, a rosa desprendeuse do seio da bailarina, e cahiu sobre a relva: Dulce correu á apanha-la; porém no momento em que dobrando o talhe flexivel, ia colher a

flor, Vilarzito se interpunha; e em vez da rosa, a menina via o rosto brejeiro de seu dansarino.

Nisto um rapaz que estava entre os espectadores apanhou a flor, e guardou-a no peito do jaleco. Chamava-se elle Vellez e tinha não sei que remoto parentesco com Dulcita.

Vilarzito erguera-se prompto e caminhou direito ao impertinente.

— Dê-me você esta flor que não lhe pertence: disse o muchacho com sua natural arrogancia.

— Sabe você quem sou eu para m'a pedir? replicou Vellez.

Vilarzito medio-o de alto á baixo, e avançando mais, respondeu-lhe mesmo na face:

— Não é preciso saber, pois estou vendo que és um cão e te provarei agora mesmo.

— Ai! meu cutello! exclamou o Vellez dando um salto e desembainhando a adaga. Elle te fará engulir a palavra, birbante!

— Com esta te farei eu vomitar a peçonha, vibora! retrucou Vilarzito sacando tambem a sua navalha.

Ambos afastaram-se a passos largos do lugar da festa. Dulce quizera reter Vilarzito; mas este a repellira com uma palavra:

— Quer a menina amar um castelhano ou um perro ?

A festa continuou como se nada houvera acontecido de maior. O accidente passára despercebido para a multidão ; de resto era cousa tão commum um desafio nesses tempos, que por tal a gente não se abalava.

Para Dulce porém a festa- estava acabada. As suas rosas de maio, como os seus risos de menina, desbotaram subito. O vacuo que lhe deixaram n'alma os doces enlevos e as inefaveis alegrias, encheram logo as ancias, as lagrimas e os tristes presentimentos. Ella não pôde mais dansar sobre aquella relva ; pareceu-lhe que dançaria sobre o tumulo de seu querido amigo.

Preza da viva inquietação, errava pelos campos sem tino na esperança de encontrar Vilarzito ; voltava á maia julgando ali acha-lo já ; partia de novo e tornava, até que vindo á noite foi-se a misera ao seu humilde cazalinho da margem do Tinto.

Recolhendo á camarinha, deu a moça com os olhos n'uma imagem de *Nossa Senhora das Candeias*, que então se venerava na sua Igreja de Sevilha. Dulcita ajoelhou aos pés da Virgem e

fez um voto pela vida de seu amante em perigo, Esteve ali grave e recolhida na supplica fervorosa um tempo esquecido.

Quando ergueu-se era noite fechada ; as estrellas brilhavam no céo ; e pela gelozia aberta entrava a aragem fresca derramando agrestes perfumes.

Esses frouxos raios de estrellas coados pelo azul do céo, de envolta com esses aromas dos vinhedos e laranjaes, traziam uns resaibos de amor e taes delicias á alma, que Dulcita, apezar de sua magoa, sentiu-se attrahida pelas caricias daquella noite de maio.

Sabiu fóra, para que a noite com seus perfumes e misterios a envolvesse toda e escondesse no materno regaço. Ella tremia e palpitava, já preza do susto, já travada de esperança.

De repente Vilarzito ergueu-se diante de seus olhos.

— Ah ! Querido !...

Dulcita exhalou toda a sua alma nessa breve exclamação, e quedou-se extatica diante do moço que a olhava sorrindo. Foi quando Vilarzito passando-lhe o braço pela cintura e chamando-a á si, prendeu no peito do justilho a malfadada rosa

do baile, que donzella a cobrou os espiritos para devolve-los logo no divino sorriso que vòu dos labios.

Apoiada ao hombro de Vilarzito, e erguendo-se nas pontas dos pés, a ingenua menina cobrio de beijos ardentes o rosto do amigo. Afinal um desses beijos foi colhido pela boca do moço. Dulcita estremeceu, suspensa ao labio do amante ; e cerrou as palpebras suspirando.

As duas creanças não sabiam do amor senão o que haviam aprendido nas jacaras e seguidilhas. Amar era para elles uma festa da mocidade, como brincar fôra uma festa da infancia. Os beijos que se davam mutuamente não passavam de innocente travessura. No momento porém em que os seus labios se uniram, um tremor subito abalou-os interiormente, e uma chamma intensa coou pelas veias. No meio desse deslumbramento o santo pudor da innocencia espontou no coração como um espinho.

Afastaram-se envergonhados. Dulcita occultou o rosto na espadua com o gracioso movimento da rola que esconde a cabeça sob a asa para dormir ; porém antes a menina agastada atirára ao rapaz com certa petulancia propria das creanças uma palavra dura.

— Máo ! exclamou ella, accentuando a voz com o gesto da cabeça.

Vilarzito fez-lhe uma careta : voltou-lhe as costas: e começou a puxar os laços que enfeitavam o seu faceiro traje de majó.

Nunca viram como dois ratinhos, que extranho rumor afugentara, voltam ao lugar onde brincavam. Elles deitam a cabeça fóra da toca, espreitam, recolhem rapidos para surdir logo, ariscam um passo, hesitam, voltam, dão uma pequena corrida, cobram animo e encontram-se á final. Assim tornaram uma á outra as duas creanças arrufadas.

Mas já não se beijaram.

Vilarzito contou á menina o seu duello com Nunez. No meio da luta falseára o pé do adversario, que fóra de rojo á terra : o recoveiro atirou-se á elle, calcou-lhe o joelho aos peitos, e com o punhal erguido, obrigou-o á remir a vida restituindo a flôr. O rapaz referio isto com sua costumada fanfarrice, acrescentando que fóra uma felicidade para o Vellez cahir, pois com certeza o matava, si continuasse a resistir.

Acabada a narrativa a menina ergueu-se com uma petulancia andaluza :

— Para que nenhum se julgue mais com direito sobre mim, quero desde hoje pertencer-lhe, D. Vilarzito.

— Que pretende você, Dulcita ?

— Espere !

Ella correu direito á varanda onde estavam reunidos seu pai, sua mãe e a servente. Entrou dansando, piruetou na sala com uma graça inimitavel, e foi cobrir de caricias o rosto crestado do velho camponio.

— Pae, eu tenho quinze annos !

— Has de fazc-los pelo natal, filha ; respondeu o camponio.

— Não importa, acodio a menina, eu tenho quinze annos : preciso de um marido.

— Meu bento Jesus ! exclamou a mãe. A menina perdeu o juizo !...

— Perdeu a mãe o seu quando casou com o pae ? retrucou vivamente a chiquita.

— Bem respondido ! disse o camponio abraçando a filha com ternura.

— Você mesmo é que a tem posto á perder ! resmungou a velha.

— Então, continuou Ramon com bondade, queres um maridinho, Dulce ?

— Quero, sim, pae do meu coração!

— Não te parece que é cedo ainda!

— Cedo!... Nunca é cedo para casar, pae; tarde, sim, costuma ser muitas vezes.

— Pois havemos de procurar um bom marido, um rapaz honrado e trabalhador...

— Não é preciso: acodio Dulce. Eu tenho já.

— Um marido?

— Sim! Um maridinho, e mui gentil! Quer ver, pae?

Antes de receber a resposta sahio aos pulinhos.

A mãe se voltára precipitadamente para a criada:

— Ouves, servente?

— Ouço bem.

— Está espiritada, Senhor Deus!

Dulce voltou trazendo Vilarzito pela mão.

— Venha, venha, D. Vilarzito! Aqui está o pae.

O rapaz cortejou.

— Então, disse o granjeiro, você pretende a niña em casamento?

— Não, Senhor!

— Como!... balbuciou Dulcita sentindo desfallecer-lhe o coração.

— Não pretendo cousa alguma, continuou o rapaz

imperturbavel. A nina quer muito casar comigo e eu para não desgosta-la, consinto !

— E' isso mesmo ! exclamou a menina batendo as mãos de contente.

— Então o moço faz a minha filha um favor casando com ella ?

— Porém sim ; um grande favor.

— Um favor só !... acodio Dalce. E' a minha felicidade que elle fará.

— Quem é você, D. Vilarzito ? perguntou o camponio.

— Sou D. Vilarzito.

— Pergunto que profissão tem.

— Nenhuma : isto é, todas as que eu quizer. Comecei por ser aguador, para servir ás damas. Fui pagem, escudeiro, pintor, estudante e poeta, não por necessidade, mas por gosto. Ultimamente dei á um certo almocreve a honra de viajar em sua companhia : porque um homem deve conhecer mundo.

— Mas á final o que é hoje o moço ?

— Hoje sou aquelle, attenda bem, que está para ser, ouça, o mais famoso e rico homem de todas as Hespanhas.

O caseiro soltou uma gargalhada ; as velhas benzeram-se ; Dulcita teve um aperto de coração. Só o rapaz ficou impassível.

— Então você será o primeiro depois do rei !... disse o Ramon chasqueando.

— Suba ! retrucou o rapaz encolhendo os hombros.

— Será o proprio rei, pelo que vejo ?

— Mais ! disse Vilarzito breve e firme.

— Mais que o rei ? gritaram á uma as tres mulheres.

Até então fôra possível suppôr no rapaz a arrogancia picaresca, que se designou depois com o nome de *hespanholada*. Não era raro naquelle tempo ver a fanfarrice castelhana comparar um mendigo ao rei ; mas pô-lo acima do rei, passava á loucura.

— Mais que o rei ! repetiõ o granjeiro, pensando que o moço perdera a cabeça.

— Sem duvida ; replicou este, pois que o rei é só das Hespanhas ; e eu serei de um mundo inteiro.

— Do mundo da lua ?

— Do terceiro mundo, que me vou a descobrir, como Christovão Colombo descobriu a America.

As duas velhas assombradas, de boca aberta, cobraram a falla áfinal :

- E' o tinhoso, padrona ! murmurou a servente fazendo cruces no ar.

— Não te dizia eu que a niña estava espri-tada. Abernunção !...

O grangeiro disse para Dulce :

— Teu galante, filha, está varrido do juizo.

— Mas o coração é bom, pai !

— Não basta.

E voltou-se para o rapaz :

— Pois D. Vilarzito, vá você descobrir o seu mundo, e quando lhe apontar a barba no queixo e os reaes na bolsa, volte.

— Homens desta massa, redarguiu o muchacho, não voltam nunca, avançam sempre. Saúdo a você e a demais companhia.

D. Vilarzito sahiu como entrára, senhor de si, calmo e soberbo.

Dulcita seguiu-o com os olhos rasos de lagrimas ; quando o rapaz transpoz o lumiar, o seio estalou com os soluços que borbotavam. O pai a consolou com a promessa de melhor noivo ; a mãe ralhou, aspergindo-a com os borrifos do seu ramo bento de alecrim.

Com pouco a menina disfarçando recolheu ao interior do albergue. Mas apenas sentiu-se fóra das vistas maternas, pareceu crear asas. Correu ao quarto, atirou uma mantilha aos hombros, e esgueirou-se pelo caminho que conduzia á cidade. A voz de Vilarzito, que caminhava, cantarolando a sua trova do Cid, deu-lhe vãos aos pés andaluzes. Em um fechar d'olhos estava com elle.

— Venha, meu querido.

— Aonde ?

— A' casa do senhor cura ! respondeu a menina tomando-lhe o braço, e arrastando-o.

— Para que Doçura minha ?

— Para nos casar, maridito.

— Já !

— Neste momento !

— Não é cedo ?

— Queira Deus que não seja tarde !

Chegaram offegantes da corrida á porta do velho cura. Dulcita entrou affoutamente, não já pelo braço do rapaz, e sim puxando-o pela aba do jaleco.

— Senhor cura, valha-me V Reverendissima ! exclamou a menina cahindo de joelhos aos pés do sacerdote.

— Que lhe ha succedido, filha ?

— Uma desgraça, a maior desgraça !... Só Deus no céo, e o senhor cura que é seu ministro na terra, me pôdem valer ! Ai ! de mim ! Misera que sou !

As lagrimas rebentavam e a voz soluçava chorando também.

— Mas falle, filha. Para tudo ha remedio no céo, que a misericordia do Senhor é infinita.

— Este cavalleiro, que aqui está presente... Não o vê senhor cura, como está envergonhado ?... Este monstro, que cavalleiro não é que falta a fé jurada !... Oh ! Não !... E elle ha faltado, como um mouro que fôra !...

O sacerdote começava a comprehender :

— Este monstro, senhor cura, me desgraçou ! exclama enfim a menina escondendo o rosto na mantilha. Si não acho protecção nesta casa de Deus, vou-me d'aqui lançar ao rio !... Como terei animo de me apresentar á meu pai, neste estado !

Seguiu-se uma severa admoestação do sacerdote ; e um quarto de hora depois os dois meninos saham casados da sacristia. A' porta, Dulcita lembrou-se de alguma cousa, e voltou só para fallar com o cura.

— Senhor cura, esqueci-me de perguntar á V. Reverendissima uma cousa !

— Dirá, filha.

— Eu fiz um voto a Nossa Senhora das Candeias... Um voto de quando me casasse com aquelle que é meu marido, não o reconhecer como meu senhor, antes que elle fosse levar á Virgem uma vella de promessa ! Mas eu não pensava que o casamento viesse tão cedo, como veio !... Queria saber... O voto vale ?

— De certo, filha ; e ainda mais agora, porque é uma penitencia que lhe dou.

— Penitencia porque, senhor cura ? E' algum peccado casar ?

— Não, mas é um peccado feio deixar a donzella que lhe roube seu noivo, o que só a esposa póde dar a seu marido !

— Porém, com perdão de V. Reverendissima, elle não me tomou mais que o meu coração !

— Como, filha ! Não disse você que elle a desgraçou ?

— Pois sim me desgraçou, porque me roubára o meu amor, e ia-se partir sem me dar sua mão o seu nome ! Ha maior desgraça no mundo, P.^o Cura, para quem só vive de amar ?

O sacerdote azoou ; a rapariga desapareceu como uma sombra.

Caminhavam pelas margens do Tinto, de mãos dadas, os dois noivos. Dulcita desfeita em risos e meiguices, Vilarzito sério e pensativo.

O rapaz, cujo genio aventureiro acceitára sem calcular este casamento, como uma das muitas phases de sua varia existencia, com a mesma facilidade com que passára de um sonho á outro, e de pagem se fizera pintor ou poeta ; o rapaz, cogitava comsigo nos embaraços que lhe podia acarretar essa paixão de menina. Quanto aos deveres conjugaes, e a gravidade do estado, pouco cuidado lhe davam : eram nós, que elle cortaria, quando não os pudesse desatar.

— O futuro é de Deus, o passado dos mortos. O presente é a vida.

Com essa reflexão philosophica poz elle termo ás suas cogitações. Envolveu a sua bella noiva em um olhar amoroso, e perguntou-lhe :

— Onde vamos nós, Dulcita ?

— Para onde havemos de ir, si estamos no céo, bem meu ; não queres que ahi fiquemos ? disse a menina sorrindo.

— Pois fiquemos ; respondeu o moço. Estas

larangeiras em flor são tão perfumadas, que bem podem ser o céu do nosso amor !

Cingindo o braço pela cintura da donzella, afastou os pampanos que fechavam um bosque sombrio. Dulcita desprenden-se ligeira e fugiu. Voltou depois, não já desfeita em caricias, mas revestida de uma meiga seriedade.

Ella contou ao moço o voto que havia feito á Nossa Senhora das Candeias. Vilarzito insistiu, mas seu orgulho não lhe deixou que supplicasse.

— Não me queiras mal, Vilarzito ! Por mim não é, mas pela felicidade do nosso amor ! Tu és já meu senhor ; e eu, que mais sou do que bem teu ? Mais val esperar alguns dias, até que a Virgem abençõe para sempre a nossa felicidade e a torne em uma virtude, do que faze-la um peccado, porque seremos punidos, e eu duas vezes, na tua e minha pessoa ! Mas responde !... Si te enfadas comigo, mal de mim, que me perderei por ti, perdendo-te !...

— Adeus ! disse Vilarzito.

— Onde vaes ? perguntou a menina espavorida.

— A Sevilha ! Não é lá que devo cumprir a promessa ?

— Sim... Mas queres partir já ?

— Quanto mais cedo partir, mais cedo voltarei !

— E' verdade !... murmurou a menina curvando a frente já carregada de magoas.

Vilarzito cingiu-a ao seio, e teve-a algum tempo ali, enquanto seus olhos se engolpavam no horizonte. Que via elle ao longe, nessa nevoa do espirito, que se chama pressentimento ? Via a ambição, que batia azas d'ouro, prestes a desferir o vôo ; e sua alma, presa da vertigem, que se lançava apar, devassando mundos ignotos. Via o fantasma de sua imaginação que lhe gritava, avante, avante, e o attrahia sempre, não lhe deixando sequer volver um olhar aquem.

Nesse momento o aleijão daquelle coração, presentindo que pela última vez palpitava sobre elle o coração amante da misera virgem, teve um aperto que exprimiu nos olhos uma lagrima, talvez a ultima que humedeceu essas palpebras, e nos labios um escasso sorriso de ternura :

— Não te penes, amor meu, que me tiras a coragem de ir-me. E' preciso, tu disseste, e eu parto-me com bem pezar de meu coração ; fique-te elle, para que mais ligeiro torne a ti este corpo.

Dulcita sorriu entre as lagrimas :

— Vai, querido, vai. Tu levas a graça de minha alma; eu te guardarei, senhor meu, a flor desta pobre belleza minha.

Seu labio embebeu-se no labio do esposo; e ficou ali suspenso como um fructo que o bico lascivo do *corrupião* colheu na haste. Depois que libou-lhe o mel, o passaro bate as azas, e o fructo pende murcho e cívado. Assim desfalleceu Dulcita, quando seu noivo precipitando a partida, arrancou-se ao beijo, e partiu. Elle levava-lhe o amago de sua alma, o doce mel de sua felicidade, seu amor, sua vida.

Voltaria elle a restituir-lhê quanto levava?

Vilarzito não voltou o rosto, com receio de ceder á emoção; foi por diante trilhando as margens do rio, cantarolando qualquer seguidilha. A menina, seguindo-o de longe para ouvir algum tempo ainda a voz amiga, sentia minguar-lhe a vida a proporção que essa voz desfallecia com a distancia. Afinal cahiu extenuada á beira do caminho.

Era noite alta quando recolheu-se á casa, onde achou a afflicção que causára o subito desaparecimento. As velhas se lamentavam resando; o pai mal entrara das caminhadas que dera em procura da filha querida.

Dulce contou com singeleza o succedido, sem esconder a minima circumstancia. Que tinha a esconder ella na candura do seu amor? O pai depois de muito ralhar, feliz de ver a filha restituida á sua ternura, perdoou : a mãe benzeu-se, como costumava nas occasiões solemnes : e a familia voltou á habitual tranquillidade.

Mas em Dulce uma revolução profunda se consumara. Uma hora só por cima dos seus quinze annos acabava de fazer da menina travessa uma dona séria e prudente. Ella preparava-se já com certo orgulho para as inefaveis ternuras do amor conjugal e para o grave papel de esposa.

Nessa primeira noite não dormio, passou-a toda resando á sua imagem de Nossa Senhora das Candeias, e conversando com a sombra de Vilarzito sobre sua felicidade. As vezes receiava que essa felicidade tamanha não pudesse caber naquella alcova tão acanhada, pois só com a lembrança della sentia-se suffocar. Outras vezes corria os olhos pelos seus trastes singelos, e se alguma cousa não lhe parecia bem, saltava do leito e ia arranja-la, para que não desgradasse aos olhos de Vilarzito.

Oito dias decorreram, nos quaes Dulce, como á

calhandra nos primeiros effluvios da primavera, forrava de macia relva o caro ninho. A' tarde do ultimo dia ella sentou-se no terraço, com os olhos no horizonte, e esperou. Quando á meia noite ergueu-se para recolher, seu labio murmurou :

— Elle não me quer tanto, como eu á elle. .
Sinão teria chegado !

Talvez que um obstaculo imprevisto demorasse o moço, pezar do seu desejo, não só um, porém mais dias : não havia motivo ainda para se affligir. Tamanha devia de ser a sua felicidade, que Deus para que ella a não matasse, a preparava por uma maior espera.

Esperou. Deus sabe quantas lagrimas lhe custou: lagrimas que lhe empanaram o brilho dos lindos olhos, e desbotaram as faces.

Uma noite emfim Dulce sentiu um grande abalo ; pareceu-lhe que o coração rompera dentro. Foi a morte da esperanza. A donzella ergueu-se livida, para cahir fulminada pela dor : o resto da noite foi um horrivel soffrimento.

Pelá manhã a menina vestiu-se de luto e foi ter com o granjeiro.

— Pai, meu esposo é morto á esta hora. Eu vou-me a Sevilha, para morrer junto delle.

Havia nessas palavras um abysmo de dor, no fundo do qual, como nas gorjas da montanha, rolavam surdas torrentes : havia tambem a obstinação heroica das grandes paixões.

Ramon amava sua filha, com amor cego. Fez-lhe a vontade, abandonou o seu casal, e partiu. A cidade maravilha, a sumptuosa Sevilha, só teve luto e dores para a inconsolavel esposa.

Entretanto um raio de esperança luziu na treva que sepultava a misera e mesquinha, noiva apenas, e já viuva. Desde o dia da chegada, as horas de alivio que tinha, era as que passava carpindo e orando na cathedral, diante do altar onde se venerava a imagem de Nossa Senhora das Candeias. Um dia o velho sachristão, travado de piedade por aquella dor tamanha em tão poucos e tão bellos annos, conversou a infeliz, grangeando consola-la. Dulce contou-lhe por alto a sua desdita.

— Mas l... acodio o donato. Tempos ha, e não muitos, que um rapaz aqui veio cumprir promessa igual ! Seria talvez o vosso !

— Bemdicto sejaes, meu Deus ! disse a moça mal podendo ainda fallar ; Bemdicto e louvado em vossa infinita misericordia, que assim mandaes um

raio de graça, a quem se julgava para sempre della desamparada.

Com este dizer, que sahia bem fundo d'alma, prostou-se de novo aos pés do altar ; santo fervor brotava-lhe do seio oppresso. Arrastaram-n'a depois esperanças fagueiras e impacientes affogos aos joelhos do velho, que ella abraçou :

— Repeti ! Oh ! repeti, santo homem, que o vistes, que vivo é, aquelle que meus olhos não pensavam mais ver neste mundo das desventuras minhas ! Dizei-me, bom donato, piedoso seuhor, dizei-me onde se foi elle ? Que má hora o levou ? Onde o tem, longe da esposa, o máu fado meu ?

Estas e outras fallas de tão angustiado coração, ficaram sem resposta. O velho nada mais sabia, do que disse : nem a certa data, nem signaes do moço devoto, lhe ficaram na cansada reminiscencia.

Dulce entrou mais triste, se é possível do que sabira. O pai que de sua parte não se poupava á fadiga em cata de novas boas ou más do desaparecido, desenganado já, não tinha mais esperanza, que lhe fosse conforto da dôr.

A filha contou-lhe o que era passado. Correu elle ao sacristão, cuidando comprar com ouro, o

que não tinham grangeado a piedade, lagrimas e penas. Debalde foi : debalde vagou o resto do dia pela cidade, inquirindo de quem encontrava indícios de Vilarzito.

— Digo-te eu por seguro, filha, em que isto mais te afflija, quando não devera ! Digo-te eu que o bandido mui de vontade sua te abandonou.

— Não, pai ; morto é !

E proseguia depois de silencioso pranto :

— Morto é ! Tenho aqui dentro uma voz que m'o está dizendo, e mais, que sua alma ainda não deixou este mundo.

— Abusões que te entraram !

— Não é abuso, pai ! Si Deus ouvir os rogos meus, e deparar-me o lugar, onde jazem as cinzas de quem tanto amei, que nesta vida não acabarei de ama-lo !... Por seguro, pai, que estes olhos que a terra tem de comer o verão uma vez ainda. Elle me apparecerá talvez para levar-me ! Ah ! Frouvesse á Deus !

Dois mezes passados nesse continuo desviver de tristura e angustias, volveram pai e filha ao pobre casalinho, já tão brincado e loução, ermo agora e viuvo de sua mal gorada alegria, e dos

risos donosos, que o enchiam d'antes, quando a sua bella senhorita o encantava.

O desamparo de sua casa, os gastos de jornada e locandas, junto ao desanimo que o entrára com a desgraça, desarranjaram a vida ao infeliz grangeiro. O já de si escasso mealheiro, esvaziou de todo; minguaram as posses, foi-se a abastança: a miseria faminta e esfarrapada veio sentar á porta espreitando a sua hora de entrar.

— « Ha males que vem para bem. » Esse arrganho da miseria, de que ella fora a causa innocente, tirou Dulce do egoismo de sua dor para o soffrimento dos seus. Foi sublime então de coragem e abnegação, como o fora de amor! O trabalho de suas mãos, e mais que elle a força de sua alma salvaram a familia da fome, senão da pobreza. No affan de uma lida sem cessar encontrava curtos repousos, sua pena rebelde ao esquecimento: na satisfação de sacrificar-se pelos seus, libava seu coração, o consolo unico, dos que o mundo póde dar as grandes dores.

Para mais ápurar a fortaleza desta alma, mandou-lhe Deus nova provança: a mãe de Dulce finara-se, consumida pelos desgostos. O vacuo deixado n'alma por um ente querido nada o enche,

IV

Em que o habito faz o monge.



Que era feito de Vilarzito ?

Morto era, ou andava ainda á cata de aventuras por este mundo grande ?

Deixando sua noiva nas margens do Tinto, o rapazito caminhou á Sevilha. Como foi elle, não o sei eu ; foi, e de caminho aquella ambição grande

e ardente, que lhe fervia no seio, ia farejando no ar alguma aventura.

Como não lh'a deparasse o acaso, chegou afinal á grande cidade; tendo mercado a vela de cêra, andou a cumprir o voto de Dulcita na cathedral. Era dia de grande festividade religiosa; o bispo devia officiar em pontifical.

Emquanto o rapaz ajoelhado esperava que ardesse a vela no altar, aos pés de Nossa Senhora das Candeias, o povo fôra invadindo o vasto recinto da igreja, e a cerimonia começara.

Era a primeira vez que o galopim das estradas se achava em face da magestade divina, revestida da pompa e esplendor do catholicismo. O espectáculo grandioso impressionou aquella imaginação vivaz. Ella ficou absorta no meio da harmonia grave do orgão concertando com as lithanias sagradas; e dos luminosos vapores do incenso que nublavam as imagens divinas e o venerando busto dos levitas christãos, dando a scena apparencias de visão.

De repente fez-se um grande silencio: a fronte calva do pregador assomou no pulpito: a voz possante ainda, embora tremula, encheu o vasto ambito do templo. Sobre a multidão curva e

respeitosa, a palavra inspirada do apóstolo de Christo cabiu como a chuva de fogo do monte Sinai.

Esse homem só, esse velho debil, qual possante lutador, tinha á seus pés submissa e humilde a turba gigante, o leão-povo. A' um gesto seu, o monstro estremecia ; a frase impetuosa de sua eloquencia inspirada flagellava como latego os flancos da fera, que nem gemia. Elle olhava, e as fronte orgulhosas dos grandes da terra se abatiam. Elle troava, e as lagrimas rolavam em silencio pelas faces dos soberbos.

Uma hora durante elle teve assim o dragão esmagado no pó sob o peso de sua eloquencia, como o tivera o archanjo sob as patas do corcel ; uma hora durante o gladio de sua palavra retalhou o coração do reptil domado.

Emfim o sorriso illuminou o semblante severo e torvo ; o fogo ceeste dardejou ainda nos olhos fundos, não já chispas ardentes, senão ondas de luz branda e serena ; daquelles labios crispados, onde vibrara a maldição, mana em jorro o mel da graça, qual manara no deserto para o fugitivo povo do Senhor.

Seu hálito inspira nova e melhor vida ao gi-

gante; ei-lo que de esmagado se ergue mais vigoroso, e vai colleando pelas ruas e praças da vasta cidade.

Quando Vilarzito voltou á si do arroubo em que ficara, a igreja estava deserta; volveu um olhar para a vella de promessa que ardia ainda, e apagou-a de um sopro.

— Quero ser pregador! Hei de se-lo! murmurou.

Dois frades atravessaram pelas naves: era um de exigua figura minguada pela velhice, que já lhe acurvava a cabeça: a humildade evangelica estava em toda sua pessoa. Vilarzito não reconheceu, nem podia, naquella insignificante figura, o sublime pregador: os alumbramentos d'alma operavam nesse corpo mesquinho e encarquilhado uma transfiguração pasmosa e incrível. Era este o celebre pregador Fr. J. Corella, da ordem dos capuchinhos; florescia na côrte de Felipe II; e agora nos ultimos dias da vida que devia extinguir-se com o seculo em 1599, os lumes que desferia a sua eloquencia eram raios ainda.

O outro frade tinha a mais bella estampa de homem, que ser podia. Velho tambem, mas de velhice robusta, o seu inverno era como prima-

vera dos climas boreaes. As cans realçavam as cores do sangue vigoroso e sadio ; trazia o talhe erecto ; era nobre o gesto e o passo magestoso.

— Este é l disse consigo Vilarzito admirando-o. Nunca me lembrára eu como era a sua phisionomia, que me cegavam aquelles olhos em brazas ! Mas agora sim, estou vendo-o em próprio. Parece um rei. E mais que rei é !

Estas reflexões fazia o rapazito seguindo á alguma distancia os dois frades. Ao quebrar da primeira esquina o pregador separou-se, e seu bem apesoadado companheiro continuou só. De caminho recebia elle a saudação respeitosa dos passantes, que lhe catavam cortezia, como á dignidade que era na religião.

Chegado á calçada de um sumptuoso palacio, o religioso deixando a larga portaria, procurou na proxima viella uma portinha escusa, que naturalmente dava entrada reservada aos intimos. Pondo o pé na soleira encontrou-se frente a frente com um cavalleiro que vinha de dentro, e sahia, apressado sem duvida de negocio urgente.

O religioso não demoveu o passo, antes firmou-o no batente com a solidez de seu porte magestoso : o cavalleiro, ou porque o não reconhecesse, ou

porque não quizesse mesmo dar-lhe senhas do respeito, que nessa epocha se guardava aos ministros da religião, não recuou tambem. Assim ficaram medindo-se no limiar da estreita porta.

Por fim o moço impaciente estendeu a mão para abrir passagem :

— Fazei-me a mercê de arredar-vos, Reverendo. Vou-me apressado !

O religioso ficou immovel ; com um gesto lento e soberbo desviou a mão do moço que lhe roçara o hombro :

— Mais respeito, mancebo ! Não mancheis com vossa mão profana este santo habito !

— Sabeis á quem fallais, Padre ?... Sou fidalgo da casa de el-rei, e vou em seu real serviço ! Deixai-me passar !

O frade sorriu :

— São vossos titulos esses ? Pois si vós sois fidalgo do rei, eu sou ministro daquelle que tem em sua mão os reis da terra. A magestade que servis, já a tive eu de joelhos á estes pés. Bem vedes que a precedencia me compete.

E arredando o cavalleiro, o frade passou altivo e sobranceiro.

Vilarzito não perdeu uma palavra do curto

dialogo : sua imaginação já excitada mais se exaltou. Desde esse momento seu destino estava preso áquelle frade que representava para elle a maior gloria do mundo.

O rapaz sentou-se na calçada fronteira : e esperando que seu heróe sabbisse do palacio, rilhava nos dentes uma naca de pão de rala de tres dias.

O religioso era o P. Gusmão da Cunha, Procurador do Collegio de Lisboa. Vinha de Madrid aonde fôra solicitar perante a côrte sobre negocios da casa. Vilarzito avançou affouto e manifestou-lhe seus ardentes desejos de ser pregador. Tão decidida vocação não era para desprezar n'um seculo em que a companhia de Jesus, com os olhos largos no futuro, colhia entre os povos a fina flor da mocidade para cultiva-la em suas vastas estudarias. Aspirava ella ser como o sol da intelligencia naquella aurora da civilização moderna.

No seguinte dia tomaram caminho de Lisboa o frade e seu novo famulo, aspirante ao noviciado. Na viagem notou o rapaz que o religioso lia, mais que o breviario, um volume in-4.º, o qual trazia no rosto este titulo latino : *Dê liberi arbitrii cum gracia domini concordia. Ludovico Molina.* OLISIPONE — MDLXXVIII.

Ignorava Vilarzito o rumor que então fazia no orbe catholico essa obra e sua doutrina, conhecida por *molinismo*, do nome de seu author; porém bastava a preferencia que dava o P.^o Procurador ao livro, para leva-lo a formar a mais alta idéa dos meritos da obra. Aquelle nome de Molina ficou-lhe na lembrança como de um dos famosos luzeiros da igreja e seus futuros modelos.

O rapaz tivera depois que deixára Sevilha, uma hora de desencantamento; e foi quando soube dos famulos que o sublime pregador da cathedral não era o P.^o Cunha, e sim o velho capuchinho. Esteve muito tempo repartido entre a gloria que abandonara, e essa que seguira, talvez falsa luz.

Nestas cogitações achou-se á sós com o religioso, uma tarde que tinham chegado á pousada:

— Releve V. Reverendissima que eu lhe ponha uma questão?

— Quantas queiras, filho. Perguntar é proprio dos que desejam aprender.

— Diga-me então, P.^o Mestre, qual é a maior gloria deste mundo?

— E' a pratica do justo em que se resume a lei de Deus.

— Essa é a gloria celeste : perguntó eu, das glorias do mundo, qual avulta mais ?

Como o religioso embatucasse, o rapaz proseguiu :

— Qual preferia o P. Mestre, a do Cid por exemplo, o Achilles castelhano, a de Lopo da Vega, o maior poeta das Hespanhas, a de Carlos V imperador e rei, a do grande Pacheco, primeiro pintor do mundo, e outras muitas ?

— Prefiro, filho, aquella que vem do Senhor, e nelle se fortifica.

— Qual ella é ?

— A do Geral da Companhia.

— Onde está elle, P. Mestre ?

— Em Roma, que é a cabeça do orbe catholico.

— Que faz elle ?

— Move o mundo.

— E' mais que El-rei ?

— E' mais que o Papa, filho. Nelle se inspiram os eleitores do sagrado collegio, quando escolhem o successor de S. Pedro.

— E quem o escolhe a elle ?

— A Companhia.

Desde então Vilarzito não hesitou mais ; seu destino estava traçado pela Providencia. Entrou em noviciado, com o nome de Gusmão, que lhe

deu o Procurador, no sacramento da chrisma. Sabe-se que necessidade tinha elle dessa mudança ; era preciso que Vilarzito, o marido de Dulce, morresse no seculo, aos umbraes do claustro. O appellido tirou elle do famoso escriptor, como bom presagio de sua nova carreira.

Segundo o uso dos conventos, cada noviço era adjunto especialmente á um dos religiosos mais authorisados para lhe servir de guia e exemplo vivo ; assim desempenhava o moço ao mesmo tempo funcções de discipulo e famulo. Vilarzito continuára sob a immediata inspecção do P.^o Procurador : succedeu pois que um dia arrumando a cella do mestre, fez o rapazito uma descoberta.

O P.^o Cunha tinha á seu cargo os negocios do Brasil. Entre varios massos arrumados uns sobre outros na prateleira, leu o menino quando os virava para espanar, o seguinte rotulo sobre a encôsta de papelão, em letras maiusculas : *Negocio das minas de prata.*

Ouvira Vilarzito ainda muito creança fallar dessas famosas minas de prata, cuja fabula enchêra as Hespanhas. Tomado pois de curiosidade, e aproveitando a ausencia do P.^o Mestre que sahira para longe, desdeu os nós ao cadarço vermelho, e en-

controu sob a capa de papellão uma serie de cartas escriptas da Bahia pelo nosso conhecido Rev. P.^e Manoel Soares, chronista daquella provincia e author de certa memoria.

A primeira carta trazia a data de 15 de novembro de 1695 e resava assim :

« *Pax Christi.* Aproveito portador seguro para dar conta á V. Reverendissima das minhas diligencias, sobre o objecto que de Roma me foi incumbido.

« Logo que á esta cheguei, tive por primeiro cuidado, informar-me da mulher e filho de Roberio Dias. Vivem pobremente para as bandas da Ribeira, em companhia e á espensas de uma velha tia, cuja é a casa.

« D. Clara é uma santa mulher, que tudo faria pelo serviço da religião ; mas infelizmente não sabe mais do que divulgou a voz publica : affirma que seu fallecido esposo possuia o roteiro das minas e com elle se partiu para Hespanha, onde ou em caminho lh'o roubaram. Quanto ao filho, o menino Estacio, que o pai deixou no berço anda nos cinco annos de idade ; si não falharem os prognosticos deve de ser moço para se aproveitar.

« Sobre a recommendação que trouxe, creio

não haverá difficuldade, em chegando o tempo, de ganha-lo para a ordem, mettendo-o noviço neste collegio. O P.º Ignacio do Lourical que é o confessor e cura da casa, já a tal respeito teve suas entradas com o doutor Vaz Caminha, padrinho do menino, e grande amigo que foi de Roberio.

« Esse doutor Vaz Caminha é pessoa doutissima, de summa prudencia e conselho. Tendo-o por nós, não ha receiar do bom successo da empreza. A mãe não tem outro voto senão o do advogado, o menino o quer por cima de tudo. O unico obstaculo virá da parte do Alcaide-mór Alvaro de Carvalho que é ainda affim da dona. Este é homem iroso, obstinado, antepoendo a tudo a sua militança, e tendo em conta pouca qualquer profissão que não seja a das armas; póde bem ser a queira seguida pelo moço, mas o advogado lhe porá as medidas e nos avisaremos.

« Nada mais por ora, senão pedir á V. Reverendissima que me tenha em sna graça quando orar á Deus por seus filhos, e me deite sua benção.

« P.º Manoel Soares. »

Seguiam-se outras cartas sobre o mesmo as-

sumpto ; todas devorou-as o rapazito com ardente curiosidade. Elle tinha a memoria de Cezar, Cromwell e Napoleão ; o que uma vez penetrava em seu espirito, ahi ficava gravado como um relevo no marmore.

Durou dois annos o noviciado de Vilarzito ; ao cabo delles professou no primeiro voto. Coursou como escholar todas as aulas da estudaria com tal aproveitamento, que admirou os mais sabedores dos mestres que liam na casa de Lisboa. Aprovado *cum laude* em todas as materias, passou a coadjutor, tendo já ganho a fama de primeiro humanista do pateo, com que de dia em dia mais se avantajava em tão verdes annos.

Rastejava elle pelos vinte e cinco, si incluirmos o accrescimo de quatro, que fizera por sua conta entrando para o noviciado. Sua astucia pressentira de logo quanto a velhice era para o commum dos homens certo abono de saber, prudencia e siso ; porisso foi tratando de adiantar-se em annos no livro dos assentamentos. Mais tarde, quando coursou as aulas de anatomia e chimica, a sciencia lhe revellou segredos, que habil e cautamente explorados, serviram para desbotar o viço da juventude.

Como não podesse antes de oito annos ser admitido a professar no quarto voto, para o qual exigia o Instituto de S. Ignacio a idade de trinta e tres annos, em memoria de Jesus Christo, e do fundador da Companhia ; impetrou a graça de fazer durante esse tempo residencia n'uma provincia do ultramar.

O P.^o Gusmão sabia que nas casas dessas provincias remotas, onde o numero dos professos não era crescido, lhe seriam commettidos por carencia de homem mais apto os negocios de ponderação, que no seu collegio de Madrid não se confiavam de um simples coadjutor.

De mais, elle pretendia grangear todos os titulos, para no momento dado po-los ao serviço de sua ambição. Aos louros escolasticos de casuista e sabedor, convinha engrinaldar as palmas apostolicas. Precisava para isso de theatro vasto, onde provasse a força de sua palavra já exercitada no pulpito.

Foi-lhe designada a provincia do Brazil, e nella a casa do Rio de Janeiro.

Partiu em 1599, caminho de Palos, onde devia tomar navio que o transportasse. Perlongou depois de quatro annos as pitorescas margens do Tinto,

onde representára um acto do drama de sua vida. Não foi sem emoção que seus olhos procuraram o alvo casalinho, tão mudado do que fôra outr'ora. Estava elle já a esse tempo abandonado de seus antigos senhores, e possuido de mãos extranhas !

Chegado á cidade o P.^o Gusmão apeou na primeira Igreja que ficava em caminho, e entrou para fazer oração. Era manhã, depois da missa conventual ; reinava no recinto o dubio crepusculo que é proprio dos templos gothicos, e tanto convida ao santo recolhimento. Apenas duas largas restas de luz, coadas pelas ogivas, cortavam o pavimento.

Quando o jesuita fazia oração, uma das raras devotas que ainda estavam na Igreja, dando com os olhos nelle, cahiu de bruços sobre a pedra. As outras não fizeram reparo, attribuindo o accidente a fervor de penitencia, muito usual então : terminada a devoção foram-se á obrigação.

A penitente enfim ergueu á custo a fronte magoada da pedra ; desvairou os olhos pela Igreja ; tornou a ver o frade e lembrou-se ! Esteve a contempla-lo até que elle voltou-se para sair. Ahi, como tomada de uma força superior, a mulher ergueu-se e foi direita ao jesuita : as pupillas

desferiam raios entre a renda preta da mantilha que á vendava.

— Padre, fazei-me a esmola de ouvir de confissão á uma pobre peccadora ! exclamou ella rojando-se aos pés do religioso e segurando-o pelo habito.

O jesuita voltou-se : no lugar onde estava, a restea de luz batia em cheio sobre a sua cabeça, esclarecendo-a como um resplendor.

— Estais em peccado mortal ? perguntou o religioso.

O som dessa voz penetrou o coração da moça, ao mesmo tempo que seus olhos erguendo-se cravaram no rosto do sacerdote. Ella soltou um grito de pavor :

— Meu marido !...

— Quem sois, mulher ? interrogou o jesuita recuando de espanto.

A devota ergueu-se de um impeto, atirando a mantilha para os hombros e descobrindo o formoso sembante. Os olhares de ambos cruzaram como estiletos de aço :

— Fui Dulce, hoje me chamam Marina de Pena, porque assim me fizeste ! disse a moça

no rancor da sua paixão. Tão mudada me tem os pezares, que não me reconheceis !

Mas já o P. Molina havia recobrado a sua impassibilidade :

— Como podera reconhecer-vos, quem nunca vos conheceu ?

— Conheço-vos eu e vos requeiro, que meu marido sois !... Os olhos que as lágrimas cegam poderão enganar-se ; não esse coração onde as vossas fallas estão vivas como na noite em que me juraste...

— Calai-vos, mulher !... Vosso marido morreu ! Esse que vedes, humilde servo do Senhor, não é já deste mundo !

— Mentis ! Deus que vos deu ao meu amor, não podia roubar-vos á sua creatura ! Si o fizesse não seria, Deus...

— Não blasphemeis !

— Não ! Oh ! não seria ! E eu lhe disputara o que era meu, e muito meu pelo sacramento e affecto que elle mesmo abençoou !

— Senhor ! exclamou o P.^o Molina crusando as mãos para o altar : Perdoai a esta misera peccadora, á quem as más paixões mundanas escureceram os lumes da razão.

O religioso quiz affastar-se, mas Dulce arrastando-se de joelhos travou-lhe do habito.

— Oh ! por piedade, não me desampareis outra vez nesta solidão de minha alma, em que tenho vivido. Não quereis já ser meu, pertenceis ae Senhor ? Pois eu virei adorar o Senhor aos vossos pés. Me ensinareis a ama-lo, já que não me é dado mais amar-vos, á vós !...

— Cessai de desarrasoar, mulher, e largai-me do habito !

— Não, não vos deixarei !... Repellis-me !... Nem sequer uma palavra de compaixão ?... Pois eu serei de agora em diante a sombra vossa ! Por toda a parte vos seguirei como alma penada ou remorso vivo ! Quando passardes vos apontarei : « Esse que ali vedes, é meu marido, o qual mentiu á Deus e aos homens... »

Durante estas palavras, o P.^o Molina debalde esforçava por tirar o habito das mãos crispadas da moça ; mas ella se deixava ir de rastos sobre as lages que lhe magoavam os joelhos. A dôr por fim tornou-se tão aguda, que a misera, não podendo já resistir, cahiu desmaiada.

O frade evaporou-se.

Logo apoz chegou o pae em busca de Dulce.

Muitos annos havia que elle tinha deixado para sempre o lindo casalinho. A miseria em parte forçára Ramon á vende-lo, e em parte tambem as tristes e agras reminiscencias de que estava tão cheio. Vieram então pai e filha habitar na cidade de Palos o quarto de um velho casarão, onde aposentava gente da terra e tambem colonos e forasteiros que embarcavam para as Americas ou de lá tornavam.

Muitas vezes, tentado dos contos fabulosos que faziam os colonos e marujos, pensára Ramon em passar-se á colonia á busca de riquezas, com que suppunha elle poder comprar para sua filha uma felicidade, em troca da outra para sempre e sem remedio perdida.

Dulce porém, quando elle communicára seu intento, recusou obstinadamente :

— Não, pai ; nesta terra onde elle repousa, quero eu tambem repousar. Teremos este mesmo frio leito, já que o céo negou-se á abençoar o outro para o nosso amor. De que me valem a mim riquezas ? Vende acaso a terra o que roubou e já consumiu em pó ?

A patroa da locanda era uma velha á quem a belleza de Dulcita ganhára logo os affectos : ella

não cançava de admirá-la, e enche-la de mil desvellos e carinhos.

— Sabe a menina que tem um formoso nome e tão bem acertado, que mais não pudera ser ! disse a velha logo no primeiro dia. Dona Dulce !... E' como se lhe chamassem pelo seu lindo rosto de alcorço, e por esse riso que parece mesmo um torrão de assucar !

— Enganou-vos quem vos disse de assim chamar-me.

— Mas si ouvi mesmo a vosso pai !

A moça poz nella uns olhos fundos na dôr, porem rasos de prantõ :

— Não sou Dulce, mulher, inda que o fui já, senão *amara*, e bem *amara* de pena ! Mais bem posto que nenhum me foi este nome por minha desventura, pois sou della chismada.

Ou porque a velha não comprehendesse o trocadilho que a moça fizera com o seu nome, e ao qual conservamos os termos castelhanos ; ou o que é mais natural, por compraser com a sua habitual tristura, o facto é o que lhe respondeu por este theor :

— Bem, seja a menina, D. Marina de Pena, e não Dulcita, pois assim quer-se chamada ; mas fique

com o que lhe digo, que dentro do meu coração será sempre doce.

De feito a velha d'ahi em diante só a tratou por esse novo nome, cuja singularidade não escapára á finura e perspicacia do P.' Reitor da Bahia. Ouvindo chama-la daquelle modo, Dulce sorria ; não ha admirar ; os grandes pesares tambem tem o seu jubilo, qual o de sentirem-se vivos e ardentes ; nem ha nada que mais se toque neste mundo do que seja o riso e o pranto , a alegria e a dôr.



V

Em que mestre Braz revela seu talento diplomatico.



Oito annos esteve o P Molina residindo nos collegios de S. Sebastião e S. Vicente ; e ao cabo delles recolheu á sua provincia de Portugal, onde se ia preparar para receber o quarto e ultimo gráo da ordem.

Embarcára no galeão *Rosario*, navio de licença,

que partiu do Rio de Janeiro por fins de 1607, em demanda do porto de Lisboa. Tendo feito escala por Pernambuco, bordejava na altura da Assumpção, ás baforadas de uma fresca brisa que salteava a cada instante de um á outro ponto do quadrante.

• Era noite escura e alta.

O frade, que estivera praticando no tombadilho com o commandante do galeão, agora absorto em cogitações largas, sentára-se em um rolo de calibre contra a amurada. Correu o tempo; entrara á pedaço o quarto da modorra. Ninguem mais á excepção do jesuita havia áquella hora adiantada sobre o convez de popa.

Entre o coachar das ondas batendo os flancos do navio e os estalos da armação, ouvia-se por momentos, trazido pela brisa, um murmurio de vozes abafadas, que vinha de estibordo. Na posição do P.^o Molina, a barlavento, as palavras embora proferidas em tom soturno, deveriam chegar bem perceptíveis; não as escutava elle porém, tão alheio estava de si naquelle instante.

• Uma exclamação mais viva perturbou per ventura as cogitações do religioso, que elle applicou o ouvido e conhecendo d'onde partia o murmurio

das vozes, aproximou-se manso e manso tomado de alguma curiosidade, porém mais do desejo de qualquer preocupação que o arrancasse ao turbilhão dos seus intimos pensamentos.

Junto do mastro grande, no espaço deixado entre uns caixões servindo de galinheiros e gaiolas de animaes, estavam sentados quatro sujeitos, apostados a quem esvasiaria mais depressa uma grande escudella coculada de chanfana e uma meia duzia de botelhas, que surdiam d'entre os massames de corda na occasião precisa, e lá sumiam-se de novo depois de larga libação. Era essa uma medida de prudencia para o caso de sorpresa.

O acaso, o mais engenhoso dos fabricantes de dramas, juntára ali, na tolda de um navio perdido na immensidade do oceano, esses quatro individuos, que nunca anteriormente se tinham visto, e talvez não se reunissem mais nunca neste mundo, finda a jornada que os associára.

Um delles era o gageiro, mestre Antão Gonçalo, que preferia fazer o seu quarto em boa companhia á vigiar só e desconsolado. Outro tinha ares de mariola de praça, e não passava dos seus viute annos. O terceiro, grisalho já, mas bem fornido de bigodes e pera, retratava mui ao vivo um typo

daquelles tempos, que ainda hoje existe, mas profundamente modificado pelo espirito do seculo, o typo do soldado aventureiro e mercenario, ao serviço de todas as empresas boas e más, conforme a paga ; de menos as armas e de mais a trapaça é o moderno cavaleiro de industria. Finalmente completava o quadrado uma figura suina, que tinha todos os visos de mercador das colonias : era elle quem pagára o pato, e talvez por isso o que menos fallava e menos consumia. Mastigava o seu dinheiro, isto é, a sua carne : de resto parecia bastante enjoado.

O brodio fôra ajustado entre o marujo e o soldado. O colono deixára-se depennar, pensando grangear assim os bons officios do marujo á bordo, a protecção do soldado em terra, e a confiança do mariola.

O aventureiro vinha de S. Sebastião ; o mercador e o mariola, ambos da Bahia, tinham embarcado em Olinda, por não haver no porto do Salvador navio de licença á partir, nem ser tempo da frota.

Rolava a pratica sobre o thema de occasião, os trabalhos que esperavam a quem passava ao Brasil para tentar fortuna, os mallogros de muitos e os

avultados lucros de alguns. Cada qual contava como lhe fôra a sorte, e todos tinham della as queixas mais acerbas.

— E' tal qual vos digo, Antão gageiro ! repetiu o espadachim. Aferrado como me vedes podia estar hoje nadando em ouro ! Assim não fôra eu mal aventurado !

— Escapastes de fisgar o harpeo n'alguma boa presa, capitão ? perguntou o marujo.

— Não faltam ellas naquella terra excommungada !... observou o rapaz.

— Não faltam, não, muchacho ! O diabo é não haver justiças que guardem as costas de um homem !... tornou o soldado. Quando a gente é atacado pela frente e lealmente, o juiz é a espada ; morre-se em boa guerra ! *Pero*, isso de estar um christão á mercê de gentio e outros que taes degradados, a tremelicar sem saber do que, vendo a hora que uma seta o manda desta para melhor !...

— E' assim mesmo !

— Isso não é terra em que se viva ! Melhores juizes lhe ponha el-rei, si quizer que lá medre a boa gente de espada para o seu real serviço !

O aventureiro empinou a botellia e affogou o suspiro com uma formidavel golpada.

— Deixai em paz esses urubús, D. Annibal, disse o gageiro, e dizei-nos como o caso foi. A gente cá do mar gosta de saber historias...

— Qual caso ?

— Do como vos desarvorou a não antes de entrar á bom porto. Não dissestes que a fortuna pregou-vos um logro ?

— E grande. Ninguem me tira de que estive com a mão mesmo em cima daquellas maravilhosas minas de prata... Sabeis ?

— Umm !... fez o rapaz a modo de exclamação.

O traficante que tinha pendido á direita com o balanço do navio dera um estremeção.

— Orça ! acodiu o marujo rindo.

— *Sangre di Christo* ! tornou o cavalleiro. Ainda me ferve o meu lembrando !...

Fôra essa exclamação castelhana, que despertára o P. Molina. Quando elle, sem que o pressentissem, veio sentar-se por detraz de uma das caixas de pinho, o soldado já havia começado a narrativa.

— Foi um certo Fernão Aynes, de S. Sebastião, quem me poz na pista .. Mas primeiro devo referir... Certo dia appareceu morto na ladeira do Castello

um sujeito cosido á facadas e a mulher pouco lhe faltava para isso com as tres que alapardara. Muita gente foi ver o acontecido e até eu acertei de passar .. A mulher só fazia engrolar uma laldainha com este dizer : « o papel !... o papel ! .. » Que ali havia cousa, suspeitei eu logo.

— E mesmo !... disse o gageiro. Ahi andava mouro na costa.

— Elle parece que sim !... acodiu o rapaz. Ainda eu não estava em S. Sebastião quando isso foi ; mas ouvi rosnar como cousa fresca.

— Pois a semana não estava acabada, quando veio valer-se de mim o tal cuje dito do Fernão Aynes para fazer uma entrada no sertão. Estava elle de luto pelo finado, que era seu parente, ao que me disse. Cá para mim é negocio liquido que o amigo foi quem aviou o outro. Apezar de beato...

— São os peiores !

— De pedaço á pedaço estava-me elle a rezar n'uma cruz grande de pau santo que trazia ao rosario !... Um dia, já oito eram idos, depois que nós partimos de S. Sebastião, o cujo desembuchou. A cousa era esta. Iamos á descoberta de umas minas de prata de que só elle sabia o rumo, por lh'ó ter ensinado um indio manso.

Era preciso que os companheiros não dessem pela cousa, e como carecia de um socio, me escolhera a mim. Haviamos de deixar os outros em certa paragem, tirar o que se podesse de metal, e esconde-lo longe do lugar, para depois fingir que o achavamos a tóa.

— Pelo geito, o mano não era nenhum sandeu !

— Fino era elle, como azougue ; *pero*, a D. Annibal, o diabo, seu mestre delle, não embaçara. Aquella ladainha da mulher andava me parafusando na cachola !... *Sangre de Christo* ! disse cá comigo ! Não ha duvida ! O papel... Tem-n'o o birbante, e nelle está o segredo. Pois o tomarei eu á ponta da espada !

O traficante fez um gesto de susto e murmurou baixinho :

— Tomar per força !...

O aventureiro olhou fito o mercador, que embuxou o resto da phrase ; era uma simples allusão a ord. de liv. 5º tit. 61, que punia o roubo.

— Alguns picaros, continuou D. Annibal, seriam capazes de chamar roubo á isso !... Não sabem os parvos, o que seja o direito de conquista. Os reis conquistam lá seus reinos, nós cavalleiros conquistamos os duros e os reales. Cá para

mim, tudo que fôr necessario á vida, mulheres, pecunia, boa pitaça, tudo é despojo de guerra !

O mercador encolheu-se, os dois outros companheiros deram sua approvaçaõ tacita á theoria conquistadora do cavalleiro.

— Decidido pois estava a offerecer combate leal ao amigo, quando chegamos a um pouso, onde deviamos salhar um dia para repousar. Maldita lembrança foi essa ! Voltando á noite de uma caçada, retardada pela borrasca, que haviamos de achar ?...

— Um bando de selvagens ! disse o colono.

— Peior foi a desgraça. Um raio partira o picaro do Fernão !...

— Um raio !...

— Desconfiei da historia e vou-me á elle ! Já estava morto e bem morto. Nas algibeiras, nada. *Pero*, a tal cruz estava atirada ao chão em pedaços!... Com mil trabucos ! Era ouco o páu. O papel ali esteve escondido.

— Ah !... fez o gageiro ! Era essa a devoçaõ do marreco.

— Mas o papel que sumiço levou ? perguntou o rapaz.

— Tiuha-o levado um frade que confessara o tal.

— E o frade ?

— O frade... Só se o não encontrar neste mundo, ou mesmo no outro. Elle m'a pagará. O picaro ! Roubar-me o que tinha de ser meu, e com que sem cerimonia !...

— Pois deixai que vos diga, replicou o rapaz, que mais perdi eu, senhor capitão.

— Calai-vos d'ahi, rapaz, mais do que as maravilhosas minas de prata ?

— Qual !... Si era possivel, Anselmo ? Vede bem !

— E si vos eu disser que estive no caminho da cidade encantada, onde as ruas são calçadas de prata e as casas de ouro ?...

— Ah ! então !...

— Como ! Si ainda ninguem a achou ?...

— Menos aquelle que deu a noticia della.

— Esse morto é.

— Morto será, que isso nada faz ao caso, si deixou a rota escripta, para lá ir quem a tiver.

— E esse escripto onde pára ?

— Sei-o eu !...

— Fazeis segredo disso ?...

— Tanto não faço que vou-me a Madrid queixar-me á El-rei de quem á força me privou do que

muito meu era ! Um letrado e um bom letrado da Bahia, o licenciado Vaz Caminha... Heis de conhecê-lo, mestre Braz ?

— Si o não conhecera eu !... Pois é freguezia minha ! bocejou o mercador entre dois engulhos.

— Tambem eu pesco o meu tantinho da rabulice, acudiu o mercador. Si quereis, posso dizer-vos como me parece da vossa justiça.

— Os bons avisos nunca sobram, e com o vosso me fareis mercê. Conheceis um D. Diogo de Mariz, fidalgo, que é provedor mór da fazenda em S. Sebastião ?

— Não me é estranho esse nome, mas que o conheça não digo.

— Conheço-o eu mui bem ! disse D. Annibal.

— E eu que até já fui portador de uma carta, que elle mandava á mulher do tal descobridor das vossas minas, senhor capitão ?

— A mulher de Roberio Dias ? disse o mercador, uma D. Clara...

— Por ahi assim !...

— Essa dama já é fallecida ! observou Anselmo.

— Pelo menos estava para ir a pique, quando lhe fui levar a carta, que o commandante mandava. Recebeu-a um grumetesinho deste tope...

— Havia de ser o filho, o estudante.

— Que se chama Estacio, cuido eu...

— Pois esse D. Diogo de Mariz é o proprio da minha querella. Com elle fui á cousa de tres annos, acostado á banda que levou para soccorer seu pai. O homem tinha sido atacado pelo gentio Aymoré, lá para as bandas de Paquequer, e o filho veio de rota batida em busca de gente. Chegado era eu a S. Sebastião, para me passar á S. Vicente. Fallava-se tanto no ouro dos paulistas, que a fama me tentou.

— Esse ouro dos paulistas é como o da vossa cidade, muchacho!

— Não duvidareis, quando ouvirdes tudo. Enquanto esperava, aproveitei o ensejo de ganhar boa paga e lá fomos. Trabalho perdido. O gentio arasára tudo. Só encontrámos as pedras da casa e gente queimada! Ahi ficámos uns tantos dias para enterrar aquella carvoagem de ossos.

— Então o gentio poz fogo ao redor da casa toda, que não poderam fugir?

— Assim parece.

— E os selvagens já tinham abalado?

— Nem noticia delles. Andando á pesquisar no mato que ficava pela redondeza, chegámos á

uma clareira, onde sem duvida tinham dado combate. Estavam ali duas filas de ossadas, que os urubús tinham limpado e uns trapos de roupas. Espetando com a ponta da espada levantei uma cousa, á feição de cobra. Mas não era. Vêdes esta cinta ?

Dizendo isto o rapaz desatacou uma cinta que trazia, tecida com finas malhas de aço, formando interiormente duas bolsas. Os outros a examinaram.

— Pois era isso ; com a differença de estar recheada...

— De boas coroas ?

— Hupa !... Tinha dentro umas folhas de pergaminho á moda de um livro de rol. Puz-me a olhar aquellas lettras vermelhas graudas, como boi para palacio, quando sinto uma voz dizer atraz de mim, *roteiro*. Era D. Diogo : tomou-me o rolo, esteve lá resmungando, e acabou por guardar no peito do jalleco.

— Que tal o mano ! E era fidalgo ?

— Não tinheis a vossa espada ao lado ? disse o aventureiro :

O rapaz levantou os hombros :

— Um homem contra cincoenta !...

— Ainda que foram cem !

— Mas exigistes delle que vos restituísse ?

— Sabeis com que me tornou ? Que aquillo era um thesouro e devia ser restituído ao seu proprio dono.

— Bom modo de ficar-se com elle.

— E ficou-se, ainda que já em S. Sebastião teimando eu que me voltasse o meu achado, disse-me que já avisára o dono para o vir receber. Mas isso não passava de uma historia.

— Quem era o tal dono, não lh'o perguntastes.

— Fez-me orelha moça !

— E deixou-vos tocando leques com bandurra ?

— Sempre deu-me uns dez marcos de prata, como esportula !

— Vejam que tal era a ganancia !

— Mas então esse papel cuidaes vós que fosse o roteiro?... disse o soldado.

— Da cidade encantada. Não podia ser outro.

— Tambem estou nisso ! disse o gageiro.

— Talvez não passasse de algum diario de descobertas ! replicou D. Annibal.

— Ha muitos annos que isso foi ?

— Tres, si tanto. Seria pela Assumpção.

— Dormistes no caso. Bem póde acontecer que já seja tarde.

— Que querieis que fizesse ? Faltava o melhor. Tornei á Bahia, e só agora ajuntámos, eu e a mãe, alguns reaes para a jornada.

— Comtanto que o cujo não tenha já evaporado a cousa.

— Que vos parece do caso agora, senhor Braz, não pensacs que a justiça esteja toda de meu lado ?

O mercador teve segundo estremecimento, de quem era arrancado ao valente cochilo :

— Hem !... Dizeis ?...

O rapaz repetiu a pergunta.

— Elle não deixa de ser intrincado : continuou o mercador bocejando. Achastes uma botija de dinheiro....

— Estaes sonhando ?... Um papel vos disse eu !

— Um papel, sim !

— Mestre Braz parece que está com o purão muito carregado ; o leme não governa !

— Nada !... E' este balanço...

— Carga ao mar !

— Uhah !... uhah !...

O mercador estirou-se. Os outros foram tratando de recolher. Com pouco a sineta de bordo annunciou que entrava o quarto de prima.

O P.^o Molina ainda ficou no tombadilho. O vento

rondára e o navio singrando rumo direito, corria agora ligeira bolina sobre o mar sereno. Como esse barco, o espirito do religioso enleiado em cogitações, corria agora impellido pela ambição sobre um oceano de ideas. A lembrança apagada das cartas que lera na cella do P.^o Cunha avivára em sua mente.

No dia seguinte o jesuita prolongando até a prôa seu passeio habitual, engendrou um encontro casual com o Anselmo. Trocadas as primeiras palavras, o rapaz o acompanhou até as amuras, onde tiveram longa pratica. Carecia o sacerdote de um moço de serviço, e a proposito de informações sobre seu procedimento fez-lhe uma infinidade de perguntas relativas, não só a elle, como á outras pessoas da cidade do Salvador.

Entrou emfim o galeão *Rosario* a barra de Lisboa.

Poucas horas depois de lançar o ferro no ancoradouro, o aventureiro D. Annibal e o mariola Anselmo foram presos por familiares do Santo Officio em virtude de denuncias depostas na caixa secreta. O P.^o Molina interveio em favor do criado; mas tudo quanto obteve foi que elle voltasse immediatamente, em um navio que

estava a levantar a ancora com destino á Bahia. A Santa Inquisição ainda tolerava os christãos novos nas colonias, terra para degredos ; na metropole por fórma alguma.

Não ficou muito contrariado porisso o frade e consolou o rapaz, dando-lhe de conselho que não boquejasse mais sobre certo caso acontecido com D. Diogo de Mariz, pois era homem poderoso, e contava amigos por toda a parte. Partiu-se pois o Anselmo, inteiramente desabusado das cidades encantadas, e dando graças á Providencia que o livrara da Inquisição. Já Belem sumia-se pela popa do navio, quando D. Annibal soffria perante os Inquizidores do Santo Officio o primeiro interrogatorio.

Entretanto achava-se o P.^o Molina recolhido á sua casa de Lisboa, depois de oito annos de ausencia. Ainda ali vivia o P.^o Mestre Cunha, que recebeu de braços abertos seu antigo discipulo e famulo ; o gordo jesuita estava muito acabado do reumatismo gotoso ; e já não viçava na sua robusta pessoa aquella florente velhice, que tanto admirara Vilarzito em Sevilha. O recém-chegado não quiz receber a hospitalidade de outro que não seu primeiro mestre, o qual de sua parte muito estimou te-lo por companheiro de cella.

•

No primeiro momento favoravel, Molina passou busca ao armario, onde outr'ora descobrira o masso relativo ás *minas de prata*. Ainda ali estava elle, muito augmentado com a continuação da correspondencia, porém atirado ao canto e despresado, senão esquecido, á julgar pela espessa crosta de poeira que o cobria. Não nos é possível copiar a integra das cartas do P.^o Manoel Soares, apesar do muito bem lançado dellas: pois occupariam largo espaço. Basta dar aqui a summa da correspondencia.

Quando o filho de Roberio Dias chegou aos doze annos de idade, se aventou sériamente em familia a questão de faze-lo entrar para a companhia de Jesus. Como contava o P.^o Manoel Soares houve firme resistencia da parte de Alvaro de Carvalho, apoiado na repugnancia do menino pela carreira a que o destinavam. Vaz Caminha não se deixou mover pelos argumentos do soldado; mas as preces do afilhado enterneceram seu coração. Assegurou-lhe que ninguem, senão elle mesmo Estacio, decidiria de sua sorte; esperariam pelos vinte annos, idade em que poderia conhecer a sua vocação, e decidir-se por um estado.

Com esta certeza entrou Estacio á cursar

as aulas do Collegio como simples escolar. Os jesuitas tinham então á seu cargo a instrucção primaria, especialmente nas colonias, onde eram raros os mestres particulares; em remuneração de tal serviço, bem como da obra da cathequese, recebiam elles do Real Erario uma congrua de quatro mil cruzados.

Não agradou ao P.^o Manoel Soares o desfecho do negocio, e pois de combinação com o Provincial tratou de solver a difficuldade inesperada. Recorreu á astucia, tantas vezes empregada pela Companhia, com bom exito. Sob pretexto de tomarem á Estacio termo de matricula nas aulas, lhe deram á assignar um auto de noviciado, que Alvaro de Carvalho em boa fé subscreveu.

Seguiam-se outras cartas relativas á memoria das minas de prata em que o P.^o Manoel Soares trabalhava com fervor; em cada missiva dava elle uma resenha de seus esforços e pesquisas no desempenho da importante tarefa que lhe fôra commettida; em uma das ultimas da collecção annunciava o infatigavel chronista a importante descoberta que fizera de uma testemunha, cujo depoimento punha feliz remate á sua obra.

Sem duvida não partilhavam os Padres de Lisboa

a fé que mostrava o Rev. Manoel Soares em suas laboriosas investigações, pois, nada resolveram apesar das repetidas instancias, e afinal deixaram sem resposta as suas cartas. Não desanimára comtudo o denodado chronista, e de vez em quando dava copia de si, reiterando ao Provincial de Lisboa suas rogativas para que se tirasse o fructo dos esforços de tantos annos.

Como acabava Molina a interessante leitura, cahiu a noite.

Tratou o jesuita de accender a candeia na lampada do corrector; conservava elle ainda na mão a carta em que o P.^o Manoel Soares fallava da testemunha de vista que acompanhára o paj de Roberio Dias na descoberta das minas de prata. Sem duvida por inadvertencia e distracção, machucou-a e accendeu na lampada para transmitir a chamma á candeia; quando deu por isso estava o papel reduzido á cinza.

Nessa mesma noite, depois da reza, impetrou o P.^o Molina do Provincial permissão para seguir sem demora á Roma, na pia intenção de beijar o annel de Sua Santidade e a mutra do vigario geral da Ordem. Não desejava professar no 4.^o voto, sem ter feito essa pia romagem.

Estava nessa occasião agasalhado, ou melhor homisiado, no Collegio de Lisboa, um fidalgo de nome D. Lopo de Vellasco, commendador de S. Ivo, a quem perseguiam as justiças de El-Rei por certo duelo muito extravagante. Amigo dos padres, e delles protegido, asylara-se o fidalgo na casa da Companhia; não pôde esta apezar de todo seu valimento obter o perdão completo do delicto, porque o adversario morto pertencia á uma familia poderosa; mas alcançou a commutação da pena em alguns annos de degredo.

A vice-rainha mandou ir ao Paço o commendador e ali fez-lhe sentir que seria muito conveniente uma viagem ao Brazil; observando-lhe o fidalgo que não possuia terras nas colonias, retorquiu a princeza, que devia comprar:

— Quando Sua Magestade D. Felippe 3.^o tanto se occupa com suas possessões do ultramar, não é muito que o ajudem seus fidalgos á povoar aquelles dominios.

Em vespervas de partir, D. Lopo de Vellasco aproveitou a recente chegada do P.^o Molina para colher informações seguras á respeito da terra. O fidalgo era grande caçador, e não se emendava; apezar de ter sido essa paixão a causa de achar-se

em lance tão difficil, queria fixar sua residencia na capitania mais abundante de caça.

Bem se vê que o fidalgo não conhecia o Brazil, onde e especialmente naquelle tempo as matas regorgitavam de toda a especie de monteria e os ares coalhavam-se de volateria. O P.^e Molina porém não hesitou em lhe aconselhar a cidade de S. Sebastião, onde elle acharia reunidas boa gente e boa caça.

D. Lopo accedeu.

— Então aproveito o ensejo para escrever por algum ercado de Vossa Mercê duas linhas á uma pessoa que me encarregou de certo negocio.

— Pois escreva, padre-mestre. Com muito gosto me farei eu mesmo portador de suas lettras : respondeu o fidalgo.

No momento de partir entregou de feito o jesuita a D. Lopo de Vellasco uma carta assim subscrita :—*Para S. Mercê o Sr. D. Diogo de Mariz, Provedor mór da alfandega de S. Sebastião.*

O jesuita, senhor agora de todo o segredo do roteiro das minas de prata, e convencido de que o manuscripto ainda se achava no poder de D. Diogo de Mariz, só tinha um receio ; era que Estacio, ou alguem em seu nome, se apresentasse

á reclama-lo, antes que elle P.^e Molina, tornasse á S. Sebastião.

Para prevenir esse caso, escrevera o jesuita á D. Diogo o seguinte :

« Muito nobre senhor meu.

« Fui encarregado pela pessoa que Vm.^{ce} bem sabe, de receber o objecto de grande preço que se acha em seu poder. Motivos ponderosos me tem impedido de cumprir esse procuratorio, de modo que só lá para o anno vindouro ahi poderei estar.

« Como porem se perdesse a carta de aviso que Vm.^{ce} escreveu, e é possível com ella se apresente algum aventureiro burlão á reclamar o que lhe não pertence; porisso julgo prudente que esteja de prevenção, para não fazer a entrega senão á este que se assigna

« de Vm.^{ce}

« o mais obediente servo

« P.^e *Gusmão de Molina.*

« Lisboa, aos 27 de Outubro de 1607. »

Quando voltava o jesuita de acompanhar á Ribeira D. Lopo de Vellasco, lobrigou de longe o matreiro do mestre Braz, seu companheiro de travessia, que muscava-se mui sorrateiramente de um bello palacio onde residia D. Francisco de Sousa.

Que fôra ali fazer o mercador das colonias? Solicitar o poderoso fidalgo para patrono de algum requerimento? Dar conta de alguma incumbencia das colonias?

Dias passados choteava ecclesiasticamente o P.^o Gusmão em mula de aluguel, caminho de Hespanha. Na recova á que se juntara para fazer a jornada, ia tambem o Braz. Tratou logo o jesuita de entabolar conversação com o mercador; mas era impossivel com semelhante creatura a menor pratica.

Não tinha agora o taberneiro o enjôo como á bordo do *Rosario*; mas em troca o terrivel choto da mula o amassava na sella como levedo de pão. Saltando com os solavancos da andadura e jogando de uma á outra banda, ia o judengo encolhido todo e agarrado ao gancho do selim. A ladainha de lamentações, que servia de acompanhamento ao trote da besta, era apenas inter-

rompida pelos gritos de espanto, que soltava o taberneiro cuidando cahir. Chegado ao pouso aquella massa inerte de carne e osso cahiu sobre a enxerga como uma pedra.

Em Sevilha perderam-se de vista os dois companheiros de viagem.

Quarenta dias depois entrava o P.^o Gusmão a cidade eterna, e alojava-se na casa da Companhia. Houve entre o humilde frade e o Preposito geral Claudio Acquaviva longa e secreta conferencia. A' cabo de tres horas descia Molina as marmoreas escadas do grande consistorio, escondendo na manga do habito um pergaminho. Era a sua nomeação de Visitador na Provincia do Brasil; trazia essa nomeação a data em branco, porque só depois de jurar o frade o quarto e ultimo voto da ordem, podia ella ter effeito. A qualidade de professo e por conseguinte o assento em capitulo era segundo o Instituto condição essencial para a prelazia.

A tempo que isso passava em Roma, no mesmo dia e hora, á centenas de leguas, em outra capital europea, na cidade de Amsterdam, mestre Braz batia á porta da casa onde habitava o cidadão Usselinx, e entregava uma carta ency-

clica de que era portador, dirigida pelos judeus da cidade do Salvador ao illustre chefe do partido da guerra e um dos fundadores da *Compagnia das Indias Occidentales*.

A encyclica hebraica foi o fomento da famosa guerra que durou vinte e tantos annos. Os judeus ameaçados pelo Santo Officio, chamavam os hollandezes, como outr'ora seus antepassados em Babylonia haviam chamado em suas preces Cyro, o conquistador, para liberta-los da escravidão. Os hollandezes vieram, não suscitados por Deus como o heroe meda, mas açulados pela cobiça, poucos annos depois, em 1621.



VI

Descobrem-se afinal as cavallarias altas do doutor Vaz Caminha.



E' tempo de tornar á cidade do Salvador, onde o nosso bom e velho amigo o doutor Vaz Caminha, refocila ainda no modesto catre, bem que alto já vai o sol.

De instante á instante a engadinha da Eucheria vem pé ante pé escutar á porta da camarinha.

Ouvindo o calmo resfolgo da respiração subtil, torna de manso para não perturbar o somno de passarinho do bom do amo seu.

Quem soubesse do tarde que recolhera o advogado e do resfriado que vinha com o chuvisqueiro da noite, não estranhara uma tal inversão nos seus habitos madrugadores. Desde que estava no Brasil, não passára o letrado de Arrayollos outra noite de tribulações, como essa tão aziaga que lhe trouxera de janeiras, o anno da graça de 1609.

Si bem nos lembramos, ficou o doutor na casa mysteriosa, onde cortezmente o recebera a formosa dona. Esta depois que o saudou, lhe indicára uma cadeira de espaldar, que estava fronteira. Junto ao cochim havia sobre o velador de charão, obra da India, uma bolsa cheia de ouro, posta em salva de prata.

— Desculpai-me o desarranjo que vos causei, meu senhor, e a mesquinhez da recompensa. Outra de mais valia vos guardarei eternamente no meu coração pela generosidade que houveste com uma desconhecida.

Ao proferir destas palavras com a voz tremula e um ligeiro accento castelhano, a dona tomára a salva do velador, e á pouco e pouco resvallando

pelo cochim, estava de joelhos sobre a almofada no momento de offerecer ao advogado a esportula dos bons officios que d'elle esperava.

Nunca remuneração de um serviço foi mais generosa, nem com mais delicadeza offerecida. O doutor confuso ergueu a dama e deitou a salva emcima da banquinha.

— Não fiz mais que o meu dever, senhora minha: e dou-me por bem pago com prestar-vos tão pequeno serviço.

— Sois rico e muito de saber, Senhor licenciado; mas, si me não enganaram, reduzido nos bens da fortuna que o acaso accumulou nas minhas mãos. Demais tendes vós com quem repartir em quanto que eu estou só no mundo; disse chorando.

— Quem tenho, senão uma pobre irmã, que de pouco precisa para encher os seus ultimos dias?...

— E um discipulo e afilhado que estimaes e quereis á par de filho!...

— Oh! esse, é como se fosse outro eu: com elle estou só!...

— Tanto o prezais!... Pois recebei para elle o que recusais para vós. Trocando uma parte

minima de sua abastança por toda a vossa opulencia, é esta vossa serva quem ainda vos fica restando !

— Basta, senhora minha. Vejo que vossa generosidade é das que não se deixam vencer da recusa, antes dobram e avultam com ella. Recebo a tão fidalga retribuição, mas como letrado, e tão sómente. Si outra foi vossa idéa chamando-me, dissei-o logo, porque já me retiro.

— Oh ! não ! Podeis ficar sem receio.

O advogado não hesitou mais, e beijou a mão da dama : esta proseguira :

— Haveis de escusar, senhor doutor, a hora e estranheza deste empraçamento, tão fóra dos vossos habitos ; mas além de que vos adverti no recado que tinha razão de segredo, accresce que sou espiada ! Sabereis logo por quem, e qual o motivo. Assim não achei melhor occasião de ver-vos, que esta noite de folguedos, em que todos andam distrahidos na festa.

— Vejo, que vosso caso é grave, Senhora ; porém vossa discripção está na medida d'elle. Podeis expo-lo.

A dama recolheu em si, e parecia agora no momento de abrir os refolhos de sua alma presa

de um enleio, que lhe tolhia a palavra. Era o pudor de uma angustia, ainda não desflorada pela curiosidade ou mesmo pela compaixão de estranhos, mas até ali recatada nas profundezas d'alma.

— Quando vos aprouver, Senhora, estou prompto para ouvir-vos ; disse o velho animando-a.

A dama começou tremula :

— O para que vos roguei, Sr. licenciado, é em verdade mais que uma consulta, pois é uma confissão. O que espero de vós, não é só conselho, senão também amparo e protecção ao meu desvalimento. Isso bem sei que não se paga com ouro, mas supplico-vos eu por esmola l...

— Protecção, dar-vo-la-hei Senhora ; não minha, a da lei e justiça de El-Rei. Quanto ao mais, podeis fallar ; meu ministerio é um sacerdocio também !

— Não esperava menos de vossa bondade !

— Comtudo de uma cousa devo prevenir-vos. Si com vossa revellação, tendes mais em vista um conforto para o espirito, do que um remedio á aggravo dos homens, melhor farieis em buscar um ministro da religião, do que um ministro da lei. Tão seca e aspera é a palavra deste, como a daquelle macia, branda e insinuante.

— Nunca ! Desses nada quero !... exclamou a dama com arrebatamento que espantou o velho.

— Tereis a desgraça, Senhora, de não ser christã ? perguntou o advogado com profundo sentimento de compaixão.

— Christã nasci e... e sou ainda. Mas ouvide esta desventurada, senhor meu, e tudo entenderéis!...

O que narrou a dama, já o sabemos nós, porque não era outra, senão D. Dulce, a gentil maja das frescas margens do Tinto. Ella contou desse idyllio da juventude, tão breve esvanecido, a parte que lhe tocou. Sua belleza animava-se e como que de novo luzia com esse primeiro raiar da aurora da vida, que chamamos mocidade. Depois foi-se apagando o esplendor ; fugio primeiro o sorriso, a côr em seguida ; até que a tristeza profunda desdobrando como crepe da fronte pendida, enlutou-a.

Chegára ao momento em que seu marido, trajando vestes de religioso, a deixára desmaiada nas lages da igreja em Palos.

— Quando dei accordo de mim, vagava nas ruas, como uma desasisada, indagando, correndo após todo o religioso que via passar longe... Tres dias não descançei... Por portarias e locandas,

andei a inquirir... Teria elle conservado seu antigo nome?... Como saber?... Emfim levou-me o acaso á uma pousada junto a praia... Estivera ali um frade que se passára ao Brasil na vespera... o dia em que chegára á cidade, os signaes que me deram... Tudo convenceu-me que fôra elle! Não sabiam ali porém, nem o religioso dissera, como se chamava!

Dulce parou de suffocada.

— De que religião eram as vestes do vosso marido, quando o vistes na igreja? perguntou Caminha.

— Trazia o habito negro da Companhia.

— Proseguí, se não estaes fatigada. Vossa historia me interessa no mais alto ponto.

— Achando-me outra vez só com o meu desespero, não sei qual presentimento me disse que eu ia ter uma luta a sustentar contra algum poder da terra, para deffender o direito santo do meu amor. « Ser-me-hão precisos cabedaes e avultados, » disse eu. Meu pai já tinha pensado em se passar ás colonias, e não o fizera a rogo meu. Agora duas razões me chamavam a esta terra, e nenhuma me prendia já á que fôra do nascimento, e tambem da desventura. Partimo-nos no

primeiro navio e chegámos á esta cidade em fins de 1600.

— Ha oito annos...

— Oito annos de martyrio, e que martyrio? Não imaginaes! Tinham dilacerado esta alma, e eu amava ainda, mais que nunca, o seu algoz!... Mas sentia que me ia entrando um odio... Não vos horrorise esta blasphemia... um odio profundo e intranhado por essa religião que me roubára o unico bem...

— Senhora! Moderai-vos por quem sois!...

— Perdão!... Por bom vos tenho e compassivo; apiedai-vos de uma infeliz, que não sabe já o que diz. A minha historia está a terminar. Meu pai ajuntou avultado cabedal, que enterrou em logar seguro. Para mim o destinava elle, que para si não queria mais que a felicidade de sua filha!... Pobre pai! Finou-se sem ver o termo de minhas desditas!... Eu que tanto esperava dessa riqueza, nem sei agora como use della! E as vezes já me cança deffende-la contra a cobiça dos mais!...

— Alguem é sabedor della, pois a cobiça?

— Foi publico e notorio o lucro que meu pai retirou das suas explorações no sertão... Parece

que tambem essa nova soou no collegio dos Padres, pois o Reitor delles não tem cessado de me persuadir a fazer esmola ao seu Instituto do quanto meu pai juntou. Deixai que vos diga : eu sinto em mim um odio intranhado por tudo quanto veste o habito negro da Companhia ; mas a esperança de saber onde elle existe, me obrigou a dissimular. Não me escapa os projectos que o Reitor faz á meu respeito, e a espionagem de que me rodeia por que não lhe escoe das mãos o ouro que tem por certo e infallivel.

A moça callou-se de novo absorvida nas suas mágoas. O velho contemplava-a absorto ; quando de repente ergueu a fronte, como quem é arrancado aos intimos pensares, por sensação extranha. Inclinando o ouvido á escuta, percebeu um surdo rumor que sahia do chão, e parecia vir do lado a que dava elle as costas.

Voltando-se, percorreu de um olhar essa face interior da sala : rasgavam a parede tres portas ; uma pela qual entrara, na outra extremidade ; a do meio mais larga e em fórma de ogiva, terminando em cruz de madeira embutida no cimento ; a ultima, que lhe ficava por detraz, vendada por uma cortina de broquel. Prolongando o

olhar, observou ainda o doutor que a parede lateral onde encostava o cochim, abria janellas para o outão da casa.

Este rapido exame da topographia do edificio, confirmou-lhe a suspeita que o assaltara. A lembrança da conversa que pela manhã ouvira na adega do Braz; o facto de ser Lucas escravo de Dona Dulce; os avultados cabedaes que a moça dissera terem sido enterrados pelo pai; tudo se combinava agora.

— Não ha duvidar!... pensou Vaz Caminha. Ali está o oratorio... o camarim da senhora aqui... no outão! A esta hora trabalham na mina!..

Interrompeu-lhe a cogitação a voz da dama:

— Sabeis já da minha vida tanto ou mais que eu, pois cousas ha que não são para uma pobre mulher ignorante, que só aprendeu do mundo á soffrer e... amar! Quero-lhe a elle com as ancias de um coração curtido de dôres!... Com o desespero de doze compridos annos de uma esperanza sempre viva em coração morto!... Toda essa riqueza, que é immensa, só a ambicionei para recupera-lo... Espalharei ouro... Disputa-lo-hei ao mundo, á Deus, si preciso fôr! E' meu esposo!...

— Illuminava a fronte da bella senhora um reflexo vivo das paixões sublimes. Mas passou. Foi tremula e receiosa que ella dirigiu de novo a palavra ao advogado pensativo :

— Dizei-me pois, Sur. doutor, si as leis dos homens me dão o direito de arrancar meu esposo e meu unico bem aos votos que m'o roubaram !... Porque senão, si justiça não ha no céu que cancei de implorar, e na terra onde só tenho penado... Pois bem, eu me farei justiça por minhas mãos...

— Qual é o vosso intento, senhora ?

— Meu intento... meu intento... Sei-o eu ?... Rehaver o que perdi... Sim ; ainda que para isso seja preciso armar os máus contra os bons... profanar a casa do Senhor... Que importa !... Comtanto que me restituam meu esposo... Irei de convento em convento, de portaria em portaria mendigar novas delle... Hei de encontra-lo, e então...

— Basta, Dona Dulce ! Bem vos dizia eu que vossa generosa retribuição era demasiada para o officio do humilde lettrado. Esqueci avisar-vos que fôra nenhuma para o seu dever. Aqui vo-la deixo !

Vaz Caminha engueu-se, deitando a bolsa sobre a banca :

— Em que vos offendi eu ? exclamou a dama travando-lhe das mãos.

— Vim ao vosso chamado para aconselhar-vos, não para vos dirigir no caminho do mal. Meu ministerio, senhora, é da justiça e não das paixões, da lei e não da vingança !

A dama respondeu com uma nobreza repassada de profunda magoa :

— Nunca soffrestes dôres, como as que tenho aqui neste coração tranzido, senhor doutor ; senão serieis indulgente para estes desvarios, que me pungem mais a mim que a vós mesmo. Já vos não detenho ; deste-me a ultima prova dos homens. Si dos nimiamente bons, como sois, recebo tão duras palavras, que esperar dos outros !...

— Senhora, mercê ! Fui descortez, confesso minha culpa : não veio ella d'alma, senão da profissão que não me costumou á fazer salas. Vou satisfazer-vos no que de mim exigis.

— Ah ! exclamou a dama. Fallai !...

— As leis dos homens nada podem no vosso caso ; mas pôdem tudo as leis divinas. Em Roma aos pés de Sua Santidade, está o remedio á vossa

desdita ; porque lá está aquelle á quem Deus disse : *Quaecumque alligaveritis super terram...*

O advogado citava o texto, mas calou-se, advertindo que fallava á uma dama. Emendou a mão :

— A quem Deus disse : « *Quanto ligardes na terra será ligado no céu ; e quanto na terra solveres, soluto estará no céu.* »

Dulce ergueu as mãos supplices, exaltando ao céu sua alma arroubada n'um olhar de infinita gratidão. Depois esse mesmo olhar desceu a embeber-se no rosto pallido e mirrado do velho.

— Obrigada, senhor doutor ! Salvastes-me de um grande peccado, dando remedio á minha dôr !...

— Já não haveis mister de mim, Dona Dulce ? perguntou o advogado.

— Hoje não : basta a esperança que me deixaes. Outro dia proximo, terei necessidade de praticar comvosco mais compridamente.

— Enviae-me aviso. Agora é tarde, dai que me recolha.

O doutor levantou-se para despedir-se :

— Antes que me retire, uma palavra.

O velho tomou galantemente a mão da dama, e conduzindo-a até o meio da sala, abaixou a voz para dizer-lhe :

— Pediste-me um conselho, senhora ; quero eu dar-vos um que não me pedistes.

— Mais porisso o agradecerei.

— Guardai melhor vosso ouro, e fiae menos de escravos. A terra esconde bem, é verdade, porém não ha chave nem ferrolho que a feche, pelo que abre-se em qualquer parte.

— Deste lado estou segura. O segredo só eu o sei.

— Cuidaes isso ? E se vos eu disser que o thesouro está enterrado ali, no oratorio...

— Quem vo-lo revelou?... perguntou Dulce espavorida.

— E que á esta hora, estão abrindo uma mina por baixo da vossa recamera pela qual se ha de escoar o vosso ouro ?

— Deus meu ! Como sabeis tudo isto ? Quem póde ter maquinado uma maldade igual, a não ser a gente maldita, que veio ao mundo para meu mal !...

— Não paguem innocentes por peccadores. Aplicae o sentido ; não ouvis um bater surdo que vem do chão.

— Sim, agora ouço ! Vem d'ali !

— Pois são elles que cavam.

— Elles quem ?

— Disse-vos, quanto é preciso para que vos acauteleis. O mais crede-me, não aproveitaria ao vosso cabedal, e menos ao vosso socego.

Nesse momento ouviram uma serenata de alguém que parava junto á cerca ; o rumor cessou momentos depois farfalharam as folhas do arvoredó. Vaz Caminha abrindo na janella uma estreita fresta, mostrou á dama seis individuos que surdiam á um e um do outão da casa e sumiam-se nas trevas.

— Bem longe me suppunha eu de mais esse cuidado, para o qual confesso que já não me sobram espiritos, tanto os tenho, e tão inteiramente empregados, em mais alto pensamento. Si me não valeis ainda desta vez com o vosso conselho, não sei o que vai ser de mim.

— Não é caso de esmorecer, ainda que demanda grande tino, muita prudencia, e mais que tudo segredo inviolavel. Tendes pessoa de quem fieis tanto como de vós mesma ?

— Ninguem tinha hontem, tal era meu desamparo, mais que um escravo fiel, o mesmo que vos guiou. Agora vos tenho a vós.

Vaz Caminha conservara-se impassivel quando

Dulce referiu-se ao negro, e correspondeu com uma reverencia a prova de confiança da senhora.

— Emquanto ao escravo, digo-vos eu, senhora, com os meus sessenta e seis annos, que o bom tem a fidelidade do cão : descobre o dono farejando-lhe o rastro e o denuncia ladrando para festejal-o. Emquanto á este vosso servo reverente, vos peço venia para observar que si é nenhuma a confiança que se conta por dias e mezes, o que será a que mal data de horas?

— Qual pessoa posso eu ter de mais fiança minha, do que aquella á quem se abriu esta alma cerrada ao mundo inteiro? Não fosseis vós quem sois, Senhor Vaz Caminha, tão reputado de saber quanto de virtude, que esse titulo só de meu confessor ao mesmo tempo que letrado, vos faria senhor da minha fé.

— Uma cousa são infortunios e contrariedades da vida ; outra cabedaes e riquezas. Si da primeira me encarreguei para vos aconselhar e dirigir ; a segunda, sinto não soffrem as forças tamanho peso de responsabilidade.

— Cumpra-se então o ultimo transe da minha desventura ! Perdida com esse ouro e apagada, a derradeira luz de esperanza que ainda lampejava

na escuridão de minha vida, acabará esta misera uma vez de morrer !

— Mas porque desanimais, senhora ?

— E m'ò perguntaes ? O unico meio que me restava para alcançar o fim de uma vida inteira de martyrio, posto em duvida e risco ! E vós mesmo, que me roubais esse conforto, não me dais remedio para o mal ; ao contrario, a confiança que tinha no escravo, dissipaes ; a que puz em vossa pessoa, recusais ! Si essa era vossa tenção, para que avisar-me do mal... Melhor era deixar-me viver na minha antiga segurança, roubada fosse embora, do que matar-me assim lentamente neste repetido sobresalto e continuo terror ! Usaste comigo, senhor doutor, sem querer, de crueldade igual á que soffrem os condemnados ; prolongam-lhe com a vida a tortura. Não vos culpo, nem culpa ha, senão desdita de quem em má hora nasceu para si e os seus.

O doutor ouvia com ar de bondade as palavras pungentes da moça ; e tanto que acabou ella de fallar, começou com um termo brando e meigo, pondo nella os olhos enternecidos.

— Razão alguma tendes, e facil me fôra provar, que por cumprir meu dever de christão e homem

discreto, não me obriguei á mais para comvosco, nem á mais me obriga a lei como letrado, que me chamaste, e letrado vim. Mas que importa que não tenhais razão alguma, si toda vos quero eu dar. Ganharam-me vossos infortunios, rendido me vedes. Uma cousa porém vos peço. Ides fiar de um extranho o segredo de grosso cabedal, capaz de excitar a cobiça, a quem não tem : não deveis ceder ao primeiro movimento, para que não venha depressa o arrependimento : pensai até amanhã: o caso não urge tanto, que o não permita.

— Si já sois senhor desse segredo, que arrisco em adiantar o que já sabeis ?

— Sei parte d'elle, é certo ; sei que vosso ouro foi enterrado no oratorio : que esse oratorio ali está, ao lado de vossa camera. Mas o lugar do pavimento, a profundidade, isso ignoro, e quizera ignorar sempre. E quem vos diz que eu, que vim dar-vos aviso, não estou aqui fazendo as minhas partes, e vou colher as maduras, pelas verdes que lancei ? Quem vos diz que aquelles que vistes não sejam meus socios ; ou que tendo aventado parte do seu projecto, eu trate de arrancar por vossas mãos o ouro das garras d'elle, para a minha bolsa ?

Havia na physionomia do velho advogado tal geito de astucia e manha, ao proferir destas phrases, que Dulce não pôde deixar de estremecer : mas sua alma serenou logo.

— Diz-me o meu coração, que de vossa pessoa só conforto e alegria me ha de vir. Ao toque das almas nobres como as vossas, o ouro é metal de vil quilate.

— Emfim, pensareis, senhora, e do resultado me dareis conta quando nos vermos amanhã, sobre noite. Já sei o caminho ; virei só, e portanto mais acompanhado do segredo e recato que é preciso.

— Mas elles?... Me deixais assim em seu poder?

— Nada tendes á receiar por emquanto ; não vos deis por apercebida, nem mesmo quando estiverdes só. Dizem que as paredes tem ouvidos ; tem olhos tambem. E' preciso que elles continuem á cavar a mina, pensando que o ouro está no mesmo lugar ; nesse tempo transportareis á outra parte, de maior segredo, o vosso thesouro.

— Não fôra melhor faze-los prender logo de uma vez ? Si a justiça de El-rei não serve para proteger uma pobre mulher, para que serve ella então ?

— A justiça de El-rei serve para punir os que

infringem a lei ; mas por isso cada um não está desobrigado de velar no seu interesse. O segredo de vosso ouro está descoberto ; quem e quantos o conhecem á esta hora, não ha saber. Fallais em prender os malfeitores ; basta que um escape, ou mesmo communique com outros da prisão, para transmittir o projecto e pôr-vos em continuo desassocego. Melhor é desnortea-los. Ou pensem que mudaste o lugar, ou que outros mais felizes lograram o thesouro, podereis ficar tranquilla ; e então será tempo de fazer a prisão.

— E não se podia prender antes e mudar o lugar? Daria no mesmo, e me tiraria mais depressa do meu desassocego.

— Parece-vos, mas não é o mesmo. Agora, seguros do seu segredo, elles têm a attenção toda empregada na mina : já contam com o ouro ; e só tratam de esconder-se. Presos alguns porém, os que ficassem, se poriam á espreita ; e quem sabe si não penetrariam outra vez o segredo, como penetraram da primeira.

— Vejo que a vossa prudencia tudo previne, e devo estar tranquilla pondo-me sob sua guarda.

— Sob a guarda do Senhor vos deixo eu.

Dulce bateu as palmas, Lucas appareceu.

— Acompanha á casa o senhor doutor : e olha que nada lhe aconteça. A' sua caseira entregarás essa bolsa que delle é.

- Vaz Caminha partiu, e já levava uma boa caminhada, quando encontrou Estacio. Si elle não fosse tão preocupado dos successos dessa noite e de cousas futuras, relativas mesmo ao seu afilhado, não deixára de notar que a torva serenidade do moço ao despedir-se occultava como a onda calma do rio, uma profundez sinistral. Mas o vasto espirito do advogado era pouco para as mil idéas que borbotavam do seu cerebro, escandecido pela vigilia.

Deixemos porém que vá ruminando pelo caminho adiante as suas cogitações, para explicar uma cousa que era para notar : o ter elle occultado de D. Dulce o modo por que chegára ao conhecimento da trama contra ella urdida, e sobretudo callado o nome do negro Lucas, em quem aliás a dona depositava muita confiança.

O doutor tivera para isso boas razões. Elle sabia o que são mulheres, e não conhecia D. Dulce; sem lhe fazer injuria, receou della o compromettesse revellando o como sorprehendera a conversa de Lucas com o Braz na adega da taberna, e exci-

tando contra elle a vingança de qualquer dos dois. Ora a prudencia era a prenda mais cultivada do licenciado. Quanto ao negro, foi por compaixão para a dama, que assentou de calar-se. Imaginou qual supplicio não seria dessa pobre senhora, ali naquella casa, vendo-se entregue á um escravo capaz de tudo para evitar o castigo severo de sua falta.

Preferiu advertir indirectamente a dama como o fez, a denunciar positivamente a traição. Demais elle conhecia a força que tem no animo um sentimento ali enraizado: si o abalam fortemente, verga talvez, mas reage com força dobrada. Accusar o negro que Dulce tinha em conta de fiel, fôra plantar no seu espirito a duvida sobre a verdade da trama, e provocar talvez uma desconfiança contra elle Vaz Caminha que a queria salvar.

O doutor chegou emfim á casa, resfriado do chuvisco. Eucheria estava no seu quinto ou sexto rosario, sem contar os fragmentos do terço, da magnifica e da ladainha, e as repetidas invocações que ella ia entremeando. Na sua imaginação exaltada pelo medo das abentesmas já suppunha o seu querido amo morto e bem morto.

Quando bateram e ella ouviu a voz do advogado, suppoz que era a sua alma que a vinha buscar para o outro mundo.

Afinal Vaz Caminha fallou-lhe de um modo que nada tinha de sobrenatural ; muito humano ao contrario :

— Apressai, Eucheria, que já não posso comigo de cansaço !

Recolhido ao leito, onde o aqueceu o copo da socega, o velho refocilou afinal o fatigado corpo. Eram 7 horas da manhã, quando despertou de todo repousado, e na melhor disposição de espirito.

Com pouco chegou Estacio.



VII

Não ha mal que não traga seu bem.



Estacio vjuha sombrio de sua pessoa e abatido do espirito.

A noite para elle não fôra só de tribulações e desasocego, como para o seu digno mestre e padrinho ; mas noite de dôres cruas e tão longamente curtidas já em breves horas ! O espaço

que mediou entre o saráu e aquelle instante, uma parte a passara sobre o tumulto de seu amor, a outra junto ao leito do amigo moribundo.

Christovão, é de lembrar, não dava accordo de si quando João o tomara nos braços. Deixando o terreiro da casa de D. Luiza, acompanhado de Estacio e Gil, o capitão de mato dirigiu-se rapido á habitação de Mariquinhas, que logo tivera em tenção. Estava ella ja recolhida, mas entendendo daquelle bater tão fóra de horas, que era caso de aperto e talvez de afflicção, concertou ás pressas umas roupas ligeiras, e correu ella propria á abrir.

Em poucas palavras lhe communicou João quem lhe trazia elle e como, assim de surpresa; instantes depois o ferido, prostrado no leito da viuva, recebia o primeiro curativo.

Na cidade do Salvador e sua redondeza não se encontrava então phisico ou assistente que disputasse ao capitão de mato na arte de pençar feridas e conhecer os simples, nem mesmo o mestre Cabral, de todos os matasanos da Bahia o mais afamado. Aprendera dos selvagens, entre quem passava uma boa parte da nomade existencia. Lavando os golpes e banhando-os, conheceu que profundos e em numero, não tinham

embora offendido nenhuma parte essencial; a perda de sangue sim, fôra muita, e debilitava em excesso o enfermo. Posto o aparelho, o cavalleiro recuperou os sentidos; mas para cahir em nova e frequente síncope, que trazia a todos assaltados.

O resto da noite correu assim entre frouxos lumes de esperança, que apagavam logo as sombras presagas de mil terrores. Lá sobre madrugada, os cuidados e efeitos da cura dissiparam os symptomas assustadores. Voltou o calor aos membros gelados, a luz aos olhos baços: e com elles parece que o espirito desceu a esse corpo desamparado. Christovão quiz fallar, mas as forças mal chegaram para sorrir aos amigos que lhe rodeavam o leito; cahiu em somnolencia profunda.

Até então pessoa alguma se occupara com outra cousa - que não disvellos e sustos pela sorte do enfermo. Olhos pregados no rosto pallido, e as cabeças reclinadas sobre a cama, quando não acodiam á mesinha ou curativo, espiavam a vida que lampejava e sumia para accender ainda, prestes a apagar-se de todo. Mal porem o sorriso despontou nos labios descorados, como si fosse contagioso, derramou-se por todos os semblantes: e

ouvio-se o respirar profundo e consolado dos peitos tanto tempo oppressos.

— Está salvo !...

Esta palavra exhalou á um tempo daquellas almas.

João Fogaça voltou-se para Estacio.

— Não vos conhecia de pessoa ; mesmo agora não posso dizer vos conheço o nome, inda que ja o ouvi ; muito embora, comecei a conhecer-vos pelo coração. Boa tempera ! Si algum dia precisardes de um braço pesado, um pé ligeiro e uma cabeça rijá, é essa figura desengonçada que aqui vêdes. João Fogaça, capitão de mato, para vos servir e respeitar.

Estacio apertou a mão do caminheiro.

— Tambem eu vos conhecia pela conversação de Christovão, e tanto que vos adivinhei na pessoa desconhecida. Sei pois quanto vale o que tão graciosamente me offereceis, vosso esforço e diligencia nas maiores emprezas ; porem ácima de tudo vos agradeço a salvação delle. Inda que o fizestes pelo respeito de vosso amor, ao meu cabe uma parte grande.

— Mas não, pois fostes quem o salvou, e não só a elle, mas tambem á mim de um banho no

fosso. Quando chegastes tão á ponto estava eu cae não cae .. Figurae-vos um homem com um cão fillado ao calcauhar !... Mas eu lhe farei as contas, e boas, ao tal Anselmo e aos outros. Bastou vossa presença para que se escafedessem ! E nem espada trazicis !...

Continuaram a praticar os dois. João Fogaça contou o que vira ; Estacio adivinhou o mais pelo que sabia dos amores de seu amigo.

Quando deu signal de amanhecer, o cavalleiro acordou Gil que dormia trepado na soleira da janella, e mandou que tornasse á casa para tranquillisar sua tia velha.

— Ides amofinar-vos comigo, Senhor cavalleiro. Mas paciencia... Jurei á minha mãe que não vos deixaria um instante só... Agora mesmo que senti pegar-me o somno, sentei aqui, á soleira da porta, para que em sahindo, si tal fosse vossa tenção, me acordasseis !

— E por que causa não me queros deixar, Gil ?

— Si nada posso por vós, dai-me ao menos que seja comvosco até o ultimo instante !

— Vae em paz : eu te prometto que na hora

te terei junto de mim, pois lembra-te o que de ti espero que lhe digas a ella.

Gil, aliviado de um grande peso por essa promessa, partiu lesto.

Nisso entrou Mariquinhas.

— Espertou agora mesmo, disse ella, mas calmo, assim da dôr, como do animo.

Os dois amigos voltaram á recamera, onde encontraram o ferido ja outro, embora sempre muito abatido. Assim como os viu estendeu-lhes a mão, e abarcando nella as duas que lhe haviam dado em troca, teve-as instantes contra o coração; depois tirando-os por ellas, os chamou a si com esse movimento para dizer-lhes :

— Que isso não se assoalhe... Si me quereis, amigos !... Exige-o o recato della e a honra minha.

Resolveram guardar segredo impenctravel. Estacio respondia pelo seu pagem; os facinoras, esses do seu lado teriam cuidado de não se denunciarem. A mãe e familia de Christovão moravam no engenho, á quatro leguas; portanto podiam ignorar o desaparecimento, si todo o tempo que durasse a cura houvesse cuidado de mandar noticias regularmente. Affonso, o escudeiro de

Avila, foi chamado á pressa e se lhe teve por bem recommendada a execução do plano concertado.

— Inda vos tenho á pedir !...

— Fallai, amigo, disse Estacio.

— Fallai, sim ; porem com menos palavras que puderdes, para vos não enfraquecer mais.

— Para meu socego careço de saber della... Como a tratou sua mãe, depois que a arrancou de mim !... Sobre tudo, não me enganeis !

— Estou que por ahi nada tendes a receiar.

— Oh ! que muito ! diz-me não sei que sentimento.

— Pois vou-me deste passo cumprir o vosso desejo : e não esperareis muito que não torne com boas novas. Sejam porém ellas más, não vos esconderei ; que o sabe este pobre coração meu, quanto custa um desengano !

A ultima phrase, Estacio a soltára sem querer, e com uma voz murmurada, que só do amigo foi entendida. Este leu-lhe no rosto o luto d'alma ; e ainda que nada sabia, suspeitou-lhe um grande pesar.

— Não, Estacio, disse Christovão disfarçando. Guardo-vos cousa mais difficil ; esta quero incum-

bi-la á meu collaço João, que é pessoa menos vista...

— Prompto, Christovinho !... Vai dizendo .

— Esperai, que me sinto fatigado .

— Quereis que lhe explique ?

Christovão fez um signal affirmativo.

— Trata-se de ir á casa de D. Luiza... Sabeis, a mesma...

— Sei, sei : lá contava ir eu hoje buscar o meu varapáu, e tirar certa devassa cá para meu governo.

— Vos rogo, João, não façaes espalhafato !

— Convém todo o disfarce e simulação para o bom exito da empreza ; acodio Estacio. Ides lá unicamente para saber o que houve desde hontem á noite com D. Elvira, da parte de sua mãe. Mas bem entendido que não ireis chamar ao ferrolho pelos da casa, nem apresentar-vos abertamente !...

— Está direito !... Mas pergunto-vos eu, si pillar de geito por lá algum dos cães desta noite, posso torcer-lhe o gasnete ?...

— Não ! não ! exclamou Christovão.

— Devagarinho, sem rumor ?

— Por quem sois, João. Si ides com taes idéas,

melhor é não irdes ; em vosso lugar pedirei a Estacio...

— Bem, bem !... Não se matará nenhuma pulga, já que sois tão avaro do sangue alheio, quanto prodigo do vosso.

— Não é de sangue que elle é avaro, mas do credito e virtude della, replicou Estacio. Por ventura nunca vos bateu o coração por alguma mulher, senhor João Fogaça ?

O forasteiro estremeceu como si mão invisivel, travando-lhe da frente, lhe houvesse abalado a robusta corpulencia :

— Não sei ! respondeu com a voz rouca. Foi já a tanto tempo que não me lembra mais.

— Pois volvei á esse tempo, e supponde que por uma indiscripção vossa, vão dizer amanhã que essa que adorais faltou ao recato de donzella, e aos respeitos do mundo. Pensai, que terror não seria o vosso.

— Basta !... Nada mais me direis, que o não saiba eu, já agora. Podeis dormir no caso !

O capitão de mato advertiu MARIQUINHAS do que havia á fazer para o ferido, e foi-se tendo antes o cuidado de examinar o aparelho.

Ficando só com o amigo, a primeira palavra do enfermo foi :

— Que vos aconteceu, Estacio ?

— Fallemos antes do que me quereis incumbir, Christovão.

— A incumbencia é nenhuma ; foi disfarce para não vos distrahir de vossos cuidados pelos meus ; pois vejo que os tendes bem negros e pesados.

— Engano vosso !... Não quereis serviços meus, dizei antes.

— Que val negardes !... Não estou vendo eu que si a mim cortaram as carnes á ferro, á vós vos lancearam o coração quem sabe de que dor?... E comtudo eu vos imaginava tão feliz !...

— Tambem eu !... E' sempre assim ; o mel primeiro, depois o fel, para que mais amargo saiba !

— E agora ainda o negareis ?

— Pois instaes, vos confcssarei. Suspeito que os amores de D. Fernando são bem acolhidos !...

— Onde, e por quê causa o suspeitaes ?

— Não saberei dizer ! Suspeito !...

— Ah !... Já vejo que não passam de sombras más vossas tristezas. Desterrae esse máo pensar.

Inezita vos ama : não o viu hontem, quem não o quiz ver.

Estacio que á muito esforço podera disfarçar a sua dôr para não magoar o amigo, deu mostras de consolado com aquelle dito. Sobreveio com pouco novo somno ao enfermo ; e o moço sabendo-o bem guardado de disvelos e cuidados pela incansavel Mariquinhas, aproveitou o ensejo para chegar até a casa do licenciado.

De caminho, o pensamento sinistro que tinha recolhido ao cerebro, como recalçado pela afflicção de ver Christovão mal ferido , rebentou de novo ; mas agora essa idéa de morrer que o arrastava antes com velocidade espantosa sobre a espada do irmão de Inezita, amainara, e deixava-lhe entrever o termo de seus soffrimentos mais afastado. E' assim com o espirito, como com o corpo : o objecto lançado á toda a força , se encontra obstaculo que o embate , volta atraz, ainda que reaja de novo. O perigo de Christovão trouxe á lembrança de Estacio, primeiro que ainda tinha um amigo a quem sua vida podia servir ; depois o desgosto que deixaria ao pobre velho em troca de tanto beneficio e amizade ; finalmente o empenho sagrado que na vespera con-

trahira com a memoria venerada de seu pae, injustamente condemnado.

Vaz Caminha o recebeu já feito da boa sonada, e com mostras de contentamento :

— O vosso cedo, filho, o é menos que o meu tarde. Desde as sete que vos espero ; mas sem duvida pegou-vos o somno que é valente nos moços.

— Parece-vos que esses olhos estejam inflamados de dormir, mestre ?

O advogado já tinha reparado no aspecto decomposto do estudante , mas conheceu que era debalde querer arranca-lo á occulta magoa ; e teve por mais acertado sondar logo a profundeza do golpe :

— Estacio, filho, não vos deslembreis que já não sois á esta hora o moço estudante sem cuidado e futuro que hontem ereis. A memoria de vosso pae, primeiro, e vossa honra depois, sem contar com o que deveis á patria, esperam de vós, uma ser resgatada, e a outra mantida. Para tamanha empreza careceis de todas as vossas forças de espirito e corpo , e guarde Deus que todas ellas accrescidas pelo brio que vos conheço, não bastem ! Si tendes pois cousa que vos afflige,

e tolhe o animo resolute , dizei-o filho, porque eu vos limpo dessa ferrugem da tristura, que róe mais o coração, que a outra o aço.

Sentiu Estacio alguma cousa que o impellia aos braços do velho, e abria o seu coração para vasa-lo naquelle tão amigo seu, e mais de pae : porém quasi logo outro movimento extranho refrangeu-lhe os folhos d'alma magoada, e os labios emmudeceram. Nada escapou á Vaz Caminha :

— Peja-vos de conversar amores com vosso velho mestre ou temeis que estas cans e rugas agourem mal vossos affectos si os deixardes roçar por ellas ?

— Oh ! não mestre ; tal pensamento nunca me entrára , bem o sabeis. Tanto vos estimo quanto vos respeito ; e eis porque me falta o animo .

— Vinde cá ! disse o velho tomando a mão do moço. A quem respeitamos mais que a Deus, Senhor nosso e Creador, e não é a elle que despimos todos os dias nossa alma, e a pomos nua á seus pés, com as chagas dos peccados todas á mostra ? De resto pouco podeis acrescentar ao que estou lendo nesse semblante desfeito, e nesses olhos fundos não dormidos e escaldados de lagrimas. Vosso coração espertou, filho, cedo de mais

para o vosso socego ; mas assim devera de ser com o fructo, pois a arvore foi precoce. Homem já pelas qualidades não podieis deixar de se-lo para as paixões. Subistes vossos amores alto de mais para vossa fortuna presente, não para o vosso merecimento ; dahi vos vem de certo a pena que soffreis neste momento. Vede ; a summa é esta ; o nome das pessoas, o lugar e as circumstancias, sabem-no todos os curiosos e enredeiros da cidade, a quem nada escapa ; eu os ignoro, porque não fazeis confiança em vosso velho mestre, que vos ficou neste mundo em lugar de pae e mãe.

Estacio não hesitou mais.

— Perdoai, mestre, perdoai se vos magoei. Tudo ja vos digo.

O moço começou enrubecendo uma simples narrativa, a historia de seus estranhos amores.

— Sem duvida conheceis D. Francisco de Aguilar?

— De fama, muito ; pouco de trato.

Estacio balbuciou :

— E' sua filha, D. Ignez.

Como se o nome da moça fosse o unico e magico fecho que encerrava os impetos de seu affecto, e uma vez quebrado sua alma jorrasse

em borbotões dos labios, elle proseguiu com desafogo e vehemencia :

— « A vez que primeiro a vi foi ha cerca de tres annos, e em todo este tempo, mestre, não a tornei a ver mais que tres sem contar o dia de hontem.

— Referi como isso aconteceu.

— « Não imaginaes quanto me deleita o mar. Houve tempo em que foi meu passatempo surcar a bahia na canôa de um rapaz da ribeira, que me conheceu de muito creança. Fazia-o ás occultas vossas e de minha boa mãe, pelo susto que vos poderia causar a ambos, do que agora me escusareis.

— Deus escreve direito por linhas tortas ! interrompeu o advogado á meia voz e sorrindo.

— « Dizeis ?

— Prosegui, filho

— « Foi em dias de setembro, sobre tarde. Ventava rijo ; as ondas andavam altas e cruzadas ; a travessia inchando o seio á vella ; e o barquinho a pular sobre o grosso marulho, como passarinho de ramo em ramo. Tudo isso era festa para mim, festa da natureza mais ferrosa e gentil que a fazem os homens.

« O canoeiro tinha a escota, eu o governo. Iamos fronteiros com a Graça, rumo da barra; eis que uma galeota apavesada de sedas luzidas, á todo o panno e voga arrancada, fez-se na volta da Escada e veio sobre nós fendendo as ondas galhardamente. Trazia suspensa a ponta do reposte de damasco azul; e ali, como em um canto do céo estava, de menos as azas e de mais a gentileza, uma figura de anjo. O mesmo foi verem-n'a os olhos meus que cegarem logo. O realce da celeste visão enlevou-me um só e rapido instante o espirito e a vontade; mas tanto bastou para que o mar nos arremessasse contra a soberba galleota. O fragil esquite espedaçou-se. Esteves cortou direito á praia; eu não sei por que fui-me no seguimento do barco que singrava os mares alteroso. Um cavalleiro, que soube depois ser D. José, irmão seu, sahira da tolda ao rumor produzido pelo sossobro da canôa. Descobrimo-me que nadava á poucas braças, voltou-se para os escravos da voga e intimou-lhes uma ordem em tom iroso e assoberbado:

« — Leva remos !... Um calabre aquelle mariola !... Outro merecia elle para se não atravessar ao caminho da gente.

« Ainda agora, mestre, repetindo-vos esta palavra, sinto que ella me escalda o sangue; imaginai o que seria naquello instante. Minha vontade era poder ali mesmo desafrontar-me. Quanto a aceitar um soccorro que me era atirado de envolta com o ultrage, si em tal pensasse, me teria por indigno e vil. Arrojei de mim com desprezo e mofa o cabo que me lançaram. Ainda que me considere perdido havendo por impossivel ganhar a praia tão distante, segui na esteira da galleota, onde o surco cavado na onda me ajudava.

« O anjo, que eu vira de relance para minha desventura, surgiu outro instante de longe, reclinado sobre a onda, olhando-me entre sentida e admirada. Encommendei a elle minha alma, porque a levasse ao céo, quando deste mundo se partisse; e bem proximo estava, que as forças me falleciam, e o corpo hirto não respondia ja ao afflicto animo. Então lembrei-me de vós, mestre, e sepultei-me no fundo do mar. Entre o rumor das vagas que se abriram para tragar-me, ouvi como uma voz suave que ja me acolhia na bemaventurança :

« — Jesus !...

« Voltando á tona d'agua, minha mão alcançou por protecção de Deus a corda de uma boia. O desespero restituiu-me alguma parte das forças, e com estas me volveram os espiritos. Bem recobrado da extrema fadiga, e livrando-me das roupas, ganhei a terra. Pizei-a com um grande contentamento, não só porque pensava não mais senti-la sob os meus pés, como porque a minha salvação a devia á Deus unicamente.

— Bem, filho ! exclamou o velho. Razão tive eu de inquirir o vosso coração, para ainda mais louvar-me da nobreza delle !...

Estacio continuou :

— « Mezes decorridos, deu-me o acaso que a visse outro breve instante. Foi em Nazareth na casa que ahi tem seu pai. Acertei de passar por lá em occasião de estar ella regando seus craveiros na janella mais alta do torreão. Vinhà meu caminho, sem me aperceber do nada, quando as gotas d'agua que me borrifaram o chapéu, fizeram que desviasse para o meio da estrada, e erguesse a vista. As gelozias estavam entreabertas ; e seu rosto me appareceu entre os dois vasos de porcelana da India postos sobre o balcão. Tambem ella reclinara para ver ; mas dando com os olhos

em mim, teve um forte sobresalto, talvez porque me julgava morto e pensou naquelle instante ver meu vulto apenas. Com o movimento do susto, o braço dera em um dos vasos, que arremessado de toda a altura do balcão veio espedaçar-se á meus pés: uma linha mais e esmagado ali ficára eu. A morte roçára por mim tão perto, que eu sentira o seu calafrio.

— Depois?... perguntou o velho.

— « As gelozias cerraram-se; e ninguem mais appareceu.

« Correu muito tempo. Já eu tivera tempo de esquece-la: uma grande dor, vós sabeis, a perda de minha mãe, sepultára cedo a minha infancia, e com essa toda lembrança do passado. Mas a imagem della, de Ignez, de novo presente aos meus olhos volveu á tomar posse de mim, e dessa vez creio eu, que para sempre.

« Vinha ella do engenho: e caçava en por aquellas bandas. Vendo a comitiva que se approximava, deixei-me ficar escondido na ramada espessa, onde estava espreitando uma codorna. O cavallo refugou: os pagens gritaram, e não lhes respondendo eu, talvez illudidos da côr das minhas roupas, me tomaram por um selvagem; um des-

fechou-me a carabina ; a bala zuniu-me ao ouvido, chamuscando o pello da lâ do meu gibão. Com o estrondo do tiro e o vôo sussurrante da ave, o cavallo disparou como um raio. Felizmente passou ao alcance de mim, que pude de um salto travar-lhe da brida e soffrea-lo.

« Seu pai chegava então, e já sabedor do que era passado, atirou-me a bolsa fornida de moedas. Rapido a apartei de mim com o pé, e voltando-lhe costas, sumi-me pelo mato. Em me lembrando disso, penso que me fiz mal a mim mesmo de ser tão altivo e rispido na recusa ; mas quando o quizesse não acabaria comigo proceder de theor diverso. Essa esmola do pai tinha-me doído, ainda mais do que o insulto do irmão.

« Só então reflecti na estranheza das minhas aventuras. Tres vezes que a vira de relance, tres a minha vida corrêra por ella eminente perigo. Significavam esses casos que sua influencia me havia de ser fatal, e eram avisos do céo para que a fugisse ! Outro bem diverso foi o pensamento que me acordou no intimo, e tão poderoso que não havia resistir-lhe. Até ali não era eu que a tinha buscado, mas o acaso que m'a trouxera ; daquell'hora em diante fui eu que a busquei de-

balde e o acaso que a furtou ao meu desejo e incessante esforço.

« Longo trato de dias e semanas corri após essa ardente esparança de encontra-la. Quantas vezes cruzei os mares onde ella me apparecêra primeiro, e quantas o caminho onde ultimo a admirára de perto. Passei e repassei por baixo da janella, em que lográra um rapido instante a sua vista. Mas tudo debalde. Tanta decepção afinal irritou meu brio, mestre ; jurei em minha alma que a havia de ver um olhar sequer, ainda quando esse olhar devesse custar-me a vida, tres vezes já sobejo da morte.

« A' hora dessa jura, que foi a da alvorada, tomei caminho de sua casa de Nazareth. Fronteiro ao balcão da janella ha um coqueiro ; encostei-me ahi, com os olhos pregados nās gelosias douradas, e o pensamento enleiado nos modos de a ver. Batia-me o coração que ella estava ali naquella recamera, onde se mostrára antes regando suas flôres ; e de a sentir tão perto d'alma, quanto mais longe dos olhos, o desejo se accendia em mim.

« As horas vieram umas após outras, trazendo-me o desanimo, pelas esperanças que me arre-

batavam aos molhos. Era dia de fevereiro ; o sol abrasava, e eu o curti ali todo ; mas que muito, si não deixava sentir-lhe a calma e fogo que ardia dentro. Sobre tarde o tempo desconcertou-se; uma grande borrasca armou-se, que o vento rijo impellia sobre a cidade. Parte do céu ainda estava limpido e azul, que a outra era estufada de grossas nuvens. No bojo verde negro os relâmpagos incendiavam-se á miudo, e o trovão reboava com um estampido surdo.

« Haveis de lembrar-vos, mestre, desse medonho temporal do anno passado...

— Que tantos estragos causou no mar, bem como em terra !

— « Sabei pois a parte que tive nelle. Emquanto se formava a borrasca, o dia ia-se finando, já com a sombra da noite proxima, já com a escuridade das nuvens. Houve um momento em que tudo foi silencio e placidez no céu e terra : a natureza com a respiração tomada, suffocava : mas logo como si recobrára as forças ingentes, accrescidas pela angustia, desfechou o temporal horrivel.

« Foi nesse instante, que o céu fez solemne. Uma banda da gelosia abriu-se de repente e fe-

chou-se. Entre a luz dos relampagos vi deslumbrada a imagem de Ignez. Pareceu que o céu se fendera para mostrar-me o seu anjo mais puro no seio da gloria, nadando em luz. Fôra acaso essa apparição, ou proposito, não o podia eu saber. Acreditei que Deus a enviava a mim, e desta vez para salvar-me, como vereis.

« Voltava já, mas, com um andar lento, que não roubasse á vista de repente a janella onde a vira, quando a nuvem rasgou-se, e um raio listrando fogo, correu pelo tronco do coqueiro e embebeu-se na terra, que ainda conservava os vestigios de meus passos. Senti que uma grande alegria se derramava dentro em mim com a luz desse raio. A fatalidade fôra vencida. Ignez já não podia ser funesta ao meu destino, pois era ella quem acabava de salvar-me, apparecendo ao balcão, para que eu me partisse.

« Desde então nunca mais a vi senão foi hontem; embora sempre que passava por sua casa, e olhava as gelosias, era como si a tivera ali propria e viva diante de meus olhos. Minha alma sentia-se perto della; e sabia, por um estremecimento intimo, quando communicava com a sua por um olhar invisivel coado entre as frestas

da gelosia. Até que um dia a casa appareceu deserta ; tinham partido para o engenho.

« Quando hontem a encontrei na missa, por um olhar della, mestre, acreditei que não me malqueria ; á tarde nos jogos, pensei que viesse a merecer um dia o seu agrado. Mas o saráo tudo esvaneceu ; é noiva de D. Fernando de Athayde. Seu pai o publicou á todos em palacio ; e antes disso, o conheci eu no modo por que dançavam ambos o baile.

O moço proferira essas ultimas palavras açodado e com extrema afflicção. Percebia-se que elle, ao tocar nas ultimas recordações de seu affecto, doia-se como si estivessem ainda em carne viva ; e por isso prepassava por ellas rapidamente.

— Porque esta desventura, que tudo levou, ainda me deixou coração para ama-la, mestre ?... Sinto que teria um grande consolo em aborrece-la...

Vaz Caminha sahio do recolho de espirito em que estivera escutando o afilhado, desde a sua ultima interrupção : erguendo-se, com uns ares vivos e animados, bateu no hombro do moço :

— Ora vos desconheço, Estacio !... E não vos vejo o mesmo homem que fostes e deveis ser para as contrariedades !... Porque a sórte, a prin-

cipio avessa, vos faz negações, parecendo roubar-vos a escolhida de vosso coração, já desanimaes, e vos rendeis aos pezares e desventuras ?

— Que posso eu, mestre, contra a fatalidade ?

— Tudo, ajudando o Senhor. Compenetrai-vos disto, Estacio, que um querer firme e constante, dirigido para o bem, praz sempre ao Creador, que fez o homem á sua imagem, inda que imperfecto.

Como se esta idéa esticasse fortemente em sua alma uma corda então flacida, restituindo-lhe o antigo vigor e vibrando-a sonora, Estacio ergueuse de um impeto, transfigurado inteiramente do aspecto sombrio e desanimo que tinha a instantes. Agora a força innata de sua organização difundia-se no olhar resolutivo, no gesto sobrio e prompto, na attitude calma, porem firme e energica.

— Fallastes á minha alma, mestre, pois ella vos responde ! Oh ! que sim ; abristes uns olhos cegos sanaes este espirito enfermo. Lutarei !...

O licenciado sorriu de satisfeito.

— Tudo me diz que vosso affecto é recebido por aquella á quem o offerecestes. Na idade de Ignez, os olhos são espelhos d'alma, e o recato

a mais eloquente falla do coração. Embora seu pai a tenha destinado para outro, desde que vos apresentardes nobre e rico, podereis disputar com vantagem sua mão.

— Nobre e rico !... murmurou Estacio.

— Esquecestes acaso o roteiro ?...

— Não o esqueci, não, mestre : aqui trago a carta. Mas quanto tempo não passará antes que me seja entregue esse deposito? E até lá não será tarde? Não estará Ignez esposa já de outro e para sempre perdida de mim?

— Conforme a resolução e presteza com que vos houverdes na empreza. Podeis ir á S. Sebastião e estar aqui de volta em dois mezes. Ora um casamento, e casamento de fidalgo, é negocio para tres dobro.

— Quem sabe?... A pressa com que o annunciaram...

— Crede no que vos digo !... Seis mezes, nunca menos ! De resto, para tranquillisar-vos, fico-vos de fiador que Fernando de Athayde não se casará com D. Ignez de Aguilar, nem mesmo em um anno... e talvez nunca !

— Donde provem tamanha segurança?

— Depositai fé neste velho amigo, Estacio, e

crede que bem longe de tratar de resto vossos amores, tem-n'os como cousa suá do peito, porque são parte vossa. Quem melhor póde sentir vossas penas, e tomar-lhes o peso, que o amigo que vos traz e a tudo que vos pertence, dentro do coração ?

O mancebo estreitou o velho em seus braços.

— Assim, sêde prestes a partir domingo !

— Já domingo !

— Concertei o plano de vossa viagem hontem á noite ; não vo-lo communico já para não carregar-vos o espirito com objecto triste : nos poucos dias que restam entregue-se elle todo aos doces enidos. Na vespera sabereis ; sómente estai prestes e compenetrar-vos bem disto, que ides em busca de mui precioso thesouro, Estacio, pois elle representa a reabilitação de vosso pai, a honra de vosso nome, e a felicidade de vosso amor.

— Tres cousas santas, por uma só das quaes déra minha vinha.

Momentos passados, Estacio deixava a casa de Vaz Caminha, e se encaminhava pensativo á Ribeira, onde aposentava em companhia de D. Mencia, sua velha tia. Na altura da Sé, atravessou pelos raios do olhar empanado, um vulto de mulher que teve o poder de evocar seu espirito.

Era nada mais que a figura insignificante da comadre Brazia, embrulhada em sua mantilha rapada de serafina, e saracoteando o corpo com o trote miudo de uma cadella que anda ao faro de algum osso á roer. Sua vista lembrou ao mancebo o emprasamento da vespera no adro de Santa Luzia, com a mysteriosa dama que lhe trocára a bolsa. As faces arderam de rubor, com a lembrança dessa humilhação : deitou-se pois com vehemencia á covilheira, a qual já o tinha percebido, e disfarçada moderára o passo para ser alcançada.

Afinal Estacio obrigando-a a parar, tirou dos golpes do seio a bolsa e esvasiou as moedas :

— Mulher levai este ouro áquella que vos mandou e eu não conheço. Dir-lhe-heis que, em troca do serviço que de mim espera, a sua paga é generosa de mais para um aventureiro, e villissima para um cavalleiro !

— Por Cupido vos juro, senhor cavalleiro, que minha formosa dama não teve intenção de offender-vos !

— Tanto disso estou convencido, que lhe restituo o ouro, mas guardo a bolsa como a unica recompensa que desejo !...

— Mas sempre ouvi que não era desar receber o cavalleiro mimos de sua dama!... Nos tempos da cavallaria assim se usava!...

— Ah! Esquecia-me advertir-vos; falta ahi uma moeda. Dei-a hontem de esmola e não tenho outra para repôr!...

— Pelo amor de Deus, cavalleiro!

— Vamos, tomai!

— Isso não! Sem ordem da dama!... Para que se amofine comigo e ralhe?... Desse cavallinho não caio eu!

— Pois não quereis a aprazimento, será a contra gosto! Ahi estão em vosso poder; fezei dellas agora o que vos approuver!

Dizendo o que, travára Estacio de uma ponta da mantilha da servilheira, e atando destramente as moedas em nó, afastou-se antes que a mulher cahisse em si da sorpresa.

Com uma cara de desconsolo, tornou a Brazia mais que depressa á casa para dar conta á dama do acontecido.



VIII

Onde se prova a virtude das alfeloas de Joanninha.



Quem seguira a margem exterior do largo fosso, que nessa epocha cercava a area da cidade e o arrabalde do Carmo, ao chegar á altura do Convento dos Franciscanos dava com um pequeno casebre que ahi havia. Encostado aos pannos do muro, restos dos bastiões em ruinas, o exíguo

alvergue ameaçava de um dia ser esmagado pelo descalabro das antigas e aluidas construcções.

Na nesga do campo, que mediava entre as linhas de fortificações e a margem do fosso, não havia outra habitação ; e como a vereda que serpejava entre o matagal até o arrabalde do Carmo era rodeio e não atalho, raros passantes atravessavam aquelle ermo ; o que succedia de ordinario entre uma e quatro horas, quando era o caminho protegido do sol pela sombra da montanha.

Sexta feira, seriam oito horas da manhã, andava no terreiro da casa a feiticeira Joanninha. Trocadas as vestes de princeza pelos trajos de rapariga do povo, já pela manhã voltara ao mister quotidiano. Volvia de um a outro lado, entrando ou sahindo, com a graça e a subtiliza de uma perdiz, fabricando o ninho. Fabricava ella tambem os confeitos e alcorces, d'onde tirava o pão de cada dia e a escassa reserva para os tempos difficeis.

Aqui estendia á seca em taboleiro os doces já feitos, ou esfriava as fôrmas em vaso d'agua ; lá recortava flores na pasta de assucar estendida sobre a mesa, ou batia o mel para dar-lhe a alvura deslumbrante do alfinim e delle esculpir

figurinhas de fructos, arvores e animaes. Emquanto porem os sentidos estavam todos á occupação, parece que o pensamento andava longe, á julgar pelo tom submisso com que estava á cantarolar tanto havia a mesma lettra de uma quadra, sempre e sempre repetida.

« Elle vae, elle vem,
Inda cá não chegou!...
Mal sabe onde seu bem,
Seu hemsinho ficou. »

Emtanto, um rapazito desembocando da rua de S. Francisco, galgou de um salto o lombo da muralha em ruinas, e seguiu rapido com tanta segurança, como se andara sobre chão aberto: e estava elle ainda tonto do somno, e esfregava os olhos incanditados com a claridade do dia. Vinha apressado; de instante á instante sem parar enfiava pelas frestas dos dedos uma vista ao céo, para ver a altura em que andava o sol.

Chegando á cavalleiro da casa, avistou elle á rotula do sotão uma velha gorda, de cabellos brancos, que recortava á thesoura umas estrelinhas de pão de ouro e prata, naturalmente destinadas á enfeitar os confeitos da alfeloeira.

— Sua benção, tia Brites !... disse o menino. A velha levantou um pouco os grandes olhos de tartaruga que lhe armavam o nariz, e encaçou com a peçonha que fallara.

— Deus vos abençõe, filho !... Ah ! Sois vós, Gil ? Em casa estão todos em santa paz ?

— Vae-se vivendo, assim como Deus manda. A Joanninha ?

— Ha de estar lá no terreiro ás voltas com sua lida.

Gil proseguiu pelo caminho aereo até o outro lado da casa, onde ficava o terreiro. Ahi como visse a Joanninha mui apurada nos doces, logo deixou-se escorregar mansinho pelo muro abaixo. Approximou-se subtilmente da mesa, quando a alfeloeira recolhendo as aparas de assucar, as deitava descuidosamente no taxo posto ao lado. Estender a mão ligeira, arrebatou dos dedos da rapariga um torrão, acompanhando o gesto com um miáu perfeitamente imitado, foi para o rapaz cousa de um instante.

— Ai !... Gil !... Que tamanho susto me pregaste !...

E a mulatinha mostrava ainda no tremor da voz e desmaio das côres o sossobro que tivera.

— Pois estavas tão apurada !...

Ou desfallecia das forças por causa do susto, ou languidez natural á sua indole creola, a rapariga reclinando apoiou-se docemente sobre o hombro do pagem e tomou-lhe a mão que apertou de encontro ao seio.

— Vê como ainda me bate o coração !

Sobre o mimoso seio que pulsava estufando o corpinho do vestido, a mão do pagem pousou inerte e fria : nenhuma chispa do intenso fogo que ardia ali propagou-se por aquelle sangue infantil.

— Bebe agua, que isso passa. E' santa cousa !... para susto e queda não ha outra !...

— E' a mézinha que tu me daes, Gil ?...

— Essa não mata como a dos boticarios.

— Oh ! se mata, murmurou a mulatinha com um suspiro que lhe sossobrou o coração.

Gil não lhe deu attenção, occupado como estava á raspar com a ponta da faca as pastas do assucar estendidas sobre a taboa. Nesse movimento, que era distracção apenas, a alfeloeira viu uma golodice, e lembrou-se do que na vespera promettera á Gil.

— Ainda não perguntaste pelo que te guardei ?

— Que foi ?

— Adivinha !

— Que ha de ser?... Por força um doce !

— Um doce, sim ; mas que doce ?

— Ora, dos que sabes fazer.

— Olha !... disse a rapariga tirando um objecto do avental.

Era um coração de alfinim, collocado no centro de um fartem apetitoso.

Gil arremessou-se a elle.

— Bravo !...

A mulatinha porem retirara a tempo, e levantando o braço, e suspensa nas pontas dos pés, ou girando sobre si, apresentava a Gil a golo-sina que logo furtava para de novo offerecer-lhe. O appetite excitado, e tambem a contrariedade e a travessura, faziam o esperto pagem saltar de uma á outra banda para arrebatár o doce.

— Já agora não o pilhas, Gil !

— Assim não vale ! exclamava o menino. Si foges...

— Não fujo, não ; mas juro que o não has de ter.

— Pois juro-te eu que o hei de tomar, custe o que custar.

Nesses movimentos desencontrados, nesses impetos infantis, quantas vezes o corpo gentil da mulatinha foi enlaçado pelos braços do pagem, quantas suas mãos se tocaram e suas faces roçaram uma na outra ! Afinal desfallecida com a fadiga, Joaninha deixou-se cahir sobre o banco, escondendo no seio o coração. Gil não hesitou ; metteu a mão no talho do vestido e tirou o presente que agitou no ar em signal de triumpho :

— Não te disse eu, que o havia de tomar.

— Si era teu já !... Tanto ha que t'o dei ! Esse que ahi está, Gil, é o meu coração.

— Quantos tens então, Joaninha ! Com este, andam pela duzia os que já tenho manjado ; nenhum, é certo, tão gostoso como este !...

— Sabe-te elle bem ?... Pois o mais gostoso ainda tu não provaste ?

— Qual elle é ? Dá-m'o cá !

— Dar-te, dava-te mesmo, si já não t'o dei ; mas tu não gostarias delle !

Joaninha suspirou outra vez ; e Gil, que depois de devorar o doce lambia os beiços, ouvindo tanger o sino de S. Francisco, estremeceu e demudou-se :

— Queres tu que te diga eu, Joaninha, uma

cousa?... Teu doce, embora feito por tuas bentas mãos, não me tirou o amargo da boca !

— Qual amargo, Gil !... Estarás tu mofino ?

— Estou inquietado de minha vida, Joaninha ! Já me deu gana de chegar ao terreiro da Sé e deixar-me cahir de lá, cabeça á baixo.

— Jesus ! Cala essa boca, Gil ! Não offendas a Deus, que te ouve !

A mulatinha cingiu o menino ao collo como si o quizesse proteger contra o perigo.

— Que te traz assim tão azoado, pois transformou-te o juizo ?

— Em vindo tiuha mesmo na tenção dizer-te a ti, porque só és quem póde remediar tudo.

— Eu !... Joaninha ? exclamou ella no alegre alvoroço de uma esperança á luzir.

— Tu mesma, em pessoa !

— Ora falla !... Depressa, Gil !...

— Acaso sabes o que sejam amores, Joaninha ?

— Si o sei eu, Gil ?...

Exclamou a mulatinha estremecida : levando a mão ao coração que affogava em um deliquio suave, proseguiu :

— Si o sei eu, Gil ?... Eu, que tenho delles

crivado este coração, não saber o que sejam amores !...

— Roga a Deus então que te proteja, rapariga, para que não proves das angustias, em que hontem vi o senhor Estacio !... Has de crer, Joaninha... Mas olha lá, não passes á ninguem !... Has de crer que elle se quiz matar !

— Quem, o senhor Estacio ?

— Si não fôra certa cousa, que não te posso referir, ninguem sabe á esta hora o que seria delle !... E' o que te digo, rapariga ! E tudo, adivinhas por quem ?

— Pois não adivinhára !... Nem que o não visse andar tanto lá para as bandas de Nazareth !...

— E hontem á tarde no terreiro do collegio ?... Mas a cousa foi no saráo, d'onde sahiu tão avesso do que lá entrou ! O que houve, sabe Deus ! Mas ahí andou volta daquelle bruxo, do tal que elle virou hontem de cambotas, o Fernando ! Só si eu não crescer um dia, elle deixará de pagar-me !... Com que então, o senhor Estacio teve um desafio com o irmão... Sabes?... o alferes. E que havia de fazer?... Jogou de si a espada, para que o outro o trespassasse !... E foi elle mesmo que m'o disse com estas proprias palavras :

— « Que no seu peito trespassado havia de achar um lenço cortado do ferro e tinto do seu sangue para o entregar á ella, á D. Ignez, ajuntando que lhe tornava quanto era seu, pois o mais ficava na terra fria. »

O menino enchugou as lagrimas, que borbulhavam, e continuou com a voz suffocada :

— Quando penso que isto possa acontecer, Joaninha, sinto em mim uma gana de morder o nariz ao excommungado do alferes, para que me elle mate a mim primeiro. Foi nesta afflicção, que me lembrei de ti, para dar uma volta ao caso. Ninguem me tira, que uma palavra da de-ninha ao senhor Estacio mudava tudo do preto para o branco !

Joaninha, que de principio escutára o pagem no doce assomo da esperança, fôra depois á pouco e pouco retrahindo-se, até que afinal recolhidos inteiramente os espiritos, langueceu, frouxo o talhe esbelto, pendida fronte, e inertes os braços cahidos. Melancholico abatimento opprimia agora a natureza vivace e travessa da rapariga.

— Eram pois os amores do senhor Estacio que trazias na tenção, Gil? Só elles ?

— Que mais querias que trouxesse, Joaninha ?

A mulatinha hesitou antes de suspirar estas palavras :

— Os teus, Gil !

— Sahe-te d'ahi. Cuidas que estou para chascos, hoje ! Bem te enganas.

— Tambem eu não estou para palras e contos, que tenho mais em que cuidar ! respondeu a mulatinha despeitada.

Nesse tempo souou perto um passo lento e pesado, como bater de pillão. Joaninha estremeceu, e correndo ao pagem de um impeto, o empurrou até á cosinha.

— Não te mechas d'ahi, Gil !

— Porque então ?

Apenas teve ella tempo de fechar a porta, que do lado opposto, á boca da vereda cortada no matagal, appareceu o vulto de Tiburcino, o carniceiro. Vinha, como na vespera o deixára a alfeloeira, sinistro e carregado ; mas a grande furia estava agora como abafada por uma crosta espessa de tristura, que afulava a phisionomia taurina. Achegou-se do terreiro, volvendo á um e outro lado esgares torvos ; e foi parar em face da rapariga, cravando nella os dois olhos de crocodilo.

Esta voltára á sua lida, e continuava como si

ninguem ali estivera ; mas sem deixar de olho a porta, que fechára sobre o pagem O magarefe depois de a estar encarando algum tempo, arrancou da larga peitada estas palavras receiosas :

— O que vos disse hentem, Joaninha. sobre o cavalleiro...

E concluiu com esforço :

— Dizei que não é verdade !... Dizei-o por vida vossa e minha, Joaninha, si não quereis ver-me endemoniado e ás tontas ahí pelas ruas. Pois dès aquelle instante, tenho como um mourão á bater-me aqui no toutiço !

Joaninha que nesse dia não estava em seu costumado bom humor, voltou-se arrebatada, fazendo iras :

— Arre, que já perdi a paciencia ! Culpa tive eu de vos dar confiança ; mas é preciso pôr cobro a isso !... Já d'aqui fóra !... Deixe-me de uma vez e para sempre em paz... Siga seu caminho !...

O magarefe curvou a cabeça ao pezo daquella ira e murmurou timidamente :

— Misericordia, Joaninha !...

— Ide-vos, com Deus !... E não me retorqui...

— Vou-me, vou-me, Joaninha, bem castigado...

Mas, melhor merecia...

Tartamudeando estas palavras, Tiburcino sob a influencia do olhar de Joanhina e do gesto imperativo que lhe mostrava o caminho, arrastou os passos vacillantes, volvendo o rosto a cada instante, e cruzando ao peito as mãos supplices : afinal desapareceu entre os arbustos, e por muito tempo ouviu-se resoar o chão com o echo de sua passada. Quando a mulatinha reconheceu que já ia longe, abriu a porta da varanda ao pagem e achou-o adormecido sobre a rede.

Sobresaltou-se e teve uma idéa que a fez sorrir ; por duas ou tres vezes approximou seu rosto do pagem, talvez para examinar si realmente dormia ; mas ao chegar perto, levantava rapidamente a cabeça com um susto, que a fazia de mil cores. O que isso era, não sei eu ; mas a verdade foi que os labios que desciam apinhados em botão de rosa, na volta se desfolhavam em desconso-lado riso ; perdiam a côr e a graça. A graciosa pantomima durára, si n'um dos movimentos, ella não embalançára a rede, o que despertou o pagem.

Gil saltou sobre os pés, esfregando os olhos :

— Que vergonha !... Dormir com o sol nessas alturas ! exclamou Joanhina meia alegre, meia sentida !...

— Pegou-me outra vez, o maldito somno.... Já esta manhã, antes de vir... Porisso cheguei tão tarde. Mas Joaninha, todo o tempo é pouco. Sabes já a que vim. Não tens mais que ir á Nazareth e fallar com a doninha. De caminho eu te contarei o resto.

— Que tenho eu com os amores alheios?... respondeu Joaninha tornando-se outra vez melancholica.

— Mas são do senhor Estacio ! Pois não te alegras de servir a um cavalleiro como aquelle ?

— E quem me servirá a mim, e aos meus amores, Gil ?

— Eu, Joaninha. Em tado que fôr, palavra de pagem.

— Isso dizes tu agora ; mas em chegando a occasião... Porque, olha, Gil, para servir e ajudar amores é preciso te-los sentido já per sua conta ; sem o que o mesmo é fallar delles, que nada.

— Si assim é, já não te posso valer, rapariga ; mas em querendo servirei para levar-te algum mimo ou recado !

— Não careço. Para curtir desenganos eu mesma me ajudarei da minha resignação !

— Mas afinal fazes o que te disse ?

— Em negocios de senhores e gente fidalga não me metto, que já bastam cuidados meus, para ainda accrescentar outros por conta alheia.

* — Nem por t'ó pedir eu ?

— Nem que m'ó pedissem os Santos.

Gil enfiou de raiva :

— Tambem não se precisa de gente da tua laia !...

De um soco enterrou o barrete na cabeça, e caminhou terreiro fóra ; logo adiante, encontrando um tableiro de doces que estavam a secar, virou-o de trambolhão com um pontapé. Ao passar pela alfeoeira, olhou-a de travez, e lançou-lhe como um dardo esta palavra :

— Gasguita !...

Joaninha sóltou uma risada gostosa, e arremessou-se á elle, cingindo-o ao seio.

— Pois não vês tu que são brincos ?... Queria te metter figas !...

— Bem verdade ?

— Vou-me já deste passo á Nazareth. Fazer o que, não sei ainda ; mas como é para bem, o Santo Espirito me mandará alguma boa lembrança !

— Oh ! se mandará, Joaninha ! E então a ti,

que nunca faltam ! Vai a Nazareth, vai ; que eu prometto te bajar os pés quando voltares.

— Os pés, não quero eu !

— Pois a terra que elles pizarem.

— Tambem, não. Beijarás... beijarás..

— O que, dize ?

— Adivinha !

— Que sei eu ! Falla logo de uma feita !

— Pensa, em quanto torno. Si não acertares, te direi.

— Pois sim. E onde te encontrarei para saber o que houver ? Virei por ti ?..

— Não ! Quando fôr por meio dia, esperar-me-has na fonte do Gravatá, mais para cima, onde estão os cajueiros.

Joaninha fechou a porta por dentro, e chegando ao topo da escadinha do sotão, gritou :

— Madrinha, cá me vou ! Olhai á rotula !

— Ide, filha, ide com Deus e a Virgem Maria.

— Amen, madrinha !

Com o balainho de doces na cabeça, outro de confeitos no braço, um masso de abanos já feitos e um molho de palha de varios matizes, a alfeloeira seguiu pela vereda que serpejava na margem do fosso. Gil a acompanhava, e de caminho contou-

lhe mais pelo miudo, o que na vespera ouvira de seu amo. No canto da Cadeia separaram-se, renovando o emprazamento para meio dia.

Proseguindo sósinha para Nazareih, a esperta mulatinha ia com o sentido todo empregado em seus cuidados, para poder pensar nos amores de Estacio. De vez emquanto sorria-se, e sua alma como que batia azas : então apressava o passo gracioso e dava umas carreirinhas feiticeiras, como de lundú ; depois corava, empallidecia, e alguma cousa lhe pesava á ponto de entorpecer a marcha viva e o gesto alerta. Assim nessas vicissitudes, chegou a Nazareth.

Quando pisou a soleira da porta de D. Francisco, foi que lhe acodiú á mente o objecto que a trazia ali; repassou no espirito um momento as circumstancias referidas por Gil e outras por ella d'antes conhecidas. Joaninha sabia que Estacio gostava de Inezita, por ter muitas vezes encontrado o moço daquellas bandas, e algumas com os olhos pregados na janella do torreão. Suspeitava que Inezita não era de todo indifferente áquelle affecto, pelo que vira nos jogos.

Quanto ao mais, não fôra difficil atinar com as causas. O desafio com o alferes era o resultado

de ter este surpreendido o segredo do amor de sua irmã. A tristeza de Estacio era a duvida de ser amado e o receio de que fosse D. Fernando o preferido ; era emfim o panico do coração aterrado ante a perda da felicidade sonhada.

Até ali o occorrido ; faltava o mais difficil, o que devia ella fazer para socego do desconso-lado amante. Cheia da mesma confiança com que partira, entregou-se ao azar e á sua natural malicia. Tirando da bolsa uma moeda, com ella bateu á porta.

Eram dez horas passadas.

Na casa de jantar estava áquella hora D. Ismenia de Aguilar, mãe de Inezita, cercada de muitas escravas, que bordavam e faziam rendas e costuras sobre um estrado coberto de raz. A senhora, tomada de uma paralyisia, estava sentada em poltrona de couro á guisa de palanquim, com braços que serviam para transporta-la. Sua phisionomia, que era naturalmente risouha apesar da molestia, estava nesse dia sisuda e des-prasivel.

Junto della, sua formosa filha bordava em um pequeno thear de marfim uma facha de seda azul ; no modo por que o fazia, e no semblante que

tinha, dava mostras bem claras do pesar profundo que a opprimia. Para ella igualmente as festas tinham vindo em má hora.

Ao entrar, Joanhinha parafusou de um rapido olhar todos os cantos da sala, e logo conheceu que tambem na casa havia novidade. Começou então a receiar que as cousas não estivessem mais embrulhadas do que á principio suppozera: e desde esse instante, sentindo-se abalada com a lembrança das penas de Estacio, não pensou mais senão em servir aos seus desventurados amores.

Avançou na sala, parando tres vezes, para fazer a mesura graciosa, e foi ajoelhar junto á cadeira da dona. Beijou-lhe a mão, apresentando depois o balainho dos confeitos, com uns modos mui galantes ao passo que discretos. O semblante de D. Ismenia desanuviou-se.

— Então, moça, disse a senhora sorrindo, que taes foram as festas para ti? Gostaste de fazer figura de princeza?

— Ai, dona, que mal agouradas festas! A quantos não trouxeram ellas tristezas e cuidados.

— Não á mim, que as não gosei, nem sou já deste mundo, si não é para penar e nada mais!...

— Em hora má parece que veio este anno novo ! Muitos ouvi eu se queixarem. Tam.bem para a dona foi mal estreado ?

— Ha seis, todos o são ; mas esse promette ser o peor.

— Espero em Deus que elle se troque ainda em anno de venturas para toda esta casa : e os anjos digam amen.

Durante estas palavras, Inezita nem tirara os olhos do bordado, nem mostrava ter-se apercebido da chegada de Joaninha. Quem observasse com attenção a attitude e o aspecto da gentil menina, conheceria que a magoa havia chegado ao estado de plenitude : bastara uma gota para faz-la transbordar em soluço e pranto daquelle seio entumecido e daquelles olhos hupados. Joaninha, tanto conheceu, que mudou logo de tom:

— A dona não tira mais confeitos ?... E a doninha, não me compra nada ?

— Estou hoje mofina. Joaninha. Nada me apraz.

— Ai, que acertei !... Trouxe hoje uns confeitos milagrosos, que têm a virtude de curar toda pena, assim do corpo que d'alma. Amargores de boca, ou de coração, mal de saudades

ou displicencias, tudo saram estes confeitos, que é uma cousa nunca vista, nem fallada. Porem outra maior excellencia têm elles, que já passa á maravilha, e é, como si derretem na boca, logo naquelle instantinho ; pelos effeitos da côr mui alva fazem que a vista de quem os manja se aclare por fórma que tudo vê, ainda o que está longe e fóra dos olhos ; e pelos effeitos da grande doçura tornam a voz tão suave, que muito espaço depois ainda se ouve o canto della. Sem fallar de outras virtudes, por menos celebradas, como um só confeito pequenino matar a fome por um dia inteiro, remoçar a gente, apagar os vapores que sobem á cabeça, e tirar ou dar somno conforme se quizer l...

A garridice e gentileza com que a feiticeira mutatinha tagarellava, acompanhando cada frase de um gesto bregeiro, já haviam ganho de todo as boas disposições de D. Ismenia, que a escutava sorrindo :

— Tambem fazem os teus confeitos a lingua palreita, não é, moça ?

— Lembra bem a dona. Esquecia-me tessa virtude, que é a ponto de obrigar os mudos á fallar. Estes confeitos chamam-se *Confeitos da fada*, por-

que foi ella que ensinou a receita á uma velha, muito velhinha, da qual passou á outra, e á outra, e á outra, até que a soube minha avó torta, donde chegou á mim. E o como a fada inventou o confeito encantado, é uma historia mui primorosa, que me ensinaram. Quer a dona que lh'a conte, tal como m'a contaram?

— Contae, moça, contae; mas vêde que si não fôr bonita, como dizeis, não vos comprarei os confeitos.

— Oh! fique a dona descansada. Verá si a engano.

Joaninha de joelhos como estava sentou-se sobre os pés, deitando o balaio de doces e os abanos em cima da banca posta entre D. Ismenia e a filha. Inezita continuava no fundo recolhido: todos os requebros e cahidos da mulatinha para excitar-lhe a attenção, eram baldados. Seu espirito andava tão absorto e soldado no intimo, que era difficil traze-lo aos sentidos.

A menina estava ainda no atordoamento do mesmo golpe, que na vespera esmagara Estacio. Ao recolher do sarão seu pai lhe annunciara que a havia destinado para esposa de D. Fernando de Athayde, cousa em que nunca ella sonhara.

Foi como se lhe espremessem o coração, cheio das primicias de um puro amor, para enche-lo de amargores crueis. Passara, ella tambem, aquella noite aziaga, em angustias. O somno lhe desertara dos olhos, como o socego d'alma.

Inezita amava Estacio : amava-o desde o dia em que no fulgor da tempestade que desabara sobre a cidade, ella se mostrara um instante, da gelosia, aos olhos do moço. Até então, e desde o primeiro dia em que o vira de relance na bahia, esse menino orgulhoso, tanto como arrojado, apenas lhe causava terror, e terror travado de admiração. Lembrava-se do modo por que tres vezes o vira, e na ingenuidade dos verdes annos talvez acreditava que lhe houvessem lançado algum quebranto, para mal della e d'elle. Quando o estudante postou-se em frente á sua casa resolvido a não arredar pé sem vê-la, logo que o descobriu foi refugiar-se perto da mãe. Voltou, e achando-o no mesmo lugar, correu ao oratorio, e implorou a Virgem. Da terceira vez não sahio da porta da recamera. Por ultimo encostou-se no alizár da gelosia, e seu olhar coando entre as grades, rendeu-se captivo á contemplação do bem querido.

A primeira audácia desse amor foi aquelle abrir instantaneo da gelosia. A menina teve dó de Estacio ; comprehendeu sua insistencia, e adivinhou que o unico meio de o obrigar á recolher do temporal, era satisfazer-lhe o desejo. Esse arrojo primeiro foi depois resgatado por perto de um anno de timidez, de recato e silencio. O amor de Inezita cresceu isolado, mas teve um abrigo doce no seio de Elvira, sua amiga e confidente.

Agora que esse coração floria com os raios de sua manhã, era quando soprou máo o vinha murchar do repente, e talvez para sempre fina-lo ! A gentil donzella recolhia pois dentro d'elle e encerrava-se na chaga que lhe haviam aberto.

Como podia ella escutar a garrulice da alfeioeira ?



IX

Do como o alferes foi passado pelo fuudo de uma agulha.



Joaninha, depois de uma pausa, em que teve os olhos pregados no semblante da menina, começou assim a historia dos confeitos encantados:

— « Foi um dia uma princeza, formosa como o sol, e que se chamava...

Sorrio apontando para a donzella :

« Chamava-se Inezita ; mas todos a conheciam por *Flor de belleza*.

« El-Rei, seu pai, vendo que ella tinha chegado á idade de tomar esposo, e querendo com justa razão para tão gentil senhora o mais guapo cavalleiro que pelo mundo houvesse, mandou deitar bando, fazendo saber á todos os principes das partes d'alem, que daria por premio de sua valentia a mão da filha aquelle que sobre todos se avantajasse nos torneios que para esse fim se haviam de celebrar.

« Começou de chegar gente de todas as partes para assistir aos torneios, e os principes mais nobres e formosos da terra para nelles pelejarem ; porem de todos que já tinham chegado, e dos que ainda vinham em caminho, nenhum era para se comparar com o gentil cavalleiro, que a sorte por aquelle tempo, andando a correr mundo, levou á cidade.

« Só na vespera dos torneios ali entrou, e tão descuidado de seu coração, que ali mesmo o perdeu, ou lh'o arrebataram, como é mais certo, umas estrellas do céu. Foi o caso que nessa tarde subindo a princeza ao mirante, para refrescar da calma, e avistando aquelle airoso mancebo que vinha

ao galope de seu corcel negro, debruçou-se um instante para vê-lo ; e então esses olhos assim como arrebataram o coração do cavalleiro, também foram punidos, porque trouxeram um filtro, que chamam amores, e é espirito traiçoeiro, que embriaga muito.

« Assim rendidos um do outro, ficaram cuidando ambos, o cavalleiro, quem seria a tão formosa dama, encanto dos olhos e flor de graça ; a princeza, si o gentil e galante cavalleiro seria algum dos principes que vinham disputa-la. Mas antes é de saber o nome do bravo cavalleiro. Chamava-se elle...

« Chamava-se *Esta....*

Aqui Joanninha interrompeu-se de repente, e voltando-se para as escravas que segredavam, fez gesto de silencio :

— *Cio !...* Assim fallando não se póde contar.

— Callem-se d'ahi ! disse D. Ismenia muito interessada na historia.

— « Chamava-se pois *Esta....* nislau !

O engenhoso trocadilho feito pela esperta alfaiateira foi tão habilmente executado na presteza do gesto e na acentuação da palavra, que o nome de Estacio vibrara distinctamente primeiro ao ou-

vido, depois dentro d'alma de Inezita. Joanninha acertara no golpe ; o effeito da palavra foi prodigioso. A moça estremeceu como se despertasse ; e erguendo a fronte, fitou os olhos inquietos no rosto bregeiro da alfeloeira. Esta sorriu-lhe ; mas que sorrir ! Mixto indefinivel de tantos sentimentos ! Consolo e esperança, atravez do qual filtrava um raio de intelligente malicia. O coração da meunina sentiu um balsamo suave a embeber-se nelle, ao mesmo tempo que um fluido desconhecido vasando-lhe dos olhos, communicava com a sua a alma da rapariga.

Joaninha, sorrindo sempre, e sem tirar os olhos da donzella, proseguiu sua historia :

— « Chamava-se pois Esta... nislau, o cavalleiro que tão depressa se rendera aos enzanos da princeza. Como foi dia, e a primeira claridade tingiu as nuvens do céo, elle mais que depressa revestio as armas, e foi pôr os olhos não dormidos no mirante em que tivera a dita de ver quem por seu mal lá fôra ; porem á esse tempo estava a princeza tocando os lindos cabellos, para descer ao torneio. Acertou então de passar o arauto que andava pregoando o bando pelas cidades, e tão de geito, que percebendo o caval-

leiro ser aquella sua dama a mesma *Flor de belleza* de que ahi se tratava, correu em busca de seu corseel, que deixara na pousada. Era o famoso corseel negro, mais ligeiro que o vento, mais bravo que um pelouro.

« Já tocam as alvoradas de charamelas e trombetas na entrada da carreira. Os cavalleiros estavam recolhidos ás suas tendas. A gente da nobreza nos palanques, a do popular no terreiro. Chegou El-rei, guiando pela mão a princeza sua filha. Foi um resplendor que alumiou a praça toda, quando *Flor de belleza* appareceu. Parecia a rainha das fadas, se não era mais formosa. O vestido que trazia era azul e de muito primor; tinha no toucado tanta pedraria fina que cegava os olhos. A princeza cercou com os olhos a teia, e ficou triste porque não viu em nenhuma flâmula as côres do seu cavalleiro, que eram, escapou-me advertir, azul e branco.

« A um senho de El-rei travaram-se as justas e pelejas, levando á todos de vencida um principe não mal parecido e afortunado de todos os bens. Mas ainda que elle era mui particular amigo e companheiro do irmão de *Flor de belleza*, não tivera o dom de tocar-lhe no coração para outro reservado.

— Qual nome tinha esse? perguntou Inezita.

— Tinha nome *Fer... Não!*... D. Cisnando!...
D. Cisnando!

Inezita não pôde reprimir o sorriso. Agora escutava ella com soffreguidão a historia dos confeitos encantados; presentiu que sob o disfarce desse conto havia alguma cousa que lhe dizia respeito á ella e a Estacio tambem; seu olhar impaciente crivava a mulatinha para apressar o desenlace. Mas esta que tinha de satisfazer a curiosidade da velha e ao mesmo tempo de adormecer a desconfiança das escravas enredeiras, com um gesto imperceptivel accenou á menina que esperasse.

« Maldizia-se *Flor de belleza* de sua desdita e do mau fado, que lhe pozera ante os olhos aquelle gentil cavalleiro do mirante, só para seu maior mal, pois si o não vira e nesse ver não lhe fosse o coração cáptivo, não sentira agora tão cruel a sorte que a entregava a outro. « Mofina de mim!... Meus olhos vão ser duas fontes; minha boca uma gruta erma; meu peito uma urna de saudades. » No meio destas lastimas tão sentidas, e quando já o juiz do campo guiava o vencedor pela escadaria aos joelhos de El-rei, de

quem havia de receber o cumprimento da real promessa, a mão de *Flor de belleza*...

— « Suspendei ! gritam fóra. E o clarim : —
• Tararara, tran ; tararara, tran !... E o povo a correr ; e as damas a se debruçarem nos camarins ; e os olhos todos voltados para a entrada. Era um cavalleiro á desfillada pela praça á dentro ; montava corsel negro ; eram negras as armas, sobre as côres azul e branco do traje. *Flor de belleza* levou a mão ao coração que lhe fugia, e desmaiou de ventura ; mas logo voltou á si, que esses desmaios de ventura são assim passageiros como um sopro.

« O cavalleiro estacou na entrada da carreira ; e batendo com o conto da lança no chão que estremeceu, proclamou este desafio :

— « Ouvi-me todos. A mão da minha gentil princeza e senhora, celebrada por *Flor de belleza*, que El-rei, seu pai, prometeu dar ao mais valente campeão ; essa mão, digo eu bem alto, não póde pertencer mais que á um só cavalleiro no mundo ; aquelle em quem ella pondo o seu carinho, deu forças para que á todos vencesse !

— « E esse quem seja, dizei-o ! gritou D. Cisnando irado.

— « Aqui o tendes presente, para declarar em face, a quem se arroje ao contrario, que é um falso e aleivoso, indigno do nome de cavalleiro e das armas que traz !...

— « Pois digo-lo eu, cavalleiro das armas pretas ; que refalsado, aleivoso e cobarde, é aquelle que ousa alçar os olhos onde não chega o seu ardimento.

« Os cavalleiros tomam campo ; e *Flôr de belleza* não tinha acabado de dizer jesus, que já D. Cisnando era atirado de cambalhotas no chão com um só bote de lança, que lhe deu o airoso cavalleiro das armas negras. Declarado este vencedor, foi ajoelhar aos pés de El-rei ; mas no momento em que já recebia o premio, o principe, que estava mortificado de ver o amigo vencido, adiantou-se para o estrado do pai :

— « Saberá Vossa Real Magestade, que tenho cousa de grave a discorrer.

— « Diga o principe, que o escuta seu rei e pai.

— « E' o caso, que si não ha duvidar da gentileza e valentia do cavalleiro das armas negras, aqui presente, outro tanto não succede com a nobreza de raça e nome. Pois não tendo che-

gado em tempo e nem dado seus apellidos, é de todos desconhecido, e assim como póde ser bem nascido, segundo penso, póde tambem não estar na altura de pretender a mão de tão formosa princeza, filha do mais poderoso rei da terra.

— « Discorreis, principe, com muito acerto ; e folgo de ver que já nessa idade sois homem de conselho.

« Voltando-se para o cavalleiro perguntou-lhe :

— « Scis de sangue real, cavalleiro, e de que terras ?

« O mancebo enfiou com a pergunta, pois sua fidalguia não passava de cavalleiro, embora seus feitos fossem de imperador. O que sabendo El-rei, o despachou mui descoztermente, declarando-lhe que sua filha não era para ser merecida senão por quem fosse filho de neto de neto de rei. Retirou-se então a côrte ; *Flôr de belleza*, entrou em palacio com o coração cortado ; e logo subio ao mirante, para ver o lugar onde um momento fôra feliz.

« Emtanto o infante, penado com a derrota do amigo, como era valente, brioso e soberbo, foi-se d'ali ao cavalleiro Estansláo, e atirou-lhe um desafio, para desaffronta de haver elle, simples

aventureiro, alçado a vista para sua irmã *Flôr de belleza*. Emprasaram-se para o romper da manhã, n'um sitio proximo da cidade; e o cavalleiro recolheu mui contente de si, ainda que triste do successo. todo esperançado no bem querer da princeza, porque elle sabia que amor nada ha que não vença. Abalo algum lhe dava o desafio do infante, tão certo estava de que o desarmaria sem offensa, pois a sua gentileza nas armas era ainda para maiores cousas. »

Inezita estremecêra outra vez no lanço do desafio; e pallida e anciada, ficára sem respiro, enlevada dos labios travessos da Joaninha, que vendo este affogo, disfarçára com os balaios, empurrando-os da beira da banca onde se achavam e dizendo como si fallasse com elles :

— Sentido d'ahi, senão, senão !...

Advertida a moça dissimulou, e Joaninha ia continuar, quando na porta fronteira da entrada ouviu-se e sonsonete pausado e paxorrento de uma voz sonora :

— Liçença para o capellão da casa !...

Encheu o vão da porta o tóro nedio e rochoncudo de um frade, abaixo do regular. Pelo bem cevado da papada e cachaço, mais que pelo grosso

burel côr de vinho, divulgava o recém-chegado a regra de sua observancia; era sem duvida a melhor amostra do frade bento, tal como o conheceram ainda nossos avós. Phisionomia beatifica, olhos espertos e folgazãos, mansuetude do gesto, palavra insinuante, logo inculcava o simples aspecto do religioso.

— Entre, Frei Carlos da Luz, nesta sua casa.

Depois de informar-se da saúde espiritual e corporea da dona e filha, e dar sua benção ás escravas, pagens e crias, o religioso accommodou-se n'uma poltrona ao lado de D. Ismenia, e enterando o pescoço no gordo toutiço, esperou que advertissem a D. Francisco de Aguilar da sua visita. Entretanto os olhinhos cerrados com o peso das grossas palpebras, viam pela estreita fresta quanto passava no aposento.

A' entrada do frade, Inezita mordera os labios de despeito, e Joaninha não se pôde conter que não lhe atirasse por detraz um momo, que fez sorrir á D. Ismenia. A dona tinha suas razões para não agasalhar muito o beneditino, que em compensação, protegido pela parte masculina da casa, ia seu caminho sem dar-se por achado. Assim mal respondeu ás primeiras saudações, a

a donã logo voltando-se para a mulatinha disse-lhe :

— Ide por diante, moça. Gosto da historia : já li cousa parecida, que muito me deleitou.

A mulatinha não se fez rogar.

— Onde fiquei eu ? perguntou Joaninha...

— No desafio do infante.

— Sim. Era para o romper da manhã, e o cavalleiro estava muito descansado de seu. Mas o Tinhoso as tece á seu geito. Saberá agora que o infante tinha um feitiçeiro que era uma bola de gordo, e roncava como um porco, cujo feitiçeiro, corria fama ser forte nas artes da magica preta. Foi-se á elle o infante, e pediu-lhe que arranjasse modos de sahir vencedor do combate com o cavalleiro. Que havia de responder o bruxo ?... « Esse cavalleiro, illustre infante, tem em si uma grande força que o faz invencibil, como Sansão : mas essa força não traz elle nos cabellos como o outro, senão dentro do coração. É o contentamento de sentir-se querido de *Flor de belleza*.

« Como o infante sahia descorçoado, o bruxo tornou-lhe, que não obstante pelos seus feitiços

podia tirar aquelle contentamento d'alma do cavalleiro, si lhe desse o infante vinho velho e boa papança. Prometteu o principe, e o bruxo tomando a vara de condão gritou :—« Por artes de berliques e berloques, e por esta vara de condão, mando-te, genio que me obedeces, que entres no corpo do cavalleiro Estanisláo, e lhe faças ver o que a mim aprouver. »—Logo sentiu-se um cheiro de enxofre, e depois uma fumaça que sahia pela janella : era o genio que se foi metter no corpo do misero cavalleiro, o qual desde ahi viveu em sonho.

« E aconteceu que nesse sonho máu elle viu um saráo, e nelle *Flor de belleza* mui contente e satisfeita á escutar as fallas de D. Cisnando ; e ouviu muitas vozes que diziam ao seu ouvido que a princeza estava de todo rendida aos affectos do principe, e olvidara seu cavalleiro fiel e a prenda com que o prendara.

— Qual prenda ? inquiriu D. Ismenia.

— Pois eu não disse que *Flor de belleza* na justa atara seu lenço á lança do vencedor ? Disse. Ora, quando o sonho passou, o cavalleiro ficou-se crente ño que vira e ouvira, cemo si acordado estivera ; e sentiu que a vida se despedia delle com tão cruel desengano. »

Nesse ponto da historia entrou D. Francisco de Aguilar, que acodia á visita do frade ; e logo começaram ali uma pratica em meia voz. Inezita pendêra a fronte sobre a tela do bordado, e uma lagrima, que a seu pezar estalou dos olhos, rolou como aljofar pelo setim verde.

— Andai, rapariga.

« — Aguardou o cavalleiro o c'esafio com tenção feita; e essa foi de pôr sobre o coração a prenda que lhe dera *Flôr de belleza*, e enfiar-se por ali na espada do infante e cahir della trespassado. »

Inezita soltou um grito de horror ; mas Joaquinha que já contava com elle, estava preparada. De um revez da mão atirára um dos seus balaaios de cima da banquinha ao chão, e tal escarcéo fez e tal rumor de susto e risada para apanha-lo, que ninguem se apercebeu do ancia e pavor da donzella.

— A pensar assim, foi o cavalleiro lá consigo dizendo : « Morrerci nella, della e por ella. Nella por que esqueceu este triste ; della porque virá o golpe de quem tão conjuncto lhe é ; por ella, afim de não magoa-la com a memoria de sua inconstancia. » E chamou seu pagem e disse-lhe: « Pagem fiel, quando me vires trespassado, levarás esta prenda á *Flôr de belleza*, e lhe dirás que o sangue de

que vai tinto lave-o com as lágrimas que derramaria por seu irmão ; pois são o resgate dellas. »

« Durante que estas cousas passavam, *Flôr de belleza* triste sim, mas não suspeita dos perigos que ameaçavam seu gentil cavalleiro, bordava no seu mirante uns labores mui lindos, que eram um primor de agulha. Quiz então sua estrella que apparecesse á porta do palacio uma velha, mui velhinha, com um balaio, como este cheio de confeitos para vender, pedindô que a levassem á presença de *Flôr de belleza*. Mas era a velha tão horrenda, que não lhe consentiriam, mesmo quanto o recato da princeza permittisse ver gente extranha. O mais que fizeram foi levar o balaio dos confeitos á princeza, a ver se agradavam á seu real prazer.

« E succedeu um caso pelo qual logo se viu que eram encantados os confeitos e foi que o pagem que os levava de caminho querendo metter o gadanho para fillar alguns, achou-os em braza ; e gritou por tal fórma que ali acodiu El-rei, a rainha e todos os grandes do palacio. Informado o caso, riram do pagem, porque não haviam brasas, sinão confeitos muito claros na cestinha ; porém maier foi o pasmo quando sentiram tambem chamuscada a ponta dos dedos, assim como quizeram

tocar-lhes. Só *Flôr de bellezà* achou-os frios e tão apetitosos, que o mesmo era toca-los que sentir-lhes o sabor.

« Ahi foi o encanto e a maravilha ; porque mal que os confeitos se derreteram na linda boca da princeza, logo pelo effeito da côr, seus olhos tornaram-se tão claros que viram alem o cavalleiro lastimando-se, e leram o que elle tinha n'alma. Caminhando até a janella, como si chegasse perto d'elle, soltou mui de mansinho estas fallas : « — Esposo meu vivei e nesta fé que ora vos juro, que si vossa não fôr, de mais ninguem. » E pela virtude da doçura grande dos confeitos estas vozes derramaram se por ahi a fóra nos ares como uns favos de mel, e foram cahir no coração do cavalleiro.

« Assim foi quebrado o encanto do bruxo ; porque restituído o cavalleiro ao contentamento de ser querido por *Flôr de belleza* e a sua valentia, soube tão bem deffender sua vida sem offensa do infante, que ganhou-lhe a generosidade. E El-rei a quem foi levado o caso, conhecendo quanto sua filha amava o esforçado cavalleiro e quanta rasão tinha para isso, o agasalhou muito na sua côrte e com o tempo deu-lhe a mão de

Flôr de belleza. Houve grandes festas, e um banquete como nunca se viu. E assim acabou a historia, e manda El-rei, nosso senhor, que me compre a dona os confeitos encantados. »

— Dai cá o balaio ! disse a dona acenando a Joaninha que lhe pozesse ao collo. Quando tornardes heis de contar-me outra bonita como esta. Ouvides, moça ?

— Dona, sim.

Si a historia agradára a D. Ismenia, á Inezita a pozera n'uma terrivel perplexidade. Comprehêda perfectamente o engenhoso disfarce com que a mulatinha lhe dera conta do que era passado e do que podia succeder á Estacio, si o não salvasse ella com uma palavra semelhante á que proferira da janella *Flôr de belleza*. Tinha a morte n'alma ; e por mais esforços que fizesse não acabaria comsigo de resolver-se. O amor de uma parte, o respeito filial da outra, sem contar o recato e a timidez, partiam sua vontade.

E o tempo cerria ; Joaninha debruçada sobre a banquinha esperava de balde uma palavra.

Inezita ia talvez proferir, quando seu irmão entrou e veio justamente sentar ao lado della. A menina fez-se livida, e preza de terror se concentrou

tão completamente no bordado, que parecia debuxada com elle. O alferes encontrando ali, com mostrás de tanta entrada na casa e familia, a mulatinha, rugára o espesso sobrolho. D. José não era esperto ; mas em extremo desconfiado. Ora uma das cousas que mais o apouquentára na vespera, descobrindo os amores de Estacio com Inezita, era o modo porque nascêra esse affecto e crescêra. Notára entre ambos os amante uma certa intelligencia, e incapaz de comprehender, como de sentir, a sublime delicadeza de um amor puro e elevado, entendêra que por força houvera entre elles fallas ou recados ; isto o admirava, pela educação que recebêra sua irmã. Achando ali a mulatinha, logo uma suspeita o assaltou, que fosse ella a mensageira dos occultos amores ; e poz-se alerta.

Joaninha tambem de seu lado vendo entrar o alferes embaçou, temendo nada mais conseguir, não tanto por ella, como pelo estado em que ficára a donzella ; mas a mulatinha era fertil em recursos, e de uma tenacidade invencivel. Seu amor proprio ali estava empenhado :

— Bem vindo é o senhor alferes, para merear um dos meus lindos abanos?... Qual será?...

— Nenhum, respondeu o moço rispidamente.

Quando quizer vento, montarei meu cavallo e irei até a Barra, onde o ha de sobra. Não careço desse sestro de namorados.

— Ui, gente !... Si fosse algum mercador judeo que mercasse os meus abanillos, aposto que o senhor alferes não engeitaria, mas como é a pobre da mulatinha que a ninguem tem por si, nem parentes amparados, nem filha formosa !...

— Que dizes tu, alfeloeira ? perguntou o alferes voltando-se.

— Nada, senão que inda agorinha, em passando rua da Palma abaixo para vir aqui, uma doninha mui graciosa que estava á rotula com os olhos no caminho, marcou-me um dos meus abanos.

— Na rua da Palma !... perguntou o alferes que enrubeceu repuchando os bigodes.

— E mais ella não tinha sestro de namorados. Certo é que muitos não tem o sestro, que tem as manhas ; e pelo geito de umas perguntinhas que eu cá sei...

A mulatinha apontou esta reticencia com um sorriso dos mais brejeiros. O alferes lançou á direita e á esquerda um olhar para ver si alguem o observava ; e em seguida fez a alfeloeira um

gesto que ella traduziu como um emprasamento para continuação da conversa fóra da casa, e simulou não comprehender.

— Então o senhor alferes não me compra mesmo um abanillo?... Tão lindos que são?

— Para mimo de alguma dama, não digo que não! Mostrai-os cá?

— Nenhum como este, fiai de mim; já pelo bem tecido, já pelo bem combinado dos matizes. Olhe a doninha; não lhe parece muito lindo?

Inezita volveu o olhar, que logo retirou para absorver todo no trabalho.

— Pensais então que seja este o que mais agrade á uma dama de bom gosto?

— Por sem duvida! Demais este abanillo tem uma virtude!... Um encantamento, qual é, quando seu dono delle abanar-se nas horas de maior calma, como as tres, logo faz apparecer diaute dos olhos a pessoa que tiver no pensamento. Veja a doninha como é feiticeiro!...

O alferes sorriu. Inezita estremecera, e a fronte vibrando pareceu acenar uma negativa energica. Joaninha mordeu os beiços, resolvida de uma vez á acabar com essa timidez. O ensejo não tardou.

— Tudo acreditara eu de um abano, acodira o

alferes chasqueando ; menos que servisse de chamar a gente.

— Mas si é sua virtude magica, essa !...

— Embora, a magica não anda tão avessa do que é, pois sempre ouvi, que para o dinheiro dão as fadas uma bolsa encantada, e para a comida uma toalha de mesa.

— Ora !... fez a mulatinha com um muxoxo. Nas mãos de quem sabe, tudo serve não só para o que é feito, mas para o que se deseja.

A voz de Joaninha tomou um tom vibrante :

— A prata foi feita para gastar-se, e tantos que a aferrolham. O agrado mandou Deus que fosse dado de coração, e não falta quem o merque. E para não ir mais longe. Essa espada que ahí tendes á cinta, senhor alferes, é ferro de talhar, o que não vos impedirá de amanhã, quem sabe, *coser* á estocadas o peito de vosso inimigo !... Tambem aquella agulha que ali tem a doninha, é ferro de bordar, e quem quizesse escreveria com ella. Mas tudo isto é nada, pois com esta palha que aqui vedes, querendo vos farci eu uma bilha como a que levou Rachel á fonte onde a encontrou Jacob !

O engenho com que a mulatinha meneou o seu

jogo foi cousa de embaçar o mais mitrado jesuita. Depois de algumas palavras allusivas ao amor de Inezita ella atirou á menina certo bote, ameaçando-a com a morte do amante pelo irmão ; logo sob o atordoamento dessa idéa, espertou-lhe no espirito embotado pelo-desanimo um meio de fazer chegar a Estacio a palavra salvadora : finalmente para evitar que a attenção do alferes se demorasse naquella lembrança da agulha, lançou-lhe o nome, cujo ella sabia ser o effeito magico.

Nesse instante Fr. Carlos da Luz, deixando a pratica de D. Francisco achegou-se ao alferes e disse-lhe a puridade :

— Gente de terreiro, amigo D. José, nunca se deve deixar que penetre tão dentro das casas de hem !

O alferes fez um signal de aquiescencia ; e cedendo ao mesmo tempo á outro pensamento occulto, disse para a mulatinha :

— Bem, alfeloeira ; segui vosso caminho, á porta recebereis a paga de vosso abanilhó. Mandar-vo-la-hei pelo pagem.

— Senhor, sim !

Então Joaninha, fingindo que arranjava os balaies

para sahir, começou com D. Ismenia uma tal e tão longa ladainha, que foi um Dens nos acuda. A lingua da alfelocira movia-se com rapidez igual á de suas mãos subtis ; ella se erguia e ajoelhava outra vez ; cobria e descobria os balaios ; e parecia realmente mordida de um tarantula. Nunca se viu uma garrulice semelhante !

Inezita bordava agora com soffreguidão. Seu irmão se erguera, e esperando a sahida de Joaninha, abaixara os olhos para o tear :

— Esta é a faixa que me destinais de mimo, D. Inezita ? Que lhe pondes ahí ?

Foi livida como um lençol e com a voz sumida que a menina respondeu :

— Bordo a tenção !...

— Qual ella é ?...

Interveiu Joaninha que estava alerta :

— Tendes já o vosso abanillo, senhor alferes. Mas não ! Vos enganastes ; outro é ! Ha de estar aqui entre estes.

Assim fallando, a mulatinha fez um estendete de abanos sobre o tear de Inezita ; insinuou-se ligeiramente entre a menina e o irmão ; e deu de rosto á este que se tosse. Como hesitasse, si sahiria, a alfelocira debruçou-se no tear e recolheu

de novo os seus abanos, não sem primeiro os passar de uma á outra banda, de modo a cobrir inteiramente o bordado.

Inezita a olhava estatica.

Emfim depois de muita mesura, Joaninha sahio; e no corredor escondeu ao seio o escudo de seda verde que Inezita bordava. Com pouco veiu o alferes á porta.

— Tende-vos ahi um instante, enquanto levo a vossa irmã sua agulha que veiu na minha toalha !.

— Deixai que lh'a darei ?

— Deveras ; porque digam que me seguistes !

— E's fina, alfeloeira !

— Mais sois vós, senhor alferes. Aposto que passariéis pelo fundo desta agulha ! Que o digam as seteiras da rua da Palma !

— Rapariga, olha esta lingua !

Joaninha voltou á casa de jantar, em tão boa hora que D. Francisco conversava com sua mulher e o frade. Restituindo á moça a agulha, ella pôde segredar-lhe :

— Não lhe mandais nada mais ?...

— Estou promettida, por meu pai, á D. Fernando ; por meu fado á terra fria. Dizei-lhe isto,

e acrescentai, lhe rogo que viva por mim, já que Deus não quer que o seja para mim.

Murmurou estas palavras com os olhos rasos de pranto. Joaquina sumiu-se temendo que o percebessem.



X

Por qual razão maior o P.^o Molina jantou gordo na sexta feira.



A' mesma hora em que espertava Vaz Caminha, erguia-se de seu catre no mosteiro de Jesus o Reverendo P.^o Gusmão de Molina, ao cabo de um somno curto e agitado.

Depois de curar do aceio de sua pessoa e arranjo da cella, o Visitador, que tinha em alto

gráo o espirito de ordem e methodo, fez seu exame de consciencia. Recapitulando todos os successos da vespera e observações que lhe suggeriram, traçou na mente a regra para o dia que principiava. Isto fez elle durante a leitura do breviario, para melhor poupar o precioso tempo.

Tomou então de sobre a banca a correia de chaves, e foi em busca do cartorio, onde pouco se demorou. Na volta, trazia sobraçado, mas bem occulto pelo habito, um grosso volume, digno emulo do famoso alfarrabio do P.^o Manoel Soares, á não ser que este tinha uma capa de couro vermelho com o emblema da companhia em negro sobre o frontispicio, e uma grande cruz no lombo; de mais guarnecido com fechos de metal amarello presos de engastes.

O P. Molina escolhendo na correia uma pequena chave de broca, primor do irmão serralheiro, abriu os cadeados e levantou a capa do livro vermelho. No rosto achou o que naturalmente procurava, porque mal demorou o olhar sobre o titulo escripto em lindos caracteres gothicos, o qual dizia assim: — *Livro grande do assentamento dos irmãos seculares nesta provincia do Brasil.*

Já havia o Visitador perpassado rapidamente mais de meio volume, quando seus olhos cabiram sobre um assentamento que despertou nelle a curiosidade: levou o index da mão esquerda ao lugar da pagina onde começava a nota, e releu dessa vez com muita lentidão as palavras escriptas:

« *D. Ismenia de Mascarenhas do Couto Aguilar, esposa de D. Francisco de Aguilar, senhor de Paripe, doña de jerarchia por descendencia, como por alliança. — Jurada secretamente aos 15 de novembro de 1599. — Enfermou de paralytia que a tem tolhida em uma cadeira, pelo que esmoreceu nas obras, sem comtudo arrefecer no zelo, devoção e obediencia.* »

O frade esteve a cogitar algum tempo com a vista pregada na escriptura, ou porque lhe despertasse ella uma serie de pensamentos, ou porque estivesse a decifrar naquellas palavras seu verdadeiro e cabalístico sentido. O jesuita, quando fosse obrigado á escrever, ensinava a *Monita Secreta*, que escrevesse o menos possível, só quanto bastasse para ser entendido. Ninguem mais versado nessa cabala do que o P.^o Molina; pelo que não é de estranhar que inquerisse do escripto o que ficara na tenção do escriptor.

— Bom !... murmurou sorrindo. Com tão boa ancora, não haja medo que garre daquelle porto a barca de S. Pedro !

E continuou a folhear o livro.

Ahi bateram devagarinho á porta da cella, e uma voz assucarada enfiou pelo buraco da chave :

— Venia para o irmão dispenseiro ?...

— Entre, irmão ! respondeu o P.^o Molina depois de occultar o livro vermelho.

O leigo entrou com muitas reverencias e gati-manhos, trazendo uma taça de porcellana :

— *Dominus vobiscum !...*

— *Et vobis, amen !*

— O Reverendo P. Provincial manda trazer á V. Paternidade, e saber como lhe foi o passadio da primeira noite nesta casa de Deus.

— Agradecei por mim ao P.^o Provincial tanta bondade para com seu humilde subdito. Que trazeis ahi, irmão ?

— E' um caldinho quente de cana, famoso para fortalecer o peito, e muito necessario nesta terra para reparar da grande perda dos suores.

— Deixai !...

Ficando só o religioso voltou ao exame, interrompido á espaço pelos goles de garapa quente,

que sorvia da taça. Depois de algum tempo parou de novo a vista sobre segundo assento, concebido neste theor :

« João Fogaça, capitão de malto, jurado aos 10 de setembro de 1607, no sertão, onde passa todo o mais tempo.— E' homem forte e destemido, importante de sua pessoa e da banda de cem homens que traz á seu mando ; grande sabedor das manhas e ardis do gentio ; em uma palavra obrador de grandes feitos e capaz de maiores ainda. »

Neste assento a demora do religioso foi menor; comtudo leu-o duas vezes e depois de dobrar o canto superior da pagina, fez com a unha uma cruz á margem. Correram as folhas sob o impulso do dedo agil e impaciente do P.^o Molina : ás vezes paravam enquanto elle firmava sobre algum nome a vista que relanceava do alto ao baixo da pagina. Afinal encontrou o frade o que sem duvida procurava, porque respirou como ao cabo da tarefa, e erguendo-se foi espiar pela rotula o lindo painel da bahia, achamalotada pela brisa, e dourada pelos esplendores do sol americano.

Tornando á mesa, esgotou a taça, e fixando no

livro um olhar que parecia, de tão poderoso que era, arrancar da pagina as palavras ali escriptas e grava-las na memoria, leu duas vezes uma sobre outra o pequeno assento; feito o que fechou cuidadosamente o mysterioso registro e po-lo sob chave na arca do canto. Para assegurar-se de sua memoria repetiu mentalmente o que tinha decorado e era apenas uma nota deste theor:

« *Fiburcio Esteves, magarefe no curral do Conselho, para cujas bandas mora. Jurou aos 3 de Junho de 1605; ainda não provado.— Espirito simples e rudo, mas bem procedido; é mui temente à Deus, e o que lhe for ordenado para seu serviço, certo que o fará, com cegueira de entendimento, mas energia de animo.* »

Nesse momento um leigo cubiculario, que passava pelo fundo do dormitorio ouviu tocar a campainha no cubiculo do P.^o Molina, e acodiu com açodamento á porta:

— Chame o irmão andador que o requer o P.^o Provincial.

Quando o leigo requerido apresentou-se, o P.^o Molina o tosou da cabeça aos pés, e conheceu que o pobre tonsurado era um bemaventurado incapaz do minimo raciocinio:

— Sabeis onde pousa Tiburcio Esteves, cortador de rezes? E' conhecido vosso?..

— Para as bandas do Curral. E' men conhecido só de o vor e elle a mim.

— Pois ide da parte do P.^o Provincial dizer-lhe que venha a fallar-me; e o acompanhareis até aqui ao meu cubiculo. Estaes entendido? Pois ide-vos rapido.

O leigo desapareceu, cerrando a porta. O Visitador recahi em suas cogitações. Era elle um acerrimo pensador, desses que se afinam á uma idéa, como o vampiro á uma veia, e só a deixam quando saciados.

Ao cabo de alguns instantes murmurou :

— Careço agora um noivo para D. Ignez !...

Olhando para a arca onde guardára o livro accrescentou :

— Mas esse registo nada adiantaria sobre assumpto tão delicado. O P.^o Figueira que de todos parece mais de salla, informará da mocidade fidalga da Bahia.

Baterão á aldraba; era o Provincial, que saudou com respeitosa amabilidade o Superior, sem mostra do menor resentimento. Não era de balde que Fernão Cardim tinha tantos annos de pre-

latura ; avesado ao governo da Companhia, elle possuia ao mesmo tempo a sciencia do superior que se faz temido, e do inferior que se faz amavel.

— Folgo de ver V. Reverendissima já refeito das fadigas do mar.

— *Grátia*, P.º Provincial ! ... V. Reverencia accomode-se para aqui.

Venia, P.º Visitador. Passei unicamente para saber de V. Reverendissim, como dormiu e se gosta de caça, porque agora mesmo mandou-nos um amigo e devoto da casa, D. Lopo de Velasco, um veado de sua monteria e dois macucos.

— D. Lopo de Velasco, diz V. Reverencia ? Vive elle nesta cidade ?

— No Reconcavo, cerca de legua e meia da porta do Carmo. No lugar de S. Gonçalo.

— Ah ! Não sabia ?

— Conhece-o V Reverendissima ?

— Vi-o em Lisboa ha cousa de anno , quando estava elle á partir para seu desterro do Brasil. Ponco trato tivemos.

— Grande caçador, perante Deus, como Nemrod. V. Reverendissima julgará.

— Não hoje, que é dia de preceito.

— Mas o abatimento da viagem é razão de dispensa !..

— A regra .. a regra antes de tudo, P.^o Cardim.

Sabido que foi o Provincial, P.^o Molina acariciou a barba com um gesto de contente e satisfeito, dizendo entre si :

— Nem feito de encommenda o achara tão proprio. Fidalguia muita, grandes haveres, bem composto sempre e melhor apessoado.

A campanha souou segunda vez no corredor, e o cubiculario acodindo teve ordem de mandar que depois do refeitório, sellassem uma mula de serviço, pedida a venia do Provincial.

Não cause reparo a sujeição que apparentava o P.^o Molina ; elle continuava a residir no collegio da Bahia, incognito como chegara. Embora no capitulo da noite antecedente não fizesse nenhuma recommendação á tal respeito, os irmãos professos não necessitavam della para guardar o segredo inviolavel, que era um dos preceitos do Instituto : ao contrario, para que divulgassem o que passara no consistorio fôra necessario ordem mui positiva. Eis porque si os professos o tratavam com a deferencia devida ao seu alto cargo, o resto da commuidade continuou a ver no Vi-

sitador um irmão veneravel pelas suas virtudes e acatado pelos superiores, não suspeitando nem por sombras, do gráo que tinha elle no Instituto.

Dispunha-se o P.^o Molina á descer ao poio onde começava á reunir-se a communidade, quando o irmão andador apresentou-se á porta, precedendo Tiburcino, cuja pata bovina já se ouvia resoar no pavez. Sentou-se o Visitador de novo, e depois de rapida observação, dirigiu a palavra ao magarefe :

— E' chegada a occasião, irmão Tiburcio, de empregar-se no serviço da companhia, que é o serviço de Deus. Lembra-se que tomando a capa de Jesus, jurou duas cousas, obediencia primeiro, depois segredo, o que quer dizer que será cego e surdo.

— Os Padres podem fazer de mim o que lhes approuver, porgue assim jurei pela cruz, e uma vez a jura feita, está acabado.

— Tivestes occasião já de ver um mancebo, estudante aqui das aulas do Collegio, que tem nome Estacio Corrêa ?

Tiburcino estremeceu ; e esse movimento não escapou ao frade.

— Não tem conta as vezes que o hei visto.

— Que sentis por elle ?

— Não sinto nada !

— O irmão Tiburcino esquece seu juramento. Não é obediencia esconder o pensamento. Confesse que o moço Estacio em alguma cousa o molestou, porque sei eu que não gosta d'elle !

— Como podeis vós saber, Padre, se não vem de mais longe que hontem á noite ?...

— Sei-o eu, e isto vos baste, para que não procureis illudir-me. Por penitencia mando-vos que declareis a offensa que recebestes.

— Dispensai-me dessa, Padre, ainda que em troca me ordeneis outra mais dura.

— Obedecei !... disse o Visitador severo.

Tiburcino inchou como uma intanha ; e depois de um grande esforço soltou bufando estas palavras sumidas :

— Uma mulher, Reverendo Padre, que por meus peccados enfeitiçou-me, e agora me deixa a mim por...

— Seu nome,izei-o logo !

— Joanhinha, a alfeloeira !...

O P.^e Molina reflectiu um instante :

— Vejo que é homem de verdade, irmão Tiburcio. Aqui tem pois a incumbencia para que

foi chamado. Neste momento vá á cata do moço, e siga-o por onde fôr, dia e noite : não lhe perca a pista. A' hora de recolher virá aqui dar-me conta do que houver feito. Si entrar em qualquer casa, guarde na lembrança ; si com alguém fallar, procure ouvir o que diz ; porem muito cuidado, em que o não perceba elle, nem desconfie. Está bem entendido ?

Tiburcino tinha os olhos no chão.

— Mas, Padre, adverti uma cousa. Já agora sapei o resto : desde hontem á noite que fujo de ver o moço, porque tenho medo si o vir... Póde ser mais forte que eu !... Ora assim um dia inteiro e uma noite apoz, e a tentação comigo... Então si acertar de ir ter com elle, a Joaninha..

O magarefe á essa só idéa rangeu os dentes.

— Melhor é, Padre, me dispensardes de uma tal cousa.

O frade sorriu dos labios, mas o ollhar pesado e austéro disciplinou o carnicheiro :

— Seja pois essa a punição de haverdes peccado. Fareis o que vos disse ; ainda mais, deffendereis o moço de qualquer perigo que por ventura o ameace. De joelhos !... Jurai-o sobre a cruz !... E a maldicção do Senhor caia sobre vossa ca-

beça, si quebrardes ainda mesmo por pensamento este voto.

Tiburcino ajoelhou automaticamente e estendeu a mão sobre a cruz ; quando porém o Visitador alçando os olhos ao céu, e elevando o braço, descarregou sobre a cabeça a tremenda imprecação, tal foi a eloquencia sinistra do gesto e a surda entonação da voz, que o misero carnicheiro tombou com a face sobre o pavimento e ali ficou prostrado nas lages, tremulo e beijando a fimbria do habito.

O religioso ajudou-o a erguer e lhe tornou com bondade :

— Vá o irmão Tiburcio na paz do Senhor, que sua alma está fortalecida contra a tentação. Seu salario, como não irá esses dias ao curral, o receberá aqui á noite, do irmão P.º Procurador.

Tocava á refeitorio.

O P.º Gusmão acodiu ao toque ; durante e depois da collação teve com o Provincial larga conversação á respeito de varias pessoas da cidade, e de outros assumptos relativos aos negocios da Provincia.

Meia hora depois cavalgava o Visitador a mula passeira, seguido de um escravo que trotava a pé,

segurando a cauda do animal. Desceram pela ladeira chamada dos Padres, por ficar ao lado do collegio da Companhia, e ganharam a Ribeira. Junto dos trapiches apeou o frade á entrada de uma casa terrea, de insignificante apparencia. Veio á janella e espiou pela parte de dentro da rotula, uma senhora velha, que logo acodiu á porta para receber o jesuita com muitos agasalhos.

Essa era a morada de Estacio; e a velha, sua tia materna D. Mencia Figueredo. Com ella teve o Visitador uma pratica extensa, sobre diversos negocios de devoção e tambem de familia. Repicava meio dia, quando o jesuita cavalgando de novo, partiu, tomando um caminho que da praia subia ao arrebalde do Carmo, e passava pelas abas do morro do Calvario, onde estava assentado o Convento. Ahi chegando atravessou o fosso na ponte e seguiu campo fóra pelo Brejo.

Esse caminho ia dar ao lugar de S. Gonçalo ácerca de legua e meia da cidade. Era um antigo engenho, agora desmontado, e servindo unicamente de recreio e morada ao dono e seus acostados ou serviaes. A casa de purgar, a tinham transformado em possilga de cães; e era habitada pela grande matilha de caça: o resto da fabrica foi pequeno

para estrebaria e não cabia todos os cavallos de sella, sem contar os de trafego.

O edificio principal destinado á habitação do dono dava mostras de grandes posses, pelo ataviado, espaçoso e bem acabado d'elle. Ao lado como duas azas corriam os communs, ordenados com muita vista e accio : nos da direita tinham acomodado a cozinha e ucharia ; nos da esquerda os cubiculos dos pagens e serviçaes, a casa de banhos e outros necessarios.

Ahi nessa propriedade, consumia os ultimos annos da mocidade. D. Lopo de Vellasco, moço fidalgo da casa real, commendador de Christo, e da melhor nobreza de Portugal ; porque pela linha paterna descendia dos Duques de Aveiro, e pela materna dos Condes de Assumar.

Era um cavalleiro de mais bella presença e casquilho de roupas, si já o houve algum ; mas nunca fizera valer aquellas vantagens ás damas. O commendador não era homem de salas : só tivera na sua vida uma paixão, e essa tão valente, que o possuira todo sem deixar preza a outra qualquer : era a caça. Educado por um tio devoto acerrimo e inveterado de Santo Huberto, chefe das monterias na casa de El-rei, elle se formara cedo

nessa eschola ; e em tão boa hora que a esse gosto e pericia pela monteria, deveu a commenda que lhe deixou o velho fidalgo, com preterição, segundo resavam, de um filho bastardo. Parece que o orgulho do antigo monteiro-mór abafou o sentimento da paternidade ; não lhe soffreu que sua bella coutada coubesse á quem della não saberia usar, podendo ter por senhor o herdeiro de suas glorias venatorias.

O sobrinho porém não foi só o continuador do tio ; mas o excedeu de muito no culto pela nobre arte venatoria. D. Lopo longe de se contentar com a rotina ; leu os authores de melhor licção assim sobre a monteria, como sobre a altaueria ; fez uma viagem á Allemanha para consultar alguns famosos barões, caçadores da floresta negra, herdeiros em princira mão das tradições de Santo Huberto ; e por fim tendo feito grande cabedal de conhecimentos especiaes, tentou com successo alguns melhoramentos nas regras então estabelecidas, sendo os principiaes, um sobre a maneira de correr o veado, e outra sobre o momento justo em que se devia dar o golpe de misericordia ao javali acuado.

Elle cultivava a nobre arte, não só com paixão

mas com galanteria. Nemhum cavalleiro enamorado e bem disposto como Velloso, se apontoava com mais alinho e garridice, com mais finas galas, para mostrar-se á sua dama, do que elle para a caçada, que era no fim de contas, sua amante. Si as urzes rasgavam-lhe as sedas, se os ramos amarrotavam-lhe as roupas ou a neve as manchava, elle dizia rindo : « Foram as unhas, ou os abraços e o choro da minha dama. »

Mas não ha felicidade que dure. Desfructava Lopo de Vellasco a sua commenda de S. Ivo, caçando na contada secular, e fruindo os pingues foros, quando um fidalgo seu visinho, que tambem se mettia a caçar, talvez despeitado com a fama do commendador, desfez na sua sciencia e na sua pessoa. Tudo supportou elle evangelicamente ; e a cousa não passaria disso, si o tal fidalgo não levasse um dia a imprudencia á ponto de declarar em uma roda, formaes palavras : *Que Cesar era um podão.*

Cesar era o primeiro dos cães das matilhas do commendador, e o melhor, no seu dizer, que havia em Portugal e Castella ; o que valia dizer no mundo inteiro. Quando tal soube, logo despachou Lopo o seu monteiro ao fidalgo, pe-

dindo-lhe reparação da injúria atroz. Bateram-se os adversarios ; e a honra de Cesar foi desafiada inteiramente ; o seu diffamador mordeu a terra e veio a custar-lhe a vida aquella palavra, porque o golpe se arruinou e não houve modo de evitar a grangrena.

A consequencia do desafio já é conhecida. O fidalgo teve a vida escapa, graças á protecção dos Padres, e veio ver terras do Brasil. Partira de Lisboa com destino á S. Sebastião ; mas no mesmo navio ia o senhor do engenho de S. Gonçalo que desejava apurar seus cabedaes para emprender grandes explorações do interior. As terras do engenho eram abundantes de caça ; o commendador enthiasmado com as boas noticias que lhe deu o colono, tratou sem mais demora de fechar a avença.

Quando o Visitador passou pelas casarias da fabrica, viu muitos serviçaes occupados, no aceio e trato dos animaes. Os palafreiros pençavam as cavalgaduras, ou limpavam os arnezes de prata ; os moços de trela lavavam os cães ou catavam-lhe os bichos que os perseguiam, e afivellavam as correias á colleira.

Ao chegar ao muro descobriu o grande pateo ;ahi

os famulos estavam tambem atarefados, já escovando as librés de caça, já brunindo os instrumentos, como carabinas, arcabuzes, cutelos e cornetas de chifre com guarnições de ouro. Na ucharia chiavam as frigideiras, e o mestre uchão ordenava as peças de assados para o jantar, enquanto os serventes cuidavam dos covilhetes e outras peças de encher.

Avisado o commendador de que o procurava um Padré da Companhia, deu-se pressa em recebê-lo com sentimento de muito gosto e mostras de grande cortezia, vindo buscal-o á porta da entrada: e porque não havia ahí muita claridade, ou por infidelidade da memoria, não reconheceu elle o seu antigo commensal do collegio de Lisboa.

— Quando pensara eu naquella manhã, em que depois da collação vos acompanhei ao embarque, que ainda nos havíamos de ver neste mundo, e em que paragem!

— P Gusmão de Molina!... Que contentamento me dá V. Paternidade!...

Depois das effusões naturaes nestas circumstancias, tornou o religioso:

— Então vossa escolha se decidiu pela Bahia!

O fidalgo referiu o acentecido:

— Mas descançai que vossa carta foi entregue em S. Sebastião.

— Graças devo á Vossa Mercê. E como lhe tem ido a vida por cá? Por força que havia de extranhar?

— A' principio não digo que não; mas ao cabo de um anno estava de todo acostumado: e já agora, acreditai que si de Portugal me mandassem dizer que podia tornar, duvido que me aproveitasse do favor.

— Tanto vos agrada a terra?

— Vê, Vossa Paternidade, aquelle serrote coberto de mato? Pois só ali tenho eu monteria, em abundancia tal, qua! a não tem as coutadas todas de Portugal. E que monteria? Antas, galheiros, castetus, capivaras, pacas, e tal quantidade de alimaria de menos vulto, que é de perder-lhe a conta!

— Assim está o senhor commendador em seu paraiso terrestre? disse o P.^o Molina com um sorriso.

— Bem acertado nome, não vos parece? respondeu tambem rindo o commendador.

— E não tem medo que lhe venha tentar alguma serpente?

— Oh ! que não ?... As serpentes desta terra são venenosas ; e não ha aqui mulher para dar-lhe ouvido, senão fôr um negra velha, que mais parece raça de bugío.

— Mas pôde vir de repente alguma moça e formosa, que são as tentadoras.

— Não haja receio ; por ahi não me expulsarão do meu paraíso.

O commendador passou á mostrar ao frade os seus dominios. No atravessar para as cavallariças, encontraram um marachão de terra, com um respaldo de alvenaria e sobre este um chifre enorme de galheiro. Ao lado espetado em uma estaca uma caveira de onça.

— Vê o P. Gusmão ? perguntou o fidalgo com um suspiro que desentranhou do seio.

— Vejo ; mas sem saber o que seja ?

— Aqui jazem os restos mortaes de *Cesar*, o rei dos cães de caça. Foi victima da traição de uma onça, que immolei a sua vingança : ali está a caveira. Este chifre que lbe serve de cruz, foi sua primeira façanha nesta terra : duas horas o teve pelo focinho, emquanto a batida ia outro rumo, tendo perdido o rastro. Bravo Cesar, repousa na terra de suas façanhas !...

— Deveis escrever-lhe a biographia, senhor D. Lopo de Vellasco.

— Já pensei nisso, P. Gusmão; mais para diante, quando estiver menos fresca a dôr de sua perda. Mas não é vossa cavalgada, aquella que ali está?

— Assim parece, ainda que não reparei muito nella,

— Olá bilhostre! gritou o fidalgo ao moço das cavallariças. E' preciso que vos mande, para tirardes os arnezes á mula, e po-la ao mangedouro!...

— Por tão pouco tempo, não vale a pena.

— Como, por tão pouco tempo? Não o entendo eu assim, que não vos deixo ir, sem provardes da nossa sopa. Justamente é hoje sexta-feira; fareis penitencia!

— Bem agradavel, si a obrigação m'ò permit-tisse: mas pouca é a demora que tenho nesta cidade, e pois faz-se mister que aproveite os dias e as horas delles.

— Razão de mais, para que não dêixe escapar a occasião. Sabe Deus si nos veremos ainda cá embaixo; a primeira, em que nos conhecemos, juntos almoçamos em Lisboa; a segunda janta-

remos aqui na Bahia ; talvez ceêmos em Cochim ou Angola.

— Tudo póde ser, sem milagre.

— Espero alguns amigos aqui mesmo dos arredores , que muito folgarão com a vossa companhia.

— Depende o ficar do resultado da pratica que tiver comvosco ; pois meu fim, vindo aqui não foi só fazer-vos minha visita, ainda que esse só era de sobra para trazer-me.

— Nesse caso diga depressa V. Paternidade o que posso em seu serviço, para mais breve ter o gosto de satisfaze-lo, e alegrar-me a mim com a certeza de sua companhia.

— Desejo entreter á V mercê em particular.

— Vamos até á sala privada.

Voltaram á casa e entraram em um aposento espaçoso, forrado de lambeis, com cabides de armas nos cantos e tropheus pelas paredes. No centro uma banca, coberta de couro com debuxos ; e sobre ella aprestos de escrever, tres ou quatro livros ; um grosso caderno escripto em letras garrçafes, com orthographia affonsina, estava aberto quasi pelo meio, em posição que mostrava ter-se á pouco trabalhado nelle.

Adiantando ao P.^o Molina a poltrona, o commendador ainda de pé poz a mão espalmada sobre o manuscrito :

— Não interrompendo... V. Paternidade veio á proposito para dar-me um aviso, como pessoa tão douta que é?

— Chegando para tanto a minha insufficiencia!..

— Oh ! que sobra para cousas de maior alcance !. Saberá V. Paternidade, ou talvez não tenha curado destes assumptos profanos, que em Portugal são conhecidas e praticadas da sciencia venatorias, as duas especies ; a monteria, ou caça do monte, e altaneria, ou caça de vôo. Ora aqui vim eu achar uma terceira, que muito me agradou pela novidade ; é a que á moda do gentio se faz nos rios em canoas a qual realmente pelo que toca ás emoções, deixa as outras muito á perder de vista. Lembrou-me até, por ser arte nova, escrever um tratado della, e já dei começo, como aqui vedes ; mas occorreu-me uma difficuldade, que não é para minhas forças : e foi ella a do melhor nome dessa nova arte, pois nenhum dos outros lhe cabe. Como lhe chamaria V. Paternidade ?

— A' seguir a derivação das outras devia ser

fluminaria, de *flumen*, como de monte veio monteria ; mas eu a chamara antes *caça aquatica*, ou caça de mergulho, pois supponho que a grande sciencia está em ferir o animal no fundo d'agua, e então essa caça seria justamente o opposto extremo da altaneria ou cetraria ; ficando a do monte no centro, isto é, na superficie da terra.

— Discorreis como entendido, P.^o Molina. E' excellente o vosso alvitre, e para que não me escape vou já aproveita-lo.

E escreveu no rosto do caderno :—*Tratado da arte nova da caça de mergulho, como se pratica nas terras do Brasil, estudada e reduzida á preceito por ***.*

Feito o que fechou o manuscripto na gaveta, e sentou-se defronte do P.^o Molina, disposto á ouvi-lo com a maior attenção. O frade deu á sua phisionomia mais uma camada de amabilidade, e novo retoque ao sorriso insinuante :

— Mal cuidaes senhor commendador que aquella serpente de que ainda agora fallamos, que viria tentar-vos em vosso paraizo, é este humilde frade que aqui está em vossa presença !

— Com que então vindes para tentar-me, P.^o Gusmão ? disse o fidalgo rindo.

— Vim para casar-vos, senhor commendador.

— A mim, P. mestre?

— A vós, D. Lopo de Velasco!

— Estaes então conspirado contra a minha paz e socego de espirito, que assim quereis metter-me em casa a discordia?...

— Quero por-vos no verdadeiro caminho de que andaes arredio como ovelha desgarrada. O celibato sem o voto da castidade não é agradavel ao Senhor, que vos manda trabalheis na sua vinha como bom chistão; e como fidalgo illustre vos deveis á vossa descendencia, á qual um dia pasará vosso nome e riqueza.

— Confesso que sou um grande peccador, porém maior me faria V. Paternidade, si me obrigasse á tomar mulher, que é fonte de malicia.

— Quando a não sanctifica o sacramento.

— Embora; sempre ficam restos da peçonha. Quanto ao mais não se afadigue Vossa Paternidade, não ha de faltar quem se alaparde com a minha commenda e o pouco que sobrar, quando eu fizer a asneira de ir-me desta para melhor.

— Esse mesmo modo de fallar com tamanha indifferença do que o homem tem de mais cáro, que é sua honra e familia, está mostrando a ne-

necessidade que ha de tomardes estado. Tocais já a extrema da necessidade; é tempo de cuidar nesse acto indispensavel, pois é o complemento da creatura. Sem elle sereis velho, e comtudo não tereis a experiencia da vida.

— Não vos contesto, P.^o Mestre. Mas eu dispenso a experiencia que se compra tão cáro a preço da liberdade.

— Fiai-vos em mim, que tenho mais mundo. Um dia, tarde, vos arrependereis. E para que isso não succeda, resolvi empenhar todas as minhas forças em vosso bem. Elle póde tanto na minha amizade, que apenas chegado hontem e sabedor da vossa presença nesta cidade, tomei informações, e achei já cousa que vos convem em todos os pontos.

— Jesus, P.^o Mestre?... Já a tendes assim de encommenda? Quem sabe si não a trazeis ahi na manga do habito e mais o rithual para nos desposardes aqui mesmo de sopetão.

— Não a trago, mas hoje mesmo a vereis. Sem duvida que vos é conhecido D. Francisco do Aguilar, senhor de Paripe? Pois sua filha é, D. Ignez?

— Oh !, P.^o Mestre ! Si nunca a vi !..

— Ve-la-heis !... E' moça e de grande formosura.

— São as peiores de aturar !... Cheias de denguiços e faniquitos.

— D. Ignez é donzella de juizo e sisudez : rica por seus pais e nobre. Será boa dona de casa e não vos envergonhará si algum dia, como desejo, a apresentardes na côrte de Lisboa ou Madrid.

— Será a nata das mulheres, mas a albardará outro que não eu.

— As terras de Paripe são abundantes de caça, por modos que ainda desse lado vos é vantajosa uma tal alliança.

— E seria mais possivel á mim caçar, P.^o Mestre ; quando me lembrasse que dentro mesmo de minha casa estava uma lingua afiando-se para descoser-me as orelhas ?...

— Assim é ponto decidido. Esta tarde mesmo o senhor Commendador irá á D. Francisco de Aguilar, pedir-lhe a mão de sua filha D. Ignez.

O commendador soltou uma gargalhada estrondosa, erguendo-se :

— Boa pilheria !... Vai fazer rir á guelras des-

pregadas os meus amigos !... Creio que são elles que chegam.

O frade deixou rir o fidalgo :

— Este habito que representa o Instituto no qual tambem jurastes obediencia e submissão, não cestuma servir de capa á mascaradas e galhofas. Nem sua côr condiz, nem a gravidade do seu ministerio o consente.

— Escuse, V. Paternidade ; respondeu o fidalgo tornando-se sério. A extranheza da nova fez-me pensar que gracejava como se costuma em amizade.

— E' em nome da Companhia, que eu aconselho ao irmão D. Lopo de Vellasco esse casamento.

O frade carregou na palavra como se fosse a intimativa de uma ordem.

O fidalgo respondeu rispido :

— O conselho de V. Paternidade é para mim da maior authoridade ; mas versa sobre ponto em que a minha resolução é inabalavel.

O sorriso voltou aos labios do frade e a sua voz amaciou outra vez :

— Sendo assim não tratemos mais de tal cousa. Queria me parecer que essa aliança era de grandes proventos para Vossa Mercê, não sendo o menor o de segurar-lhe o futuro. Tudo neste mundo é

precario, ainda o que mais solido se afigura. Assim a commenda que Vossa Mercê herdou de seu tio... E' de publica fama que elle deixou um filho bastardo...

— Certo, mesmo em vida não occultava de ninguem.

— O nascimento não, mas a perfilhação que lhe fez, essa a deixou tão occulta, que poucos tiveram conhecimento, ignorando-a até o proprio á quem mais interessava. A carta queimaram-n'a; mas o registro anda nas notas publicas em seu respectivo cartorio.

— Sabeis disso com certeza, P.' Mestre ?

— Ouvi dizer em Lisboa ; e a ser verdade, si o moço desherdado, que lá vive pobremente vier a sabe-lo, tratará de querelar do testamento de vosso respeitavel tio.

— Podeis informar-me mais pelo miudo do mister em que se occupa elle, e lugar onde se acha ao certo ?

— Em nosso Collegio de Lisboa, onde serve como leigo, por caridade. Os Padres ali são todos amigos do peito, com que Vossa mercê deve contar : mas quem póde evitar que um mal intencionado desencaminhe o rapaz ? E então se elle

achar patronos, que nunca faltam quando a macha é boa, não sei o que diga !... É certo que Vossa Mercê também os tem e da melhor especie ; com tudo deve de estar preparado, e um eugenho famoso como o de Paripe, no peor caso, encheria o rombo, que deixasse a commenda de S. Ivo ! Mas Vossa Mercê é tão avesso ao matrimonio !... Fique pois o dito por não dito !...

O frade ergueu-se e foi á janella apreciar a perspectiva do horisonte, accidentado pelas montanhas e florestas, deixando o fidalgo afundar-se mais na meditação em que o deixára já submergido.

Decorreu curto espaço.

— Far-me-heis então a mercê, senhor commendador, de mandar chegar a mula, porque torne á cidade ?

— Com perdão de Vossa Paternidade, não consinto nisso, pois prometteu ficar para a janta.

— Ficaria com sacrificio para ter o gosto de acompanhá-lo á cidade ; mas desde que assim não póde ser, vou-me já.

O fidalgo insistiu debalde : e conhecendo que o frade não cedia, mandou que tronxessem a cavalgadura. Estavam já nas despedidas, quando o

commendador, arrancando-se á si mesmo e a perplexidade em que estava, disse :

— Responda Vossa Paternidade á duas perguntas que lhe vou fazer.

— Quatro que sejam.

— E' a primeira : Esse casamento seria obra meritoria para a Companhia ?

— Mas de certo, senhor commendador, desde que era em serviço de Deus e bem vosso, que sois filho tambem, podeis duvida-lo ?

— Outra : Qual é vossa autoridade para fallar em nome do Santo Instituto ?...

— Esta, irmão : a que o Geral me transferiu...

E o frade tirou da manga o pergaminho de sua nomeação. Lopo de Vellasco, curvou a cabeça.

A' uma hora em ponto foi o jantar. A's cinco entrava na cidade do Salvador de guião e em grande comitiva, o Commendador, vestido de gala, com toda sua gente de libré mui lúsidia e garbosa. O fidalgo montava um cavallo de raça andaluza, com jaezes de ouro, e sella de velludo bordado a fio de prata. A seu lado trotava humildemente na mula fradesca, o P.' Gusmão de Molina.

Ao entrar a porta do Carmo, o jesuita esgueirou-se por uma rua lateral, e o fidalgo continuou sua

marcha triumphal, atravez da cidade, com grande applauso e pasmatorio dos basbaques da metropole brasileira. Apezar de ser o fausto e riqueza nessa época mui commum na Bahia, comtudo aquelle sumptuoso cortejo, de regia pompa, não só pelo numero dos escudeiros e pagens, como pelo custoso adereço das roupas e fino trato da cavahada ; era uma festa para a gente de terreiro.

D. Lopo de Vellasco dirigiu-se á Nazareth, onde ia pedir a D. Francisco a mão de sua filha, a muito nobre e formosa senhora D. Ignez de Aguilar.

FIM DO TERCEIRO VOLUME.

INDICE DO VOLUME III

I	Quando as uvas são mais saborosas que os beijos	3
II	Como as azas começam de crescer á mariposa	22
III	Como o P. ^o Cura aprende um caso, que lhe não ensinara seu leitor de theologia.	47
IV	Em que o habito faz o monge	75
V	Em que mestre Braz revela seu talento diplomatico	98
VI	Descobrem-se afinal as cavallarias altas do doutor Vaz Caminha.	123
VII	Não ha mal que não traga seu bem	147
VIII	Onde se prova a virtude das alfeloas de Joanninha	177
IX	De como o alferes foi passado pelo fundo de uma agulha .	201
X	Por qual razão maior o P. ^o Molina jantou gordo na sexta feira .	227

LIVROS A VENDA

NA

LIVRARIA GARNIER

69 RUA DO OUVIDOR 69.

Amanda e Oscar, ou historia da familia de Dunreath, traduzida por A. V. de C. e Souza, 3 vol. in-8. 6\$000

Arnauld—Ericia ou a Vestal, tragedia traduzida por Manoel Maria de Barboza du Bocage. \$500

A revolução Oriental e a brochura do Sr. Heitor Varella, collecção de cartas dirigidas á redacção do *Jornal do Commercio*, por F. B. Pinheiro Guimarães, 1 vol. br. 2\$000

Impressões de viagem, por Alexandre Dumas, 2 vol. in-4.º 4\$000

A Probidade, comedia em 2 actos e 1 prologo maritimo, por Lacerda, 1 vol. 1\$280

Genio da lingua portugueza ou causas racionais e philosophicas de todas as fórmãs e derivações da mesma lingua, comprovadas com innumeraveis exemplos extrahidos dos autores latinos e vulgares, por Francisco Evaristo Leoni, 2 v. in-4.º 10\$000

-
- Abel e Caim, comedia drama em 3 actos por Antonio Mendes Leal, 1 vol. 1\$000
- Carlos Broschi, por Scribe, 1 vol. in-4° 2\$000
- O que fazem mulheres, romance philosophico por Camillo Castello Branco, 1 vol. in-4° enc. 2\$500
- Album italo-portuguez, por Galleano-Ravara, 1 vol. in-12 enc. 2\$000
- Historia de Portugal desde os tempos primitivos até a fundação da monarchia, e desta epocha até hoje, edição adornada de gravura, 1 v. in fol. 16\$000
- Serões de W. Scott, por Jacob, traduzido do francez, uma brochura \$640
- Na Consciencia, romance por Louzada, 1 vol. in-4. encad. 3\$000
- Factos do espirito humano, philosophia, por Magalhães, 1 vol. in-4.° bem encadernado. 6\$000
- O Marquez de Pombal, por C. Robert, 1 vol. in-8.° br. 1\$000, encad. 1\$600
- Martha, romance por Max Varey, 3 vol. br. 3\$, encad. 5\$000
- Os filhos dos trabalhos, drama em 4 actos por Lacerda. 1\$500
- O segredo de uma familia, comedia drama em 3 actos por Santos 1\$000

OBRAS DIVERSAS.

- O amor e o dever, comedia-drama original em 3 actos, por Serra, 1 vol. 1\$000
- Trovas e cantares de um codico do XIV seculo, ou antes, mui provavelmente, o livro das cantigas do conde de Barcellos, 1 vol. in-12. 4\$000
- A princeza d'Arrentella, tragedia burlesca em 3 actos, por Araujo, 1 vol. 1\$000
- Vozes d'Alma, poesias, 1 vol. in-4. 3\$000
- O Judeo de Verona ou as sociedades secretas na Italia, por Bresciani, 4 vol. in-4.º .. 12\$000
- Scenas contemporaneas, por C. Castello Branco, 1 vol. in-4.º 2\$500
- A Irmã de Caridade, comedia em 2 actos por Hogan, 1 vol. 1\$000
- Parodias : Fabia, o Andador das almas, a morte de Catimbáo, por Palha, 1 vol. 1\$280
- O pai prodigo, comedia em 3 actos, imitação, por Santos, 1 vol. 1\$000
- O rei do mundo ; historia do dinheiro e sua influencia, por Souvestre, traducção de F. F. da Silva Vieira, 3 vol. in-4.º 6\$000
- Opulencia e miseria, por Stephens, 2 volumes in-4.º 5\$000

OBRAS DIVERSAS.

A velhice de Camões, tragedia por De la Landelle, ornada de estampas, traducção de Rodrigues Brigueiros, 2 vol. in-4° 4\$000

Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes, por José Maria da Costa e Silva, 10 vol. in-4.° 30\$000

O defensor da igreja, drama sacro de grande espectáculo em 3 actos e 5 quadros, por Cesar de Lacerda, 1 vol. 1\$000

Obras dramaticas, por A. M. de Souza Lobo, 2 vol. br. 2\$280

A lyra do Douro, poesias diversas por Luiz Maria de Carvalho Salvedra, 1 vol. encad. 4\$000

O castello de Désertes, por Georges Sand, 1 vol. encad. 2\$000

Aprendiz de Ladrão, farça, 1 vol. in-8° 7500

Azendai, ou o necessario e o superfluo, comedia em 3 actos. 7800

Canticos de José da Silva Mendes Leal Junior, 1 vol. in-4.° 5\$000

O espião do Campo neutro, 4 vol. in-4.° ornados de lindas estampas por Femimore Cooper 8\$000

LIVROS A VENDA

NA

LIVRARIA GARNIER

69 RUA DO OUVIDOR 69.

O Genio do Christianismo, por Chateaubriand, traduzido por Antonio Feliciano de Castilho e José da Silva Mendes Leal Junior, 1 vol. in-folio ornado de muitas gravuras. 7\$000

O Enredador, divertida farça, 1 vol. \$500

Eufemia ou o triumpho da religião, drama de M. Arnauld, traduzido por M. M. B. du Bocage, 1 vol. in-8. 1\$000

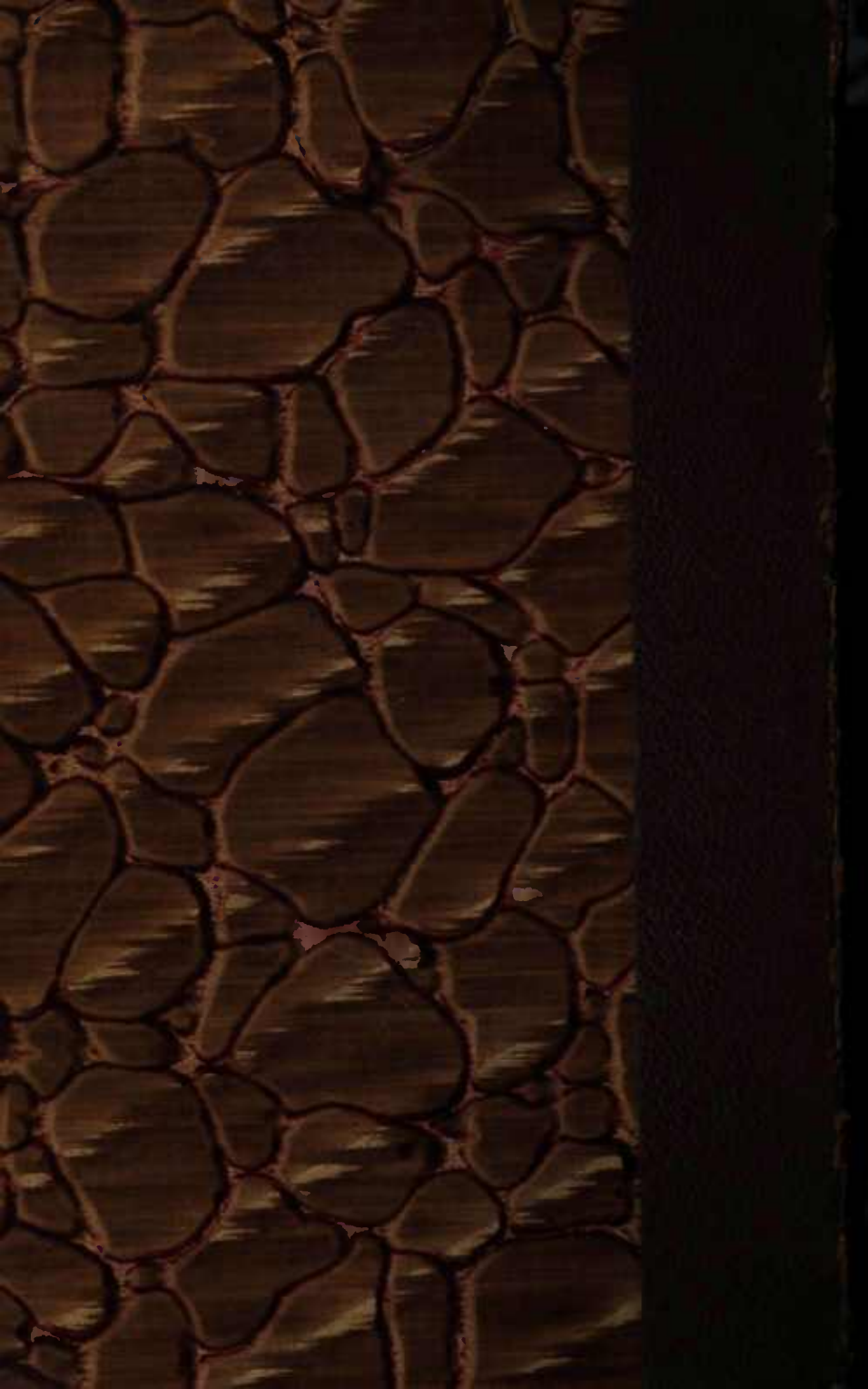
O tributo das cem donzellas, drama em 5 actos por Mendes Leal, 1 vol. in-8.º br. 1\$000

Pelayo ou o restaurador de Hespanha, romance historico por D. Juan de Dias Mora, 2 vol. in-4.º com estampas. 6\$000

Gloria, riquezas e honras, ou Gilberto e Gilberta, por Eugenio Sue, 6 vol. in-4.º enc. 6\$000

Justiça, drama em 2 actos por Camillo Castello-Branco, 1 vol. 1\$000

O conselho dos dez em Veneza, ou historia da machina infernal, 1 vol. enc. 3\$000



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).